

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE (UNIARP)**

**MESTRADO ACADÊMICO EM DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE**

**ADENES SABINO SCHWANTZ**

**EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE ALUNOS DE  
GRADUAÇÃO EM UMA IES CATARINENSE**

**CAÇADOR - SC**

**2019**

**ADENES SABINO SCHWANTZ**

**EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE ALUNOS DE  
GRADUAÇÃO EM UMA IES CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade, Linha de Pesquisa Desenvolvimento Organizacional e Sustentabilidade, da Universidade Alto Vale do Rio Do Peixe (UNIARP), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Desenvolvimento e Sociedade.**

Orientador: Prof. Dr. César Augustus Winck

**CAÇADOR**

**2019**

Catálogo Fonte, elaborada pela Bibliotecária: Célia De Marco / CRB14-692 da  
Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP – Caçador – SC.

---

S398e

Schwantz, Adenes Sabino Schwantz

Educação e alfabetização financeira de alunos de graduação em uma ies  
catarinense. Adenes Sabino Schwantz. Caçador, SC. EdUNIARP: 2019.

144f

Orientador: Prof. Dr. César Augustus Winck

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e  
Sociedade, Linha de Pesquisa Desenvolvimento Organizacional e Sustentabilidade,  
da Universidade Alto Vale do Rio Do Peixe (UNIARP), como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Sociedade.

1. Finanças pessoais. 2. Comportamento financeiro. 3. Ensino superior. I. Marques,  
Circe Mara. II. TITULO.

CDD: 370

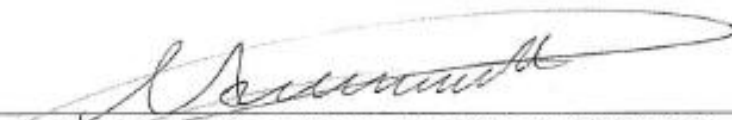
---

**ADENES SABINO SCHWANTZ**

**EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE ALUNOS DE  
GRADUAÇÃO EM UMA IES CATARINENSE**


**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação** apresentada no Curso de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Desenvolvimento e Sociedade**.

**BANCA EXAMINADORA**



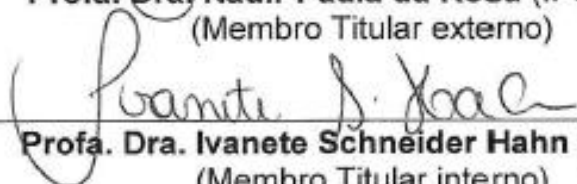
---

**Prof. Dr. César Augustus Winck** (UNIARP)  
(Presidente da Banca/ Orientador)



---

**Profa. Dra. Nadir Paula da Rosa** (IFC/Videira)  
(Membro Titular externo)



---

**Profa. Dra. Ivanete Schneider Hahn** (UNIARP)  
(Membro Titular interno)

Caçador, SC, 21 de outubro de 2019.

*Dedico este trabalho à Taiana, minha esposa e companheira de todas as horas, que sempre me incentivou. E também aos meus pais, Adolfo e Semilda, que estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Vamos lá então, aos agradecimentos. Mesmo sendo de origem humilde, sempre tive a vontade de deixar algo para a posteridade, descobri como fazer isso através da pesquisa e da profissão que hoje exerço.

Agradeço à várias pessoas que me ajudaram e instigaram até chegar aqui. Professor Roney que lá no ensino médio me desafiou ao apresentar algo que eu não conhecia e não entendia: a eletricidade. Professor Steve Uhlig, ao me apresentar o mundo da pesquisa científica e a busca por coisas novas. Professor André Geraldo, ao sempre incentivar a se dar aquele passo a mais em nossos projetos acadêmicos.

Agradeço muito ao meu orientador, Professor César Augustus Winck, por compartilhar sua sabedoria, sempre acreditar nesse projeto e trazer luz para o caminho que percorri durante o mestrado.

Aos professores do PPG Desenvolvimento e Sociedade da UNIARP, tenham certeza que seja em uma frase ou sentença, ou muito mais, todos estão representados nessa dissertação e ajudaram a construí-la.

Às professoras Ivanete e Nadir, que não só avaliaram essa pesquisa, mas deram contribuições fundamentais na etapa de qualificação, ajudando a tornar o trabalho mais completo.

Aos meus pais, Adolfo e Semilda, que apesar de grande inteligência, não tiveram a oportunidade que eu tive de estudar, sintam-se aqui representados. Graças a vocês cheguei até aqui.

Ao IFC *campus* Videira, seja na flexibilização de horários seja com os excelentes profissionais que possui e ajudaram em diversas etapas dessa pesquisa.

Ao IFC como instituição, que através do seu Programa de Bolsas de Incentivo à Qualificação me auxiliou enormemente nessa etapa de pós-graduação.

Às colegas de Mestrado Gislaíne, Luiza e Alessandra, que tantas caronas dividimos, risos compartilhamos e artigos escrevemos.

Agradeço também a todos os estudantes que participaram da pesquisa, questionaram, opinaram e contribuíram de diversas formas.

Por fim, e mais importante, à minha esposa Taiana, que sempre esteve ao meu lado durante todas as etapas desse trabalho, incentivando e apoiando.

Muito Obrigado!

*“Talento é mais barato que sal. O que separa a pessoa talentosa da bem-sucedida é muito trabalho duro”.*

Stephen King

## RESUMO

Educação financeira e alfabetização financeira são termos que se confundem facilmente. Enquanto o primeiro se define como um processo em que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão sobre conceitos, riscos e produtos financeiros, o segundo se traduz como uma associação de consciência, habilidade, conhecimento e comportamento necessário para tomar decisões relacionadas a finanças, bem como alcançar o próprio bem-estar financeiro. Informação e conhecimento financeiro surgem como ferramentas importantes na obtenção do bem-estar individual e social. Desta forma, combinando-se os resultados dessa investigação com a análise da influência de fatores individuais, alinha-se a proposta do PPGDS, se elucidando as diferentes relações entre esses conceitos e fatores. Esta pesquisa buscou investigar e analisar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense. Além disso, o estudo objetivou identificar e elencar fatores e comportamentos influentes em sua educação e alfabetização financeira. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e de natureza quantitativa, com temporalidade transversal. A coleta dos dados foi realizada via questionário estruturado, sendo que todos os estudantes de graduação da instituição foram convidados a respondê-lo, totalizando ao final uma população amostral de 399 estudantes. Entre os respondentes, 57,64% dos alunos foram considerados alfabetizados e educados financeiramente, de acordo com a escala proposta. Tal percentual se encontra em linha com a média de países com economias maduras e elevados índices socioeconômicos, tais como os do continente europeu. Essa média é, ainda, amplamente superior à da maioria dos países da América Latina. De cada quatro estudantes, três possuem pelo menos um ativo financeiro. Uma parcela dos estudantes possui elevado conhecimento financeiro e utiliza formas sofisticadas de investimento. Comportamentos e atitudes dos estudantes de cunho positivo, tais como planejamento de seu futuro e demanda por conhecimento se destacaram, bem como um considerável índice de participação no mercado acionário. Ainda, evidenciou-se que fatores como região de origem, renda, empregabilidade e tipo de residência não influenciaram de maneira significativa no nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes. No entanto, gênero, formação, escolaridade dos pais e idade se mostraram influentes neste nível analisado.

**Palavras-chave: Finanças Pessoais. Comportamento Financeiro. Ensino Superior.**



## **ABSTRACT**

Financial education and financial literacy are terms easily confused. While the former is defined as a process in which consumers and investors sharpen their understanding of financial concepts, risks, and products, the latter translates as an association of awareness, skill, knowledge, and behavior needed to make financial decisions as well as achieve one's own financial well-being. Financial information and knowledge emerge as important tools in achieving individual and social well-being. Thus, the combination of the results of this investigation with the analysis of the influence of individual factors, aligns with the PPGDS proposal, elucidating the different relationships between these concepts and factors. This research aimed to investigate and analyze the level of education and financial literacy of undergraduate students of the Instituto Federal Catarinense. In addition, the study aimed to identify and list factors and behaviors influencing their education and financial literacy. The research is characterized as descriptive and quantitative in nature, with transverse temporality. Data collection was performed through a structured questionnaire, and all undergraduate students of the institution were invited to answer it, totaling a sample population, at the end, of 399 students. Among respondents, 57.64% of the students were considered literate and financially educated, according to the proposed scale. This percentage is in line with the average of countries with mature economies and high socioeconomic indexes, such as those of the European continent. This average is still vastly higher than in most Latin American countries. Out of four students, three have at least one financial asset. A portion of the students have high financial knowledge and use sophisticated forms of investment. Positive student behaviors and attitudes, such as planning for their future and demand for knowledge, stood out, as well as a considerable rate of stock market participation. Furthermore, it was evidenced that factors such as region of origin, income, employability and type of residence did not significantly influence the level of education and financial literacy of students. However, gender, previous education, parental education and age were influential on this level.

**Keywords: Personal Finance. Financial Behavior. Higher Education.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interdisciplinaridade da pesquisa.....	22
Figura 2 – Santa Catarina (em destaque) no Brasil.....	26
Figura 3 – Os <i>campi</i> do Instituto Federal Catarinense.....	46
Figura 4 – Dendograma genérico.....	57
Figura 5 – Distribuição de idade (em anos) dos sujeitos.....	60
Figura 6 – Ativos financeiros dos estudantes.....	81
Figura 7 – Dendograma dos seis <i>clusters</i> formados.....	104

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Principais conceitos e dimensões relacionados com Alfabetização Financeira.....	29
Quadro 2 – Principais autores e estudos relacionados com o tema de pesquisa.....	40
Quadro 3 – Quantitativo de matrículas de graduação por <i>campus</i> do IFC.....	46
Quadro 4 – Visão geral dos cursos de graduação do IFC.....	47
Quadro 5 - Classificação da pesquisa.....	49
Quadro 6 – Visão geral do instrumento de pesquisa.....	52
Quadro 7 – Roteiro do questionário considerando os aspectos da pesquisa a serem atendidos.....	52
Tabela 1 – Distribuição da amostra por Gênero, Estado de Origem e Região.....	59
Tabela 2 – Distribuição das variáveis relativas ao IFC.....	60
Tabela 3 – Distribuição das variáveis relacionadas com Formação, Residência e Escolaridade.....	62
Tabela 4 – Distribuição das variáveis financeiras da amostra.....	64
Tabela 5 – Estatística descritiva das perguntas da Seção II.....	66
Tabela 6 – Respostas às questões da Seção III.....	73
Tabela 7 – Respostas às questões da Seção IV.....	77
Tabela 8 – Análise descritiva completa para Idade e Escore Financeiro.....	85
Tabela 9 – Regressão linear multivariada para o Escore Financeiro.....	89
Tabela 10 – Regressão linear multivariada para a educação financeira.....	96
Tabela 11 – Regressão linear multivariada para alfabetização financeira.....	99

Tabela 12 – Quantidade geral de sujeitos por <i>cluster</i> .....	103
Tabela 13 – Quantidade específica de sujeitos por <i>cluster</i> .....	104
Tabela 14 – Clusters formados e variáveis avaliadas.....	105
Tabela 15 – Distribuição de gênero, por <i>cluster</i> .....	108
Tabela 16 – Distribuição de tipo de formação, por <i>cluster</i> .....	108
Tabela 17 – Distribuição de emprego, por <i>cluster</i> .....	110
Tabela 18 – Distribuição de renda, por <i>cluster</i> .....	111
Tabela 19 – Distribuição de residência, por <i>cluster</i> .....	112
Tabela 20 – Distribuição da variável dívidas, por <i>cluster</i> .....	113
Quadro 8 – Características gerais dos <i>clusters</i> formados.....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANOVA – *Analysis of Variance* – Análise de Variância  
BACEN – Banco Central do Brasil  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
COPOM – Comitê de Política Monetária  
CV – Coeficiente de Variabilidade  
DPVAT – Danos pessoais causados por veículos automotores de via terrestre  
ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IC – Intervalo de Confiança  
IDEC – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
IES – Instituição de Ensino Superior  
IF – Instituto Federal  
IFC – Instituto Federal Catarinense  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
NY – Nova York  
OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PIB – Produto Interno Bruto

PISA – *Programme for International Student Assessment* – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

RS – Estado do Rio Grande do Sul

SC – Estado de Santa Catarina

SELIC – Sistema Especial de Liquidação e Custódia

SP – Estado de São Paulo

SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TV – Televisão

UF – Unidade Federativa

UNIARP – Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	18
1.2 INTERDISCIPLINARIDADE DA PESQUISA.....	21
1.3 PROBLEMA .....	23
1.4 OBJETIVOS.....	24
<b>1.4.1 Geral .....</b>	<b>24</b>
<b>1.4.2 Específicos .....</b>	<b>24</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>26</b>
2.1 UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL .....	26
2.2 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA .....	28
2.3 EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL .....	30
2.4 PLANEJAMENTO, ACESSO AO CRÉDITO E CONSUMO.....	32
2.5 CONCEITOS RELACIONADOS COM FINANÇAS PESSOAIS.....	33
<b>2.5.1 Conceito de Economizar .....</b>	<b>34</b>
<b>2.5.2 Conceito de Empréstimo .....</b>	<b>35</b>
<b>2.5.3 Conceito de Seguro .....</b>	<b>37</b>
<b>2.5.4 Conceito de Investimento.....</b>	<b>38</b>
2.6 MENSURANDO A EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA .....	40
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	43
<b>3.1.1 Quanto à Abordagem.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1.2 Quanto aos Meios .....</b>	<b>44</b>
<b>3.1.3 Quanto aos Fins .....</b>	<b>44</b>
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	45

3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS .....	48
<b>3.3.1 Técnicas e Instrumentos de Coleta dos Dados .....</b>	<b>50</b>
<b>3.3.2 Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados .....</b>	<b>53</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>58</b>
4.1 PERFIL DA AMOSTRA .....	58
4.2 ASPECTOS COMPORTAMENTAIS .....	66
4.3 AVALIANDO O CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES.....	72
<b>4.3.1 Educação Financeira dos Estudantes.....</b>	<b>72</b>
<b>4.3.2 Alfabetização Financeira dos Estudantes.....</b>	<b>76</b>
<b>4.3.3 Ativos Financeiros dos Estudantes.....</b>	<b>80</b>
4.4 NÍVEL DE EDUCAÇÃO E ALFABETIZACAO FINANCEIRA DOS ESTUDANTES E FATORES INFLUENTES.....	83
<b>4.4.1 Regressão Linear Multivariada para Escore Financeiro.....</b>	<b>88</b>
<b>4.4.2 Fatores Influentes na Educação Financeira .....</b>	<b>95</b>
<b>4.4.3 Fatores Influentes na Alfabetização Financeira .....</b>	<b>99</b>
4.5 ANÁLISE DE AGRUPAMENTO .....	102
<b>4.5.1 Análise Descritiva dos Grupos Formados .....</b>	<b>105</b>
<b>4.5.2 Variáveis em Destaque nos Grupos Formados.....</b>	<b>108</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Indivíduos e famílias diariamente tomam importantes decisões econômicas, incluindo decisões financeiras. Enquanto algumas decisões podem ser tomadas baseadas em experiência ou idade, por exemplo, outras, mais complexas, requerem informação, habilidade e educação.

De acordo com D'Aquino (2011), a educação financeira, não pode ser privilégio de pessoas ricas ou de classe média. São justamente as camadas menos favorecidas da população a quem se deve dar prioridade neste aspecto. É sobretudo a essas pessoas, de esparsos recursos, a quem se deve prover o conhecimento de como ganhar, gastar e poupar dinheiro.

Governos, empresas e entidades de todo o mundo deveriam de ensinar sua população a lidar de forma eficiente com seu dinheiro, com o objetivo de que seus cidadãos vivam dignamente durante as diversas fases de suas vidas (OECD, 2013a). Nesse sentido, recentemente no Brasil, o Banco Central (BACEN) participou da interlocução com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), para a inclusão do tema Educação Financeira na Base Nacional Comum Curricular (BACEN, 2018). Dessa forma, logo se evidencia uma preocupação inicial, em nível de Estado, com o tema.

Indivíduos economicamente ativos, especialmente os jovens, se deparam com desafios pessoais e econômicos diariamente. Focando nos adultos jovens, vários acabaram de deixar o ensino médio, ingressaram na faculdade, ou estão começando em seu primeiro emprego. Essas situações resultam em uma maior busca e necessidade de produtos e serviços financeiros, assim como habilidade em como gerenciar seus recursos.

Atualmente, no Brasil, o vínculo das pessoas é muito forte com a poupança, como principal ativo financeiro, no qual somente 19% daqueles que investem não possuem essa aplicação. Investidores pessoa física na bolsa de valores brasileira, Bolsa, Brasil, Balcão - B<sup>3</sup>, são menos de 0,5% da população. Enquanto isso, em países economicamente desenvolvidos, tomando os Estados Unidos da América como exemplo, esse número chega próximo a 20% da população (B3, 2019).

Seja na forma de uso de produtos financeiros ou nos hábitos de poupança, percebe-se a influência das decisões financeiras na vida das pessoas. Por conseguinte, deve-se atentar a importância do tema educação financeira para a sociedade contemporânea. Além disso, uma pessoa educada financeiramente possui

uma maior possibilidade de tomar decisões acertadas, resultando em bem-estar econômico e social para si mesma e para as pessoas que a cercam (DANTAS, 2015).

A educação, bem como alfabetização financeira, ainda, é parte integrante e fundamental da construção da cidadania, bem como sua formação. Não só por estar presente no dia a dia, na forma do uso do dinheiro, quando se compra, vende ou investe, mas também por ter parte na construção de um pensamento crítico. A importância de ser educado, bem como alfabetizado, financeiramente reflete na atitude dos cidadãos em como lidar com suas finanças, observar à macro e a microeconomia, traçar planos e metas, influenciando diretamente suas vidas e de seus familiares.

Ainda, existe a questão do crédito. Contrair uma dívida, via empréstimo ou financiamento, é uma situação pouco complexa. Porém, quitar essa dívida, em diversos casos, pode ser extremamente difícil. Usualmente as pessoas assumem dívidas, as quais não conseguem sustentar, devido à falta de educação financeira. Para alguns indivíduos o ciclo de contrair dívidas e a dificuldade em quitá-las pode durar durante toda sua vida. Nesse meio tempo, a pessoa vive sem poupar ou estar preparada para imprevistos ou sequer planejar sua aposentadoria.

De acordo com Potrich *et al.* (2013) menos de 30% dos jovens universitários afirmaram que possuíam uma reserva financeira para eventuais emergências. Ainda, Santos *et al.* (2016) avaliaram o uso do crédito entre universitários em um estudo internacional, envolvendo Brasil e Estados Unidos da América. Os autores apontaram para uma correlação positiva significativa entre o mau uso do crédito e a falta de educação e alfabetização financeira dos estudantes.

Por fim, avaliando residentes de um estado brasileiro, Potrich *et al.* (2014) verificaram que menos da metade dos respondentes compreendiam o conceito básico de inflação. Quando comparado, o entendimento do mesmo conceito com jovens universitários (POTRICH *et al.*, 2013) o número cai, surpreendentemente, para apenas 14%.

Associado a vertente do crédito, ainda, existe o estímulo para o consumo, gerando o endividamento de famílias, além de crises micro e macroeconômicas. Estes fatores, por sua vez, levam à recessão, desemprego e insegurança (ARAÚJO, 2009). Evidencia-se uma situação vivida em um passado recente no país: O crédito facilitado para aquisição de imóveis e veículos teve papel importante na grave crise financeira

ocorrida em seguida, que levou o país a uma forte recessão (OREIRO; D'AGOSTINI, 2017).

Com as crescentes preocupações acerca do futuro, haja vista os problemas enfrentados pela previdência social brasileira, a população em geral e, em especial, os jovens, não pode contar, exclusivamente, com a capacidade do Estado de fornecer uma aposentadoria tranquila (SOUZA; KROM, 2017). Uma segurança em idade avançada perpassa por foco, disciplina e educação financeira, de modo a construir sua independência do Estado. Dessa forma é possível alcançar uma sociedade mais equilibrada, racional e funcional.

Esta pesquisa, então, visou analisar essas e outras variáveis pertinentes ao tema, no âmbito do estado de Santa Catarina, com o intuito de levantar dados relacionados com o tópico na região. Isso foi realizado de forma a analisar o nível de educação e alfabetização financeira, focado no público do ensino superior, mais especificamente alunos de graduação do Instituto Federal Catarinense.

Isto posto, apresentou-se a proposição de investigação do nível de educação e alfabetização financeira de uma parcela de nossa sociedade. Está delimitação se faz necessária, visto a alcançar resultados que melhor retratam a realidade. Destaca-se nessa temática, os discentes do ensino superior. Estes jovens estão no começo de sua vida adulta, e iniciam esta etapa de vida com grandes responsabilidades, como por exemplo, administração de orçamento doméstico, gerenciamento de contas e empenho na faculdade (SILVA; SOUZA; FAJAN, 2015).

Desta forma, averiguou-se as características e comportamentos financeiros referentes aos discentes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública federal, localizada em Santa Catarina, o Instituto Federal Catarinense (IFC). A IES em questão, objeto desse estudo, conta com 15 *campi*, e está presente em todas as regiões do estado. Quanto aos sujeitos a serem abrangidos pela pesquisa, totalizam uma quantidade superior a cinco mil estudantes (MEC/SETEC, 2019) distribuídos entre mais de 40 cursos superiores de graduação, divididos em superior de tecnologia, bacharelado e licenciatura.

Pesquisando-se o nível de educação e alfabetização financeira desse grupo, integrante da sociedade catarinense e, em sua maioria, da população economicamente ativa, com indivíduos provenientes das diversas camadas sociais, supõe-se possuir uma amostra próxima da realidade, em termos gerais, da sociedade

como um todo. Além disso, foi possível identificar o comportamento financeiro destes jovens e futuros profissionais que amanhã estarão na vanguarda dos rumos da região e do país.

Finalmente, também foi avaliada a influência de diferentes aspectos nas atitudes e comportamentos dos sujeitos da pesquisa. Com isso realizou-se um levantamento de dados, englobando o aspecto regional, possibilitando um comparativo futuro com outras regiões do país, além de ampliação do conhecimento e entendimento da situação em Santa Catarina.

Ainda, os resultados apresentados, podem servir de norteadores para políticas públicas, seja em âmbito local ou regional, dentro do estado de Santa Catarina, como também em nível institucional, dentro do IFC. Dessa forma, os mesmos vêm com o intuito de promover o desenvolvimento regional, bem como a sustentabilidade social.

A dissertação aqui apresentada integra a linha de pesquisa Desenvolvimento Organizacional e Sustentabilidade – Linha 1, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), *campus* Caçador, SC.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Sabe-se que a população universitária vem crescendo ano a ano no país, como apontado pela Organização das Nações Unidas no Brasil (ONU Brasil) (2017). Esses jovens representam parcela significativa da população, não somente a si mesmos como membros da sociedade, mas também como população economicamente ativa. Ainda, em numerosos casos, geram expectativas positivas em suas famílias, visto que estes familiares vislumbram nestes jovens, possibilidades reais de um futuro melhor, do que aquele que eles próprios tiveram.

Ainda nesse contexto, a universidade não é mais formada apenas por jovens recém-saídos do ensino médio. Os adultos também retornaram aos estudos, e se encontram cursando nível superior. Dentre os diversos motivos, pode-se destacar a busca pela melhor qualificação profissional, e por consequência melhores salários (HOPER, 2012; ONU, 2017). Isso vem ao encontro, muitas vezes, da busca em proporcionar um padrão de vida melhor para si e para sua família. Nessa linha, ainda é importante destacar que o Brasil, já em 2012, era o país com maior número de instituições de ensino superior com fins lucrativos do mundo (HOPER, 2012). Assim

sendo, o aspecto financeiro mostra-se importante até mesmo ao se escolher uma instituição de ensino superior, dentre as diversas opções existentes.

Diante disso, pode-se notar que a grande oferta de ensino superior, também promove a pluralidade de pessoas e ideias presentes neste nível educacional. Sejam jovens saídos da adolescência, que logo estarão no mercado de trabalho, ou mesmo adultos que já tem seus empregos e estão em face de uma possível substancial ascensão na carreira profissional. Tendo isso em vista, cabe-se avaliar como estes indivíduos lidam agora com suas finanças pessoais, quais seus comportamentos e planos.

Como Tachibana *et al.* (2015) mostram em seu estudo, cerca de 40% dos ingressantes no ensino superior, em 2012, possuíam 25 anos ou mais. Os matriculados nessa faixa etária correspondiam a 45% do total de matrículas nesse mesmo ano. Nesse nível de ensino encontram-se indivíduos recém-saídos da adolescência e outros já em plena vida adulta.

Ainda, em relação à classe social, renda e regionalidade, pode-se notar que, com a ampliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o ensino superior brasileiro promove a ampla oferta de vagas e universalização do ensino. Com isso nas instituições de ensino superior, encontram-se estudantes de todas as classes sociais, idades e diversas regiões de origem, como apontado no estudo promovido por Tachibana *et al.* (2015).

Dessa forma, na impossibilidade de analisar os dados em relação à sociedade brasileira em geral, ou mesmo catarinense, percebe-se interessantes alternativas. O ensino superior, além de toda a importância e impacto nas gerações futuras e na sociedade de amanhã, também fornece uma excelente amostra diversa de indivíduos (INEP, 2018). Ademais, pode-se ainda avaliar, mesmo que de forma reduzida, comportamentos da sociedade em geral que se refletem nessa população diversificada que compõe o ensino superior. Neste caso, analisando uma instituição federal, pública e localizada em Santa Catarina, teve-se os elementos aqui explanados, principalmente no tocante à heterogeneidade dos estudantes.

Praticamente somente aquele indivíduo interessado no assunto busca conhecimento sobre educação financeira (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010). Ainda que essa afirmação permaneça válida nos dias de hoje, percebe-se um

crescimento importante no número de pesquisas, além de diversos projetos de implantação de sistemas e métodos de difundir a educação e alfabetização financeira.

No Brasil, uma parcela importante da população enfrenta diversos problemas ocasionados pelas desigualdades sociais, e essa não é uma situação exclusiva dos dias atuais (PONTES, 2018). Com isso, o indivíduo egresso do nível superior, tendo logrado êxito, necessita se portar como agente de mudança e promover a transformação dessa sociedade, e não contribuir para agravar os problemas sociais atuais, como o caso das desigualdades.

No entanto, necessita-se determinar se hoje esses indivíduos detêm uma meta ou um plano. Se forem munidos de adequado conhecimento e, se além de educados formalmente, são, também, educados e alfabetizados financeiramente. Transformações pessoais e sociais passam por disciplina e planejamento. No caso de planejamento financeiro, tanto para pessoas como para empresas, destaca-se como a definição de uma meta, seguindo uma programação a fim de atingir um objetivo. Tal estratégia pode ter uma janela de curto, médio ou longo prazo. Aquele indivíduo que visa usufruir de uma condição confortável no futuro, necessita saber antecipadamente suas metas e traçar um plano para atingi-las (MELO, 2012).

Por fim, a factibilidade da pesquisa, bem como sua particularidade, veio ao delimitar o tema ao ensino superior dentro do contexto regional, no estado de Santa Catarina. Ao aplicar essa pesquisa em apenas uma instituição, tornou-se a análise viável e exequível.

De acordo com dados relativos às finanças comportamentais, atualmente no Brasil, abaixo de 10% da população economicamente ativa toma decisões financeiras pessoais corretas ou fazem as escolhas mais acertadas relativas ao consumo e investimento (AMBIMA, 2019). Tendo o estado de Santa Catarina uma das maiores rendas *per capita* (IBGE, 2019) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (IBGE, 2010) do país, bem como um diminuto número de pesquisas relacionando essas variáveis à educação e alfabetização financeira, evidencia-se a importância e justifica-se a pesquisa. Ainda, escolhendo-se uma IES pública e presente em todas as regiões do estado, adquiriu-se uma amostra interessante e diversa, além desta englobar os sujeitos de interesse dessa pesquisa.

## 1.2 INTERDISCIPLINARIDADE DA PESQUISA

A ciência moderna se estrutura em diversos saberes ou disciplinas. Não se questiona de modo algum a necessidade e a importância dessas especificidades científicas. Porém, esta especialização da ciência por vezes a torna demasiadamente fragmentada (BARRY; BORN; WESZKALNYS, 2008). Essa tendência vai de encontro ao escopo científico principal, de compreender o micro para aperfeiçoar o macro.

Essa concentração científica é muito bem abordada por Alvarenga *et al.* (2011, p. 31), “a chamada tecnociência é ambivalente e essa ambivalência e seus benefícios e riscos deve-se a ausência de autorreflexão e à concentração, na esfera político-econômica, do poder gerado por essa modalidade científica”.

Ainda, Pombo (2003) aborda o tema, e salienta que, essa especialização em demasia, foi alcançada através de custos científicos como de novas formas de “enquadramento institucional da atividade científica [...] que levou a uma institucionalização do trabalho científico absolutamente devastadora e de que estamos hoje sofrendo com as consequências” (p.4).

Seguindo essa linha, em termos atuais, a pesquisa se tornou demasiadamente especializada. Nesse sentido, a interdisciplinaridade se apresenta como alternativa para um movimento contrário. Esse movimento resgata a pesquisa, da especialização de volta para um olhar mais abrangente.

Assim, sabe-se que o verdadeiro conhecimento é interdisciplinar, e olhando-se este microscopicamente pode-se claramente ver fragmentos pertencentes às diversas áreas do conhecimento, ou assim chamadas, disciplinas (ALVARENGA *et al.*, 2011).

Com isso novos conceitos surgem, como transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Com diversas áreas do conhecimento agregadas, novas áreas mais amplas, despontam, abordando problemas e buscando soluções através de uma nova ótica. Essa nova abordagem permite, mais uma vez, a transposição das barreiras até então existentes para a ciência moderna.

A pesquisa interdisciplinar pode ser realizada tanto por indivíduos como por equipes. Tal pesquisa se caracteriza pela integração de informações, dados, técnicas, ferramentas, perspectivas, conceitos e teorias, tudo entre os diferentes participantes, concatenando as distintas disciplinas ou campos do conhecimento. Tal esforço ocorre no sentido de avançar e ampliar o conhecimento básico ou solucionar problemas cujas

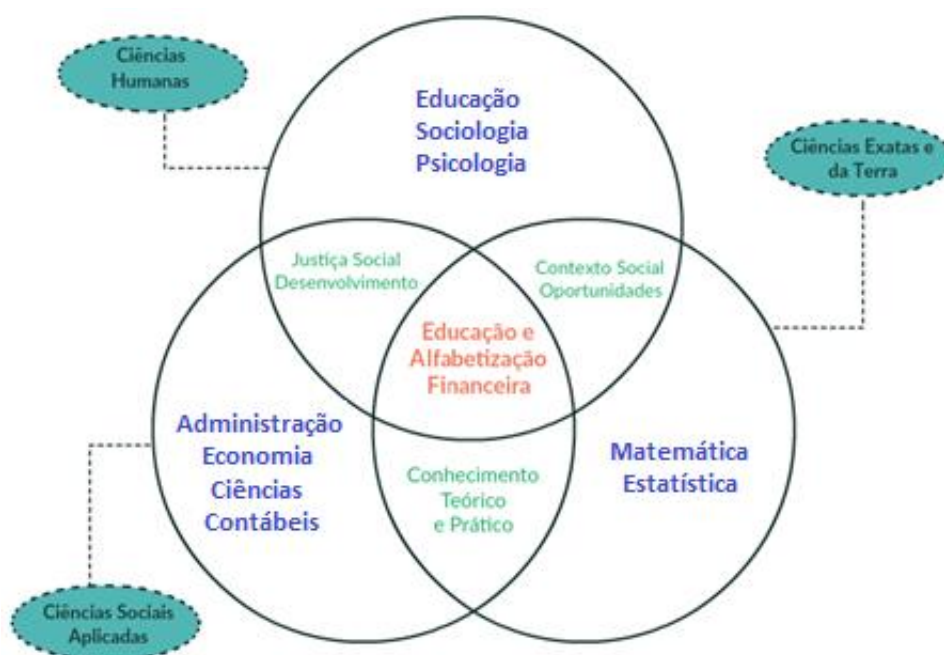
soluções estão além de uma área do conhecimento ou disciplina isolada (ACADEMIA NACIONAL AMERICANA, 2004).

A presente pesquisa abordou como tema principal a Educação e Alfabetização Financeira. O próprio tópico não se caracteriza, por assim dizer, como uma disciplina específica do conhecimento. Embora existam linhas de pesquisa relacionadas com o assunto, estas envolvem pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento, evidenciando a natureza interdisciplinar do tópico.

As áreas-base, estruturando essa pesquisa, envolvem Educação, Economia, Administração e Matemática. Ainda pode-se mencionar Sociologia, Estatística e Ciências Contábeis, pois a pesquisa abordou e investigou aspectos comportamentais e de planejamento. Dividindo-se dessa forma entre as grandes áreas do conhecimento em Ciências Humanas (Educação, Sociologia e Psicologia), Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Economia e Ciências Contábeis), além de Ciências Exatas e da Terra (Matemática e Estatística) (CAPES, s. d.).

Por meio de um mapa visual é possível observar de uma maneira mais generalista como estas áreas do conhecimento e suas respectivas disciplinas se relacionam. Ainda é importante apontar os conceitos que interligam essas variáveis, conforme pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1** – Interdisciplinaridade da pesquisa



Fonte: Autor (2019).



Como se pode pensar em um primeiro momento, as áreas do conhecimento e disciplinas postas acima, parecem desconectadas. Porém, ao analisar-se mais de perto, percebe-se que alguns tópicos interessantes surgem quando essas disciplinas são vistas de uma forma mais abrangente, além de relacioná-las em um contexto social específico. Esses tópicos, em geral, não são abordados isoladamente por ciência alguma, isoladamente. As disciplinas elencadas, separadamente, pertencem a campos específicos do conhecimento. No entanto, quando relacionadas entre si, se observam novas possibilidades, tanto de alavancagem e ampliação do conhecimento, como de pesquisas acadêmicas básicas ou aplicadas.

Importante autor do campo da interdisciplinaridade, Morin (2000), tece uma ponderação em relação ao pensamento interdisciplinar, e apresenta a busca por este. O autor também destaca a simplicidade obtida pela desagregação da complexidade, isso obtido por meio da ordem, separação, redução e razão (MORIN, 2000). Tendo esses conceitos claros, a abordagem acima proposta visou aplicar essa lógica e pensamento no encaixe por lograr êxito na pesquisa e atender plenamente os objetivos propostos.

Nesse intuito, a associação de conhecimentos básicos e comuns, referentes as disciplinas acima elencadas, podem promover uma transformação interessante do paradigma social relacionado com a realidade da pesquisa.

### 1.3 PROBLEMA

Seguindo a introdução e justificativa à pesquisa, apresentadas anteriormente, percebe-se a necessidade e importância de verificar o nível de educação e alfabetização financeira dos sujeitos da pesquisa. Diversos estudos acadêmicos (CHEN; VOLPE, 1998; SOHN *et al.*, 2012; LIZOTE; VERDINELLI, 2014; ERGUN, 2018) apontam para um baixo nível de alfabetização financeira entre pessoas jovens. Esse fato decorre da baixa, ou até inexistente, educação financeira recebida por esses indivíduos. Tais fatos associados podem resultar na criação, ou perpetuação, de diversos problemas financeiros enfrentados por essas pessoas, resultando nos mais diversos impactos sociais.

O estado de Santa Catarina apresenta indicadores sociais em destaque no cenário nacional, além de indicadores econômicos em constante crescimento (IBGE,

2019), na contramão do que ocorre, na média, com os indicadores que englobam o Brasil como um todo, na última década (PONTES, 2018).

É interessante investigar as causas dessa disparidade positiva. Sendo assim é importante analisar se a educação e alfabetização financeira da população se destacam também, comparadas com o restante do Brasil. Estudos apontam que os fatores como renda e educação financeira, em geral, apresentam uma correlação positiva (LUSARDI; TUFANO, 2015).

Uma vez que, até esse momento, não foi realizado um grande quantitativo de pesquisas direcionadas à educação e alfabetização financeira dos catarinenses, jovens e adultos, apresentou-se aqui uma oportunidade interessante de ampliar o conhecimento acerca deste assunto. Explorando tais variáveis (educação e alfabetização financeira) no contexto regional, esperou-se suprir essa lacuna de pesquisa, além de se promover a discussão do tópico.

Esta pesquisa, então, pretende compreender como os jovens cursando graduação, delimitados aos discentes de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina, se comportam em relação à suas finanças pessoais. Além disso, intencionou descrever a percepção e conhecimento dos mesmos nas vertentes educação e alfabetização financeira. Ainda, buscou-se identificar seus hábitos financeiros e de poupança, estabelecendo seus comportamentos e atitudes relacionados com o tema.

Sendo assim, o tema a ser pesquisado, concentrou esforços para responder a seguinte questão:

“Qual o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense?”.

## 1.4 OBJETIVOS

### 1.4.1 Geral

Analisar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense.

### 1.4.2 Específicos

A fim de atingir o objetivo principal dessa pesquisa, bem como responder à pergunta síntese formulada, pretendeu-se:

- Identificar os hábitos financeiros e de poupança dos estudantes;
- Estabelecer o comportamento e as atitudes dos estudantes relacionadas com suas finanças pessoais;
- Descrever a percepção e o conhecimento dos estudantes sobre educação, alfabetização e planejamento financeiro.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo da dissertação será apresentado o referencial de autores utilizados como apoio nessa pesquisa. Além disso, é feita uma síntese dos conceitos, bases e estado da arte em relação ao tema pesquisado, também levando em conta a regionalidade.

### 2.1 UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O estado de Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil, é o vigésimo em área territorial e décimo em população, dentre os 27 estados que compõem a federação (IBGE, 2010; IBGE, 2019). Com uma população de pouco mais de sete milhões de habitantes é comparável com um país como a Sérvia, localizado no leste europeu.

**Figura 2** – Santa Catarina (em destaque) no Brasil



**Fonte:** Autor, adaptado de IFC (2019).

Ainda que o estado, em termos territoriais e de população, não esteja entre os primeiros do *ranking* brasileiro, os índices sociais de Santa Catarina estão entre os mais elevados do Brasil e, inclusive, da América do Sul. Possui a maior expectativa de vida do Brasil, menor taxa de mortalidade infantil, é a unidade da federação com a menor taxa de analfabetismo e possui o terceiro maior IDH do Brasil (IBGE, 2019).

Em termos econômicos, Santa Catarina apresenta a mais baixa desigualdade econômica dentre as Unidades Federativas (UFs), possui o sexto Produto Interno Bruto (PIB) mais alto do Brasil, com indústrias fortes e uma economia diversificada. Destaca-se a sua representatividade de 4,2% no PIB, com forte e constante expansão ao longo das duas últimas décadas (PONTES, 2018).

Mesmo Santa Catarina ocupando uma posição de destaque no cenário nacional, percebe-se que ainda há espaço para desenvolvimento econômico e social. A pesquisa conduzida por Ergun (2018), teve como sujeitos estudantes universitários de países europeus, dos quais muitos destes, estando em igualdade de condições com Santa Catarina, como por exemplo em tamanho territorial, nível de IDH e população.

A pesquisa revelou características importantes, capazes de impulsionar a educação financeira dos sujeitos pesquisados, além de apontar direções claras para políticas públicas passíveis de implementação. Em seus resultados, o autor aponta que a educação e possível alfabetização financeira recebidas na universidade, tendem a ser mais importantes do que as adquiridas em outros estágios da vida e, até mesmo, aquela passada pelos familiares.

Além disso, também apontou que as redes sociais apresentam pouca influência nessa educação e que os estudantes pesquisados pensam que sua aposentadoria se encontra muito distante para pensar a respeito. Sabe-se que estes comportamentos podem ser norteadores de políticas públicas relativas ao tema.

Dessa forma, o desenvolvimento regional, no âmbito de Santa Catarina, pode ser incrementado de forma interessante, no longo prazo, com políticas públicas, disciplinas e ações voltadas à melhoria de níveis de alfabetização financeira de sua população, em especial os mais jovens.

Em âmbito nacional, o planejamento financeiro, que perpassa por educação e alfabetização financeira, exerce influência direta sobre o desenvolvimento econômico. Dados relativos ao Brasil mostram que conforme o endividamento das famílias cresceu, bem como ocorreu paralelamente à diminuição da taxa de poupança, o país caiu no *ranking* mundial do IDH, com a estagnação do indicador. Além disso, o país apresentou um desenvolvimento econômico ínfimo, evidenciando a correlação entre estes fatores (OLIVEIRA, 2015).

Referente ao desenvolvimento local e regional, nota-se que Santa Catarina apresenta indicadores positivos, superiores as médias nacionais, bem como em evidente destaque quando comparado à maioria das UFs. Com isso percebe-se a importância de um olhar direcionado aos indicadores de alfabetização financeira e finanças pessoais da população, relacionando-os com os indicadores socioeconômicos destacados.

## 2.2 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Educação financeira e alfabetização financeira são termos que se confundem constantemente. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), educação financeira se define como um processo que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão sobre conceitos, riscos e produtos financeiros, obtendo informação e instrução, desenvolvendo confiança e habilidade. Dessa forma, se tornando mais conscientes sobre oportunidades e riscos financeiros, fazendo escolhas conscientes e, por conseguinte, tomando ações e rumos com intuito de melhorar seu bem-estar (OECD, 2005).

Ainda, no sentido de promover a consciência e importância do tema, a OECD aponta que “A Educação Financeira se tornou um importante complemento da conduta do mercado e da regulamentação prudencial e melhorou os comportamentos financeiros individuais” (2017, p. 135), sendo esta uma prioridade política de longo prazo em diversos países.

Em complemento, no contexto nacional, existe a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que em seus textos aborda o tema, trazendo bases para compreensão do conceito de Educação Financeira como,

processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos nele envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda, adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consciente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (BRASIL, 2010, p. 57-58).

Conforme o tópico vem evoluindo e se tornando tema constante de debate, a OECD por sua vez, nessa corrente, incorpora em 2012 ao Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) um teste sobre educação financeira (OECD, 2012).

Ainda, nesse desdobramento, surge o termo alfabetização financeira. A OECD (2013a, p. 230) define e conceitua alfabetização financeira como uma “associação de consciência, habilidade, conhecimento e comportamento necessário para tomar decisões relacionadas a finanças, bem como alcançar o próprio bem-estar financeiro”.

Com isso, percebe-se que educação e alfabetização financeira estão intimamente ligadas, porém diferem em sua essência. Enquanto a primeira preza e relaciona conceitos básicos de finanças, tais como definição de juros, taxas, entre outros, a segunda visa empregar esses conceitos em benefício próprio do cidadão, no encaixo pela busca de melhores condições de vida e de bem-estar social (LUCCI *et al.*, 2006; VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

A presente pesquisa, visou investigar características pessoais relacionadas com ambos os termos. No entanto, diante de tantas definições da literatura, certa confusão pode ocorrer. A fim de sanar eventuais problemas relacionados a esse fato, irá considerar-se a alfabetização financeira, ancorada nos preceitos acima elencados, como principal vertente a ser investigada. Ainda nesse sentido, o Quadro 1 compila os principais conceitos relacionados com o termo, bem como suas dimensões e pesquisadores.

**Quadro 1** – Principais conceitos e dimensões relacionados com Alfabetização Financeira

<b>Autores</b>	<b>Conceitos</b>	<b>Dimensões</b>
Criddle (2006)	A escolha de inúmeras alternativas para o estabelecimento dos objetivos financeiros.	Escolha eficaz.
Robb e Sharpe (2009)	O capital humano mais específico, medido através de questões de conhecimentos financeiros.	Conhecimento financeiro.
Hung, Parker e Yoong (2010)	A capacidade de usar o conhecimento e as habilidades adquiridas para uma melhor gestão.	Conhecimento financeiro e habilidades.
Huston (2010)	O conhecimento financeiro e a aplicação desse conhecimento, com autoconfiança na tomada de decisões financeiras.	Conhecimento financeiro e aplicação do conhecimento.
Norvilitis e MacLean (2010)	Vai além da ideia básica da educação financeira, em que a influência do conhecimento financeiro sobre o comportamento é mediada pelas atitudes financeiras.	Conhecimento, comportamento e atitudes.
Remund (2010)	A tomada de decisões financeiras informadas.	Decisões financeiras.

Robb, Babiarz e Woodyard (2012)	A capacidade de compreender a informação financeira e tomar decisões eficazes, utilizando essa informação.	Compreensão e decisão.
Atkinson e Messy (2012); OECD (2013b)	Engloba a alfabetização financeira em três dimensões: o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira.	Conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira.
Lusardi e Mitchell (2014)	Mensurada através de um conjunto de perguntas que medem conceitos financeiros básicos, tais como capitalização de juros, inflação e diversificação de risco.	Conhecimento financeiro.
Santos <i>et al.</i> (2016)	Uso do conhecimento no uso e gerência do crédito.	Conhecimento financeiro e a gerência do crédito e dívida.
Ergun (2018)	O conhecimento financeiro aplicado: teoria e prática.	Conhecimento financeiro e a aplicação deste.

**Fonte:** Adaptado e expandido de Potrich *et al.* (2015).

Observando o quadro, percebe-se uma diversidade de estudos e autores envolvidos com a pesquisa relativa ao tema. Mesmo com a falta de uma definição estritamente clara, ainda se constata um número vasto de pesquisas. Nota-se que a maioria dos estudos focam em medir o conhecimento financeiro. Isso pode ser visto como uma avaliação apenas da educação financeira de forma restrita.

Potrich *et al.* (2015, p. 365) ressaltam que “a maioria das definições norteia conceitos de conhecimento e alguns de forma mais abrangente, mensurando também a aplicação desse conhecimento como conceito de alfabetização financeira”. Essa visão das autoras vem ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Assim sendo, aqui o foco foi de uma investigação mais ampla, não somente pesquisando o conhecimento financeiro dos sujeitos. Para tanto, foi adotada a definição de alfabetização financeira introduzida por OECD (2013a) e apresentada no início deste referencial. Entende-se, assim como ressaltado por OECD (2013a), que o comportamento dos sujeitos em relação às finanças é um elemento de extrema importância a ser investigado e não somente seu conhecimento acerca destas.

### 2.3 EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

O crescimento populacional e econômico são duas variáveis intrinsecamente ligadas e, também, uma preocupação global primordial, tanto no campo teórico quanto no campo prático



As relações entre crescimento populacional e desenvolvimento desafiam estudiosos por muito tempo e referem-se tanto aos impactos do crescimento e estrutura da população sobre o crescimento e a distribuição da renda (crescimento econômico), quanto sobre os impactos do crescimento econômico sobre o crescimento e a estrutura da população. (PAIVA; WAJNMAN, 2005, p.1).

A partir do exposto por Paiva e Wajnman (2005), pode-se observar também que desenvolvimento e educação são fatores que andam juntos. Por muitas vezes olha-se para um e não para outro.

O Brasil apresentou um crescimento populacional elevado e que tende a se estabilizar no futuro (IBGE, 2019). Assim sendo, deve-se preocupar com a educação dessa população em si. Por vezes a educação formal, àquela que prepara para o mundo do trabalho e proporciona meios para os cidadãos proverem o sustento a si e suas famílias, é único foco único de todos os esforços pessoais e políticas públicas.

Dessa forma, a educação e alfabetização financeira, tão importante para administração de bens pessoais, bem-estar social e, além disso, que impacta diretamente na sociedade e rumos do país, direta ou indiretamente, é deixada de lado, frente à educação formal, como evidenciam Kiyosaki e Lechter:

O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida (KIYOSAKI; LECHTER, 2000, p. 22).

Não há necessidade de ser tão enfático quanto os autores, porém o que é retratado por eles, tende ser verdade em vários casos. O assunto proposto a ser abordado é um tema pouco discutido e estudado em escolas brasileiras. O autor Saito, por exemplo, apontava para a existência de uma lacuna ao dizer que: “[...] não há especificamente trabalhos sobre a implantação da Educação em Finanças Pessoais nos currículos nacionais” (2007, p. 7).

No entanto, é importante frisar que a educação financeira não é importante somente do ponto de vista individual. Educação e alfabetização financeira são pontos importantes no processo de desenvolvimento de economias regionais e nacionais, bem como um tema relativo ao exercício da cidadania. A inexistência de educação financeira pode influenciar negativamente no desenvolvimento econômico e social. Ainda, tem papel importante numa perspectiva consumista, influenciando diretamente na sustentabilidade em âmbito mundial (DANTAS, 2015).

É factível a importância dos indivíduos, e da sociedade como um todo, deterem conhecimentos sobre como lidar com questões financeiras. Isso ocorrendo, os consumidores poderão tomar decisões mais acertadas, seja referente ao consumo, endividamento e contratação de produtos financeiros. Consumidores novatos, especialmente os jovens, muitas vezes tomam decisões equivocadas, o que impacta, por vezes seriamente, no decorrer de sua vida (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010).

Dessa forma, como sociedade precisa-se ter em mente atitudes positivas em relação ao consumo, utilização do crédito e sua relação com desenvolvimento econômico e social que se deseja atingir.

#### 2.4 PLANEJAMENTO, ACESSO AO CRÉDITO E CONSUMO

Durante boa parte da metade final do século passado, nosso país conviveu com diversos períodos de hiperinflação (IBGE, s. d.). Tal fenômeno levou a população em geral a carecer de qualquer planejamento financeiro de longo prazo. Comportamento que ocorria na época e persiste ainda hoje. Após a implementação do plano real, o Sistema Financeiro Nacional (SFN), sofreu uma reorganização. A inflação foi controlada, tendo como uma de suas consequências uma ampliação importante da oferta de crédito (SANTOS; D'AGOSTINI, 2017). Nessa vertente, Souza e Torralvo explicam,

que o crescente acesso ao crédito, pode significar problemas na gestão financeira impulsionando o consumo [...] e ainda [...] a rápida expansão do dinheiro eletrônico. Estas e outras mudanças rápidas e profundas atingem os diversos segmentos da população brasileira (SOUZA; TORRALVO, 2008, p. 27).

Ora, a mudança de certos comportamentos poderia resultar em um desenvolvimento social importante e uma diminuição nas desigualdades sociais, levando a uma melhor distribuição de renda.

Porém, infelizmente, não é isso que se observa. Com a oferta de crédito e amplo acesso a bens de consumo, aliados à falta de educação e alfabetização financeira, se tem como resultado um endividamento das famílias, dificuldades das mais diversas, por vezes gerando graves efeitos para a economia como um todo (LUSARDI; TUFANO, 2015; SANTOS; GONZALES, 2018).

Para Araújo (2009), a educação financeira não tem sido tratada com a devida importância pelos documentos oficiais nacionais, que estabelecem as políticas educativas no Brasil. O problema e possíveis formas de resolvê-lo estão postos, portanto, cabe analisar as consequências e dimensões deste. Problema este que se vivencia juntamente com as formas de se implementar a educação financeira de forma mais eficaz no país.

Nesse tocante, faz-se necessário também pensar em termos de longo prazo, bem como praticar um consumo justificável. Há a necessidade de se debater o consumo sustentável e a ética nas relações de consumo. O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), há mais de uma década, já salientava que todos têm um papel pedagógico a ser desenvolvido, discutindo a sociabilidade entre sustentabilidade e consumo, em forma de aviso:

O tema consumo sustentável foi introduzido nas atividades do IDEC não como mais um item de sua extensa agenda de trabalho na defesa do consumidor. O tema foi incorporado como uma decorrência natural da consciência do impasse em que nos encontramos: ou se alteram os padrões de consumo ou não haverá recursos, naturais ou de qualquer outro tipo, para garantir o direito das pessoas a uma vida saudável. Não será possível garantir ao cidadão o direito de acesso universal sequer aos bens essenciais (IDEC, 2005, p. 12).

Dessa forma nota-se que, apesar de específico em certa ótica, o tema pode desencadear sérias consequências, se negligenciado, ou então desenvolver positivamente vários aspectos, econômicos, sociais e pessoais, se abordando de forma concisa.

## 2.5 CONCEITOS RELACIONADOS COM FINANÇAS PESSOAIS

A educação e alfabetização financeira envolvem uma série de conceitos, com os quais os indivíduos podem estar familiarizados ou não. Tais conceitos podem ser de domínio formal ou informal, porém com certeza aqueles indivíduos educados e alfabetizados financeiramente possuem domínio, ainda que em parte, acerca destes.

Dessa forma, nos subitens a seguir, as principais ideias e definições do núcleo da pesquisa serão abordadas.

### 2.5.1 Conceito de Economizar

Tratando-se de finanças pessoais, economia simplesmente se refere à parcela da renda que não foi gasta (OECD, 2005). Expandindo esse conceito pode se dizer que a economia individual realizada em determinado período, representa a parcela da renda disponível que não foi gasta com bens de consumo, mas sim acumulada ou investida diretamente em bens produtivos ou na quitação de dívidas.

Ainda, indiretamente, pode ter sido empregada na compra de títulos ou valores mobiliários. Também, o ato de economizar, representa evitar-se a aquisição de supérfluos. Dependendo do objetivo de poupança, pode-se evitar o consumo desnecessário no curto ou longo prazo (OECD, 2005; OECD, 2013a).

O ato de economizar leva a um grau de liberdade, onde não se depende de outras pessoas ou instituições, em termos financeiros. Além disso, as economias de uma pessoa dão o poder de efetuar compras em dinheiro, o que muitas vezes promove descontos. Ainda, é possível obter juros sobre o montante economizado (MELO, 2012). Hastings e Mitchell (2011) salientam que existe uma gama enorme de possibilidades de se obter juros sobre capital investido, tais quais, caderneta de poupança, fundos de investimento, fundos previdenciários, entre outros. O indivíduo alfabetizado financeiramente, pode evitar grandes bancos, ao investir através de corretoras ou seguradoras independentes.

Em artigo intitulado “Poupança e a eficácia da educação financeira”, Lusardi (2003) aborda o tema, e conclui que, ao oferecer educação financeira, tanto o patrimônio estritamente financeiro como o patrimônio total aumentam de forma nítida. Essa mudança é ainda mais notável naqueles indivíduos que estão na base da pirâmide financeira e que possuem baixo grau de instrução (LUSARDI, 2003). Essa afirmação é feita com base na premissa de que pessoas com baixa escolaridade tendem a economizar menos.

Já Harold e Smith (1999) realizaram uma pesquisa com mais de 400 adolescentes sobre economia e investimentos. Os resultados mostram que pouco mais de 70% destes possuíam conta poupança, 11% possuíam outro tipo de investimento e cerca de 30% buscaram, em algum momento, aconselhamento a respeito de suas finanças. Ainda, 56% fizeram aulas relacionadas com a gerência de suas finanças, porém apenas 31% relataram buscar equilibrar suas receitas e gastos. À época, 23% eram familiarizados com cartão de crédito, 12% se sentiam confiantes

ao lidar com mais de uma conta bancária, 7% disseram conhecer as taxas de juros vigentes e 9% conheciam e utilizavam cartões de débito.

Ainda, Lorgart (2003) identificou que em certos países desenvolvidos, a taxa de poupança da população é baixa, devido à benefícios governamentais (auxílios). Portanto, nota-se que adultos jovens, incluindo estudantes universitários de faculdades privadas, gastam e tomam mais empréstimos e financiamentos do que eles próprios podem arcar. Essa situação acaba aumentando o *stress* financeiro pelos quais estão passando ou irão passar após concluir sua educação (LORGART, 2003).

Ainda, argumenta-se que tal situação existe em razão da falta de educação e alfabetização financeira, seja em escolas primárias e secundárias, seja nas próprias instituições superiores, públicas ou privadas (ANTHES, 2004; ATKINSON & KEMPSON, 2004). Reforçando esse argumento, Lusardi (2014), examina que dificuldades financeiras, ainda em países de economia desenvolvida, se devem ao fato de, na maioria das vezes, pais não incentivarem ou educarem seus filhos no sentido de se limitar à sua capacidade financeira. Tal comportamento tende a produzir cada vez mais jovens com problemas financeiros ou até dificuldades sociais, aumentando ainda mais o número de pessoas que acreditam que o Estado deve prover seu sustento (LUSARDI, 2014).

Também, pode-se apontar que o padrão de consumo e tomada de decisão entre os estudantes universitários são pré-determinados pela educação e orientações recebidas de seus pais, quando estes eram crianças, bem como as posses e capital de suas famílias. Também pode-se dizer que crianças que cresceram em famílias mais prósperas, apresentam um maior nível de educação e alfabetização financeira (CHEN; VOLPE, 1998).

### **2.5.2 Conceito de Empréstimo**

Empréstimo se refere ao ato de receber algo de valor, usualmente valor financeiro, em troca de uma obrigação de pagamento, de valor superior ao atual em uma dada data futura (KIYOSAKI; LECHTER, 2000). Um empréstimo financeiro é uma aquisição temporária de dinheiro com intenção de pagar essa quantidade no futuro, usualmente com juros (BREALEY; MYERS; ALLEN, 2013). Colocando-se de forma simples, tomar um empréstimo é o ato de obter recursos no presente com uma futura data para devolução desses recursos, com um dado preço (empréstimo a juros).

A forma mais comum desse tipo de operação, é entre um indivíduo e uma contraparte, usualmente uma instituição financeira. O ato pode se dar como empréstimo em espécie, ou de outras formas, como por exemplo, cartão de crédito. Para tanto, firma-se um contrato entre duas partes: uma parte, o mutuário, toma dinheiro emprestado de outra parte, o credor, com a premissa de reembolso do principal em uma data futura. O principal é o montante inicial emprestado da parte mutuante. A parte mutuante normalmente cobra juros, geralmente uma porcentagem do principal, além do montante inicial ao longo do curso do empréstimo. O juro é o preço do dinheiro (SCHUMPETER, 1997).

O ato de tomar dinheiro emprestado pode ser benéfico, pois traz satisfação instantânea ao permitir a aquisição de algo de valor superior à capacidade financeira imediata do indivíduo. Por exemplo, ao tomar um financiamento, para a aquisição de um imóvel, significa que poderá se viver no imóvel enquanto o financiamento é quitado. Outra modalidade comum de empréstimo é aquela que fornece capital para se começar um negócio ou empresa, a qual produz lucros e com parte desses lucros pode-se quitar a dívida assumida.

Lucci *et al.*, (2006) apontam que poucas pessoas podem pagar, simplesmente com dinheiro, por tudo aquilo que desejam e precisam. No entanto, muitas pessoas são capazes de adquirir tais bens usando a ferramenta de empréstimo ou financiamento, desde que seja parte integrante de um sólido planejamento financeiro.

A educação financeira entra nesse planejamento, uma vez que com um planejamento minucioso é possível obter empréstimos para aquisição de bens. Por outro lado, a alfabetização financeira auxilia o indivíduo a obter um empréstimo adequado à sua necessidade, evitando pagar juros abusivos, prazos demasiadamente longos e dever mais do que a capacidade de pagamento.

Baixos índices de educação e alfabetização financeira estão comumente associados com comportamentos de risco, como empréstimos de altíssimo custo e dificuldades de pagamentos destes devido à falta de planejamento (LUSARDI; TUFANO, 2015). Com isso percebe-se que o conhecimento do mecanismo de empréstimos, bem como seus custos, é fundamental para aqueles que fazem uso desta ferramenta.

A falta de uma alfabetização financeira adequada, pode levar consumidores a tomarem empréstimos excessivos levando-os a sérios problemas. Ainda, cabe

ressaltar que instituições financeiras tem grande parte de seus lucros atrelados a linhas de crédito, e essas não têm interesse em educar e alfabetizar financeiramente os consumidores em geral, pois isso poderia se traduzir em problemas relacionados à sua lucratividade (STANGO; ZINMAN, 2009).

### **2.5.3 Conceito de Seguro**

O seguro é o principal meio utilizado pelas empresas e indivíduos para reduzirem o impacto de um infortúnio, advindo de um risco existente (CHANCE; BROOKS, 2015). Seguro é um tipo especial de contrato entre uma empresa seguradora e seu cliente, que pode ser uma pessoa física ou jurídica. Nesse contrato a companhia seguradora concorda que, se determinado evento ocorrer, esta irá realizar um pagamento ao cliente ou arcar com determinados custos (DORFMAN, 2008). Por exemplo, em um seguro de automóvel, caso ocorra algum dano ao veículo, a companhia seguradora concorda em pagar os custos de reparar este. A seguridade social, ou previdência também emprega esse princípio, quando um trabalhador segurado não pode desempenhar suas funções, a instituição pagará determinado valor ao segurado enquanto as condições estabelecidas em contrato perdurarem (BRASIL, 1991).

O seguro foi criado com o intuito de proteger o bem-estar financeiro de um indivíduo, grupo ou empresa, na eventualidade de ocorrência de uma perda (segurada). No Brasil algumas formas de seguro são exigidas por lei como seguro veicular (DPVAT) (BRASIL, 1974), previdenciário (BRASIL, 1991), entre outros. Quanto aos seguros opcionais existe uma gama imensa, desde os acima citados, com complementos, até imobiliários e de vida.

Ao concordar com os termos de uma apólice seguradora, é criado um contrato entre o segurado e a seguradora. Em troca de pagamentos do segurado, chamados prêmios, a seguradora concorda em pagar ao segurado uma quantia em dinheiro caso ocorra determinado evento que o segurado desejava se proteger ao firmar o acordo. Na maioria dos casos, o segurado paga parte da perda, chamada de franquia, e a seguradora paga o restante. Alguns exemplos de garantias, além dos já citados, são seguros de saúde, de invalidez, de incêndio, entre outros (CHANCE; BROOKS, 2015).

Administrar um negócio, de qualquer tipo, envolve riscos. Em finanças, o risco é geralmente agrupado em sistemático e não-sistemático. O risco não-sistemático,

pode ser mitigado de forma relativamente fácil, através de carteiras ou operações diversificadas (BREALEY *et al.*, 2013). Por outro lado, o risco sistemático, não pode ser diversificado. As empresas podem reduzir seus riscos não-sistemáticos através de produtos de seguros (DORFMAN, 2008). Esses mesmos princípios aplicados às empresas, podem ser também associados a indivíduos e famílias.

Sejam riscos de incêndio, de danos diversos a produtos ou de desastres naturais, todos esses incidentes, quando ocorrem, tem um impacto financeiro nos negócios. A maioria das empresas, assim como indivíduos, dá pequenos passos para lidar com tais riscos e seus efeitos.

No entanto, qualquer indivíduo ou empresário, deseja proteger-se contra quaisquer consequências financeiras de algum eventual infortúnio. Para tanto, existem os seguros, assim transferindo os riscos deles próprios para terceiros (DORFMAN, 2008). Estudos mostram que mesmo o público de países com economias desenvolvidas não está bem informado sobre questões financeiras de longo prazo, tais como seguros, previdência social e assistência médica (CUTLER, 1997; LUSARDI; MITCHEL, 2011). Estudos similares mostram um resultado semelhante no Brasil (DIETRICH; BRAIDO, 2016).

#### **2.5.4 Conceito de Investimento**

Simplificadamente, investimento se refere à aquisição de ativos financeiros (BREALEY *et al.*, 2013). Um ativo financeiro é tudo aquilo que gera renda para o seu possuidor, diferentemente de um passivo financeiro, que é tudo aquilo que gera despesa para essa mesma pessoa (KIYOSAKI; LECHTER, 2000).

Brealey *et al.* (2013), ainda expandem a definição de investimento como o emprego de dinheiro ou capital na compra de instrumentos ou outros ativos financeiros, a fim de obter retornos lucrativos sob a forma de juros, renda ou valorização desses instrumentos. O investimento está relacionado com economia de recursos ou diminuição do consumo, conforme abordado anteriormente. Os autores ainda destacam que um investimento envolve a escolha, por um indivíduo ou organização, como um fundo de pensão ou empresa, após análise e consideração, de emprestar ou direcionar dinheiro.

Esses recursos podem ir para um veículo, instrumento ou ativo financeiro, tais como propriedades, *commodities*, ações, títulos, derivativos financeiros (por exemplo,



futuros ou opções de ações), ou moeda estrangeira. Esses ativos possuem certo nível de risco, porém fornecem a possibilidade de gerar retornos em um dado período de tempo.

Quando um ativo financeiro é adquirido ou determinada quantia de recurso é investida, existe a expectativa de que algum retorno será obtido desse investimento no futuro. De acordo com a teoria de finanças pessoais, um investimento é o emprego de dinheiro para a compra de ações, fundos mútuos de investimento ou ativos com risco de capital (BREALEY *et. al.*, 2013; KIYOSAKI; LECHTER, 2000).

Qualquer investimento pode se encaixar em uma de duas categorias. A primeira categoria é a de renda fixa, compreendendo investimento em títulos, aplicações de conta de poupança e empréstimos a juros. A segunda categoria é a de renda variável onde se encontram investimentos em ações de empresas de capital aberto ou fechado, propriedades, imóveis, etc.

A alfabetização financeira é preditiva bem como apresenta forte correlação com comportamentos de investimento. Há de se enfatizar que tais comportamentos incluem importante participação no mercado de ações e renda variável em geral (CHRISTELLIS; JAPPELLI; PADULLA, 2010; KIMBALL; SHUMWAY, 2010; ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011). Ainda, a alfabetização financeira resulta na criação de portfólios de investimentos rentáveis e de baixo custo (CHOI; LAIBSON; MADRIAN, 2011; HASTINGS; MITCHELL, 2011) e numa melhor diversificação e sofisticação nas operações financeiras realizadas, levando a um melhor resultado final (GRAHAM; HARVEY; HUANG, 2009).

Há mais de 20 anos a revista *DollarSense* (1997) realizou uma pesquisa simples, com 1001 investidores, para determinar o conhecimento financeiros destes, bem como sua habilidade na seleção de produtos financeiros relacionados com investimento. Oito questões básicas de múltipla escolha foram apresentadas. *Babyboomers* (com idades entre 32 e 50 anos na época) pontuaram relativamente bem. No entanto, pessoas mais velhas e mais jovens que estes, foram mal. Homens superaram as mulheres na categoria “Muito bem informada”, enquanto que 39% das mulheres ficaram na categoria “Pouco informada”, com menos de 50% de índice de respostas corretas. Cerca de 44% dos maiores de 65 anos (na época) tiveram menos da metade dos acertos.

Mesmo que realizada há mais de 20 anos atrás, esse comportamento ainda se repete atualmente, como mostram pesquisas realizadas em âmbito internacional (LUSARDI; TUFANO, 2015) e nacional (SANTOS; SILVA; GONZALES, 2018). Dessa forma, faz-se necessário investigar esse comportamento em âmbito local e regional.

## 2.6 MENSURANDO A EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Ao longo do tópico anterior, alguns conceitos foram apresentados. Supõe-se que um indivíduo alfabetizado financeiramente tenha domínio sobre estes, entre outros. Tais conceitos são fundamentais na vida prática de qualquer cidadão.

Diante da multiplicidade de definições e dimensões de alfabetização financeira, como retratado no Quadro 1, dos inúmeros conceitos passíveis de análise e dos diferentes sujeitos, os métodos utilizados nas pesquisas variam consideravelmente.

Mesmo se tratando de conceitos variados, a maioria dos estudos considera que o sujeito alfabetizado financeiramente entende o sistema de mercado de capitais, funções das instituições financeiras, fundamentos de empréstimos, seguros e crédito, além de fluxo de caixa pessoal ou familiar (HUNG; PARKER; YOONG, 2010).

Com isso, é compreensível que, além das diferentes definições atualmente existentes para educação e alfabetização financeira, também existem diversas aproximações para compreender e medir o efeito de tais fenômenos. No Brasil e no mundo, existem diversos estudos que se preocupam com o tema e, também, o abordam sob visões distintas. A maioria destas pesquisas não focam na educação recebida ou adquirida, mas sim no comportamento dos sujeitos pesquisados, em sua variedade, e na diversidade de ambientes.

Além disso, é construída uma base sólida de novas indagações, contribuições e argumentação. Tudo isso envolvendo os diferentes contextos locais e temporais analisados. Desta feita, compila-se no Quadro 2, apresentado abaixo, os principais estudos aqui aludidos.

**Quadro 2** – Principais autores e estudos relacionados com o tema de pesquisa

<b>Autores</b>	<b>Tema abordado</b>	<b>Característica da Amostra</b>
Chen e Volpe (1998)	Relação entre conhecimento financeiro e decisões econômicas.	Estudantes universitários.
Mori e Lewis (2001)	Métodos para incrementar o nível de conhecimento	Ingleses entre 16 e 60 anos.

	financeiro e seus efeitos nas famílias.	
Norvilitis <i>et al.</i> (2006)	Fatores pessoais envolvendo o dinheiro e dívida de cartões <sup>1</sup> .	Estudantes universitários.
Shim <i>et al.</i> (2010)	Papel dos pais, vida social e emprego na educação financeira.	Estudantes universitários.
Gutter e Copur (2011)	Reação entre comportamento e bem-estar financeiro.	Estudantes universitários.
Robb (2011)	Relação entre conhecimento financeiro e dívida de cartões.	Estudantes universitários.
Heckman e Grable (2011)	Relação entre nível de renda e alfabetização financeira.	Estudantes universitários.
Vieira <i>et al.</i> (2011)	Relação entre educação financeira e consumo, poupança e investimento.	Estudantes universitários de Administração, Economia e Contabilidade.
Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012)	Características pessoais e uso de cartões.	Estudantes universitários.
Sohn <i>et al.</i> (2012)	Atitudes e comportamentos financeiros.	Adolescentes coreanos.
Medeiros e Lopes (2014)	Estudos de finanças pessoais.	Estudantes universitários de Ciências Contábeis.
Fernandes e Candido (2014)	Educação financeira e o nível de endividamento.	Estudantes universitários da cidade de São Paulo.
Lizote e Verdinelli (2014)	Associação entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes.	Estudantes universitários de Ciências Contábeis.
Potrich <i>et al.</i> (2015)	Nível de alfabetização financeira e a influência de variáveis socioeconômicas e demográficas.	Residentes do RS, Brasil.
Miotto e Parente (2015)	Gerenciamento de finanças domésticas.	Brasileiros de classe média baixa.
Potrich <i>et al.</i> (2016)	Desenvolvimento de um modelo de alfabetização financeira para estudantes universitários.	Estudantes universitários.
Santos <i>et al.</i> (2016)	Uso do cartão de crédito e bem-estar financeiro, comparativos entre SP e NY.	Estudantes universitárias do sexo feminino.
Vieira <i>et al.</i> (2016)	Fatores comportamentais, de gerenciamento financeira e renda relacionados com a educação financeira	Famílias residentes do RS, Brasil.
Ergün (2018)	Alfabetização financeira em diferentes países europeus.	Estudantes universitários.

**Fonte:** Autor (2019).

A partir do Quadro 2 pode-se ter uma visão geral dos estudos realizados. Além de trazer os principais autores, é explicitada a característica de cada estudo. Por

<sup>1</sup> Cartões, no plural, refere-se à cartões de crédito e cartões de débito.

associação, as pesquisas aqui compiladas estão mais relacionadas com o público universitário, objeto também desta pesquisa. Nota-se, porém, algumas lacunas, principalmente nos estudos realizados no Brasil. Os estudos nacionais abordando o público universitário, em sua maioria, investigam apenas alunos de determinados cursos. Muitas vezes cursos diretamente relacionados com finanças, onde, segundo Lizote e Verdinelli (2014), pressupõe-se que os alunos já possuam certo conhecimento financeiro, inerente da formação que estão recebendo.

Estudos realizados no exterior, apresentam uma análise ampla e completa. Porém, em certos casos, analisam apenas um *campus* ou curso universitário. Um destaque positivo, no tocante a uma ampla análise, é a pesquisa de Ergun (2018), que foca em avaliar a alfabetização financeira de estudantes universitários, de diferentes especialidades.

Ainda, Ergun (2018) realiza a pesquisa com estudantes de oito países diferentes, localizados no continente europeu. A pesquisa chegou à conclusão de que o resultado geral foi de um conhecimento médio sobre finanças, além de destacar que certos grupos, como aqueles estudantes que pagam aluguel e estudantes de doutorado apresentaram melhores resultados. Por fim, o autor ainda evidencia que nos últimos anos influências tecnológicas e de aconselhamentos, tais como de amigos, tem uma influência tão forte quanto à dos pais.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção será descrita a metodologia que foi utilizada na condução e execução dessa pesquisa, apresentando seu tipo em relação aos meios e fins, bem como as técnicas de coleta, análise, interpretação e processamento dos dados.

A pesquisa aqui descrita foi conduzida no Instituto Federal Catarinense, instituição de ensino superior e técnico, parte da rede de Instituições Federais presente em todos os estados da federação. O IFC é umas das duas instituições federais desse tipo presentes em Santa Catarina, possuindo 15 *campi*. O tema foi escolhido e relacionado com a IES devido à sua relevância e atualidade.

Além disso, a escolha do Instituto Federal Catarinense foi interessante e prática em diversos sentidos, com destaque para agilidade e eficácia para coleta dos dados e informações da pesquisa, bem como o fato da IES possuir um grande quantitativo de sujeitos de interesse da pesquisa.

Para levantamento dos dados foi aplicado um questionário estruturado. Este instrumento foi enviado via e-mail, uma vez que o quantitativo total da população é muito grande e os diferentes *campi* da IES se encontram separados por distâncias consideráveis.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

##### 3.1.1 Quanto à Abordagem

Tendo em vista a natureza do objetivo principal, juntamente com os objetivos específicos, a pesquisa é caracterizada como básica, de natureza quantitativa. Ainda assim, é importante destacar que os resultados gerados podem ser diretamente aplicados, por exemplo, na elaboração de políticas públicas e institucionais.

Essa abordagem para investigação e pesquisa de campo é elucidada por Oliveira (2007), como

[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Ainda nesse sentido, a autora indica como forma eficaz de conhecer o contexto e realidade do problema estudado a utilização de algumas ferramentas. Dentre elas, análise documental, condução de entrevistas e aplicação de questionários.

Fundamentando a pesquisa como quantitativa, e tendo como base o conceito abordado por Richardson que evidencia que esse tipo de pesquisa é “adequado para entender a natureza de um fenômeno social” (1999, p. 39), como meta é traçada a coleta e análise de dados acerca dos indivíduos do grupo alvo do estudo.

Além disso, pode-se elencar características importantes da pesquisa extremamente relevantes para este projeto. Godoy (1995), destaca o ambiente nativo do pesquisador como fonte direta dos dados e o caráter descritivo da pesquisa. O autor ainda frisa a importância do pesquisador como instrumento básico e fundamental no trabalho científico.

### **3.1.2 Quanto aos Meios**

A pesquisa fez uso, em sua fase inicial de análise teórica, do meio bibliográfico. Por meio de um levantamento amplo de informações, foram abordados temas, conceitos e definições, estes sendo elencados no decorrer da revisão bibliográfica, sendo, por fim, sumarizados nos Quadros 1 e 2.

A segunda etapa da pesquisa compreendeu a aplicação do questionário estruturado aos estudantes da IES investigada. O grupo de estudantes, pertencentes aos cursos superiores de graduação, e objeto da pesquisa, atualmente é composto por 6552 indivíduos, dados para o ano-base de 2018 (SETEC/MEC, 2019). Estes alunos estão divididos entre cursos de bacharelado, licenciatura e superiores de tecnologia, englobando todos os *campi* da instituição.

De posse dos dados levantados, fornecidos em forma de respostas ao questionário, foi dada continuidade ao estudo, observando-os e, a partir de então, traçando uma ampla análise destes, de forma a ir ao encontro dos objetivos da pesquisa.

### **3.1.3 Quanto aos Fins**

Relativo aos fins de pesquisa, destaca-se o caráter descritivo da mesma, sendo que a meta principal é a geração de novos conhecimentos relativos ao grupo de pessoas estudado.

Sendo objetivo inerente dessa pesquisa a geração de novos conhecimentos, classifica-se a mesma como pesquisa básica, segundo Gil (2007). Ainda, salienta-se a não aplicação prática imediata dos resultados obtidos, porém destaca-se sua serventia como suporte para ampliação do entendimento sobre o assunto e auxílio no esforço de novos estudos relacionados com o tema.

Além disso, salienta-se a possível utilidade dos achados como norteadores e auxiliares para o planejamento ou execução de determinadas políticas públicas. Tais políticas podem refletirem em ações em âmbito regional ou mesmo dentro da própria instituição, uma vez que se apresentou uma demanda de conhecimento importante acerca do tema pesquisado.

Conforme Gil (2007) explica, a pesquisa descritiva, comumente, apresenta finalidade de levantar ou descrever características de determinado fenômeno ou população. Ainda nesse contexto a pesquisa pretendeu descrever possíveis relações entre as variáveis de estudo.

### 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O local de análise e condução da pesquisa foi o Instituto Federal Catarinense, que possui sua sede localizada no município de Blumenau, no estado de Santa Catarina. Segundo o *website* oficial da instituição (IFC, s.d.), o IFC é uma Instituição Federal formada com a publicação da Lei 11.892 (de 29 de dezembro de 2008), que criou os Institutos Federais (IFs). As escolas agrotécnicas de Concórdia, Sombrio e Rio do Sul foram integradas e passaram a ser *campi* do Instituto Federal Catarinense. A partir da portaria 04, publicada em 07 de janeiro de 2010, o Ministério da Educação estabeleceu a relação de todos os *campi* que integrariam cada um dos 38 IFs criados no Brasil.

**Figura 3** – Os *campi* do Instituto Federal Catarinense



**Fonte:** IFC (2019).

O Instituto Federal Catarinense atualmente é composto por 15 *campi*, conforme apresentado na Figura 2, que estão distribuídos nos municípios de Abelardo Luz (02), Araquari (03), Blumenau (04), Brusque (05), Camboriú (06), Concórdia (07), Fraiburgo (08), Ibirama (09), Luzerna (10), Rio do Sul (11), Santa Rosa do Sul (12), São Bento do Sul (13), São Francisco do Sul (14), Sombrio (15) e Videira (16), uma Unidade Urbana em Rio do Sul, além da Reitoria (01), instalada no município de Blumenau.

A seguir, no Quadro 3, é apresentado um panorama dos cursos superiores e a quantidade de estudantes destes, divididos por *campus*, no âmbito do IFC.

**Quadro 3** – Quantitativo de matrículas de graduação por *campus* do IFC

Unidade de Ensino	Quantidade de Cursos	Número de Matrículas
Araquari	6	937
Abelardo Luz	1	39
Blumenau	3	359
Brusque	2	106
Camboriú	5	926
Concórdia	6	822
Fraiburgo	1	42
Ibirama	1	90
Luzerna	2	383
Rio do Sul	6	1031
Santa Rosa do Sul	1	308
São Bento do Sul	2	162
São Francisco do Sul	2	263
Sombrio	3	542
Videira	3	542

**Fonte:** Autor, com dados de SETEC/MEC (2019).



O IFC conta com 44 cursos de nível superior de graduação divididos nas mais diversas áreas. Estes cursos subdividem-se em superior de tecnologia, bacharelado e licenciatura. A pesquisa focou exclusivamente nos discentes destes cursos. A instituição ainda conta com mais 11 cursos de pós-graduação, divididos em *lato* e *stricto sensu*, bem como cursos técnicos integrados e subsequentes (GUIA DE CURSOS IFC, s.d.).

**Quadro 4** – Visão geral dos cursos de graduação do IFC

Tipo de Curso	Cursos	Matrículas
Tecnologia	11	1424
Bacharelado	19	3099
Licenciatura	14	2029

**Fonte:** Autor, com dados de SETEC/MEC (2019).

O número total de estudantes cursando o ensino superior no IFC, de acordo com os dados mais recentes (SETEC/MEC, 2019), é de 6552 pessoas, sumarizados no Quadro 4. Nota-se que o universo de pesquisa compreendeu um número importante de elementos.

Na impossibilidade de trabalhar com o total, porém com o intuito de obter resultados confiáveis, que retratam a realidade do grupo como um todo, utilizou-se uma amostra (LEVINE, 2000).

Dessa forma, o tamanho da amostra foi determinado baseando-se em uma população finita, como o presente caso. Como explica Levin (1987, p. 76): “caso a amostra tenha um tamanho ( $n$ ) maior ou igual a 5% do tamanho da população ( $N$ ), considera-se que a população seja finita”.

Desta maneira, o autor conceitua a equação para determinação do tamanho da amostra ( $n$ ) com base na estimativa da proporção populacional, como segue.

$$n = \frac{N \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{\hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2} \quad (1)$$

Conhecendo essa população total ( $N$ ) que é de 6552 alunos, adota-se um intervalo de confiança de 95%, que garante uma representação amostral muito próxima da realidade da população analisada (TRIOLA, 1999).

Isto posto, deve-se definir o tamanho de amostra. Ainda, a equação (1) exige que se utilizem os valores populacionais amostrais  $\hat{p}$  e  $\hat{q}$ . Mas se estes também forem

desconhecidos, substitui-se  $\hat{p}$  e  $\hat{q}$  por 0,5, em conformidade com o apontado por Levine (2000). Então, obtém-se a seguinte estimativa, para o cálculo amostral:

$$n = \frac{6552 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,96)^2}{0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,96)^2 + (6552 - 1) \cdot 0,05^2} \quad (2)$$

A equação (2), resolvida para  $n$ , retorna um valor de 362,94. Com um acréscimo de 5% nesse número, como indicado por Levine (2000), e usando arredondamento para o número inteiro imediatamente superior, obtêm-se o número amostral final  $n = 382$  estudantes. Esse acréscimo de 5% no valor da amostra ajuda a mitigar questões fora do controle do pesquisador, como respostas inválidas, perda de dados, entre outras (LEVINE, 2000). O número  $n$  encontrado perfaz o total de aproximadamente 5,83% do total da população.

Sendo assim, ao se obter respostas de, no mínimo, 383 estudantes é possível inferir, com uma certeza de 95%, que suas respostas representam e retratam a realidade do grupo completo.

Visando uma coleta de dados através de um questionário, esta pesquisa, descritiva, a partir do exposto por Souza *et al.* (2007) caracteriza-se como do tipo *survey*. Os autores ainda conceituam pesquisa *survey* como aquela que visa à obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário (SOUZA *et al.*, 2007).

### 3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Baseado na interpretação de Thomas *et al.* (2007), estipula-se o método de coleta de dados aqui descrito, relacionado com a amostragem, como não-probabilístico, de amostra por conveniência.

A seleção da amostra ocorreu dessa forma devido às particularidades da população a ser investigada. Uma vez que o acesso ao todo da população não era difícil, todos os estudantes foram convidados a participar da pesquisa. Ao se convidar todos, a possibilidade de atingir o número mínimo para o sucesso da amostragem, tornou-se maior. Procedendo com esse método de amostra, a pesquisa enquadra-se

nas condições não-probabilísticas de amostra por conveniência, como evidenciado acima.

Ainda, cabe salientar que Freitas *et al.* (2000), destacam que a pesquisa pode ser classificada de acordo com o momento em que os dados são coletados. Quando a coleta das informações ocorre ao longo do tempo, a pesquisa é chamada de longitudinal. Quando as informações são colhidas apenas em um momento específico, é classificada como transversal.

Os estudantes participantes foram, então, pesquisados via questionário. O momento de coleta de dados foi transversal e prospectivo. Ou seja, os dados foram coletados uma única vez, durante breve período e a partir desse momento descritos e analisados.

Enfatiza-se a visão de Graziosi *et al.* (2011, p. 7) ao destacarem que a pesquisa científica “contempla um conjunto de procedimentos para o estudo da realidade, conduzido segundo um método próprio, – o método científico – pelo qual é possível reunir as regras de pesquisa”.

Dessa forma, uma vez tendo sido determinados e apresentados todos os critérios de classificação da pesquisa, como são expostos no Quadro 5, com o intuito de fornecer uma visão geral dos aspectos metodológicos desta.

**Quadro 5** - Classificação da pesquisa.

<b>FINALIDADE</b>	<b>Básica</b> Objetivo de avanço no conhecimento teórico na área; não visa à aplicabilidade imediata.
<b>TIPO</b>	<b>Descritiva</b> Descreve e interpreta a realidade sem nela interferir.
<b>ORIGEM DOS DADOS</b>	<b>Campo</b> Dados provenientes de sujeitos humanos.
<b>TEMPORALIDADE</b>	<b>Transversal</b> Avalia as mesmas variáveis em uma única mensuração.

<b>LOCAL DE REALIZAÇÃO</b>	<b>Campo</b> Coleta de dados realizada em situação natural, sem a interferência do pesquisador.
<b>NATUREZA</b>	<b>Quantitativa</b> Prevê a análise dos fatos, variáveis e dos dados através de técnicas estatísticas apropriadas.

**Fonte:** Autor, adaptado de Graziosi *et al.* (2011), com dados da pesquisa.

### 3.3.1 Técnicas e Instrumentos de Coleta dos Dados

A principal ferramenta de coleta de dados dos sujeitos pesquisados foi o questionário, instrumento que será detalhado a seguir. Este instrumento desenvolvido foi hospedado *online* na plataforma Formulários Google®. Essa plataforma é de livre acesso tanto para criação como para hospedagem dos mais diversos tipos de pesquisa, atendendo perfeitamente as necessidades dessa pesquisa. Diferentes autores (GIL, 2007; GRAZIOSI *et al.*, 2011) reforçam a utilidade e dinamismo da aplicação de formulários e questionários para levantamento de dados.

O questionário foi estruturado em quatro seções distintas. Inicialmente o mesmo passou por um pré-teste. O pré-teste tem o intuito de revisar, direcionar a investigação e adaptar o instrumento de pesquisa, desde que aplicado a um grupo que possua as mesmas características da população amostrada (GIL, 2007). Além disso, o pré-teste ainda auxiliou na avaliação do processamento e coleta dos dados, bem como serviu para estimar o tempo de aplicação do instrumento.

O pré-teste consistiu na aplicação de 18 questionários direcionados a membros da população objeto da pesquisa, sendo entregues aleatoriamente. Esse processo ocorreu no *campus* Videira do IFC. Essa primeira avaliação do instrumento de pesquisa serviu como ótima experiência ao pesquisador, uma vez que foi possível se observar as dificuldades de preenchimento e compreensão das questões, além de mensurar o tempo total de preenchimento.

Após o preenchimento, foram entregues aos estudantes fichas de avaliação do questionário onde constavam questões relacionadas à percepção individual dos respondentes acerca do instrumento. Foram coletadas diversas sugestões valorosas.

Logo após ampla análise, o instrumento de pesquisa foi readaptado. Questões diferentes que testavam conhecimentos similares foram reduzidas a apenas uma de cada tipo. Com isso, otimizou-se o questionário no quesito tempo de resposta e número de variáveis a analisar. Ainda algumas questões foram reformuladas de maneira a manter o aspecto testado inalterado, porém tornando a compreensão da pergunta mais fácil.

Por fim, questões com apenas duas alternativas (sim/não) foram adaptadas, para atender diversas sugestões. Foi incluída a alternativa “não sei”, de modo a retratar a resposta natural do respondente, pois assim o mesmo não se sente compelido a afirmar algo que ele desconheça (sim/não).

A versão final do questionário, disponível no Apêndice B, resultou em um total de 38 perguntas. Destas, 15 questões relacionadas ao perfil socioeconômico dos respondentes, nove questões relacionadas a comportamento, seis questões testando conhecimentos básicos de educação financeira e oito questões testando situações práticas, relacionadas com a alfabetização financeira.

O parecer de aprovação do comitê de ética da UNIARP se encontra disponível no anexo A. Também, disponível no anexo B, se encontra a autorização de execução da pesquisa e coleta de dados, fornecida pelo IFC, através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação.

As questões foram de múltipla escolha, majoritariamente com apenas uma resposta possível, além daquelas onde foi empregada a escala Likert de cinco pontos (em que 1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente).

Ainda, é importante destacar que as questões 20, 22 e 24, presentes na Seção II, tiveram a escala invertida. Nessas questões uma resposta “discordo totalmente” retrata um bom comportamento financeiro.

Diversas questões integrantes do questionário aplicado foram elaboradas pelo próprio autor. No entanto foram utilizadas perguntas de pesquisas similares, aplicadas tanto no Brasil como no exterior. Essas questões foram adaptadas para melhor atender os objetivos da pesquisa. A seguir, no Quadro 6, é apresentada uma visão geral do questionário.

**Quadro 6** – Visão geral do instrumento de pesquisa.

<b>Seção</b>	<b>Número de Questões</b>	<b>Autores</b>
I – Dados socioeconômicos	15 Questões	Próprio autor; OECD (2013b).
II – Comportamento	9 Questões	Próprio autor; Chen e Volpe (1998); Ergun (2018).
III – Educação financeira	6 Questões	Próprio autor; Lusardi e Mitchell (2011); Rooij, Lusardi e Alessie, (2011); OECD (2012); OECD (2013b).
IV – Alfabetização financeira	8 Questões	Próprio autor; Rooij, Lusardi e Alessie, (2011); Potrich <i>et al.</i> (2013); Ergun (2018).

**Fonte:** Autor (2019).

De posse das devidas autorizações (Anexo A) o *link* direcionando para o questionário foi enviado via e-mail a todos os estudantes de graduação da instituição. Esse *link* foi enviado via Coordenadoria Geral de Comunicação do IFC (CECOM), uma vez que esta possui acesso aos estudantes de graduação via mala direta (e-mail).

O questionário ficou aberto por um período de 21 dias, dentro do qual os estudantes puderam acessá-lo e respondê-lo. Ao final desse período foram coletados 403 questionários, sendo 399 válidos. Esse total resultou em um percentual de 6,09% da população total, assim atendendo o número mínimo de amostra. O total de questionários aplicados foi de 421, incluindo os 18 aplicados no pré-teste e aqueles que acessaram o instrumento, mas discordaram de participar.

Por fim, apresentado no Quadro 7, pode-se observar o roteiro do questionário utilizado a fim de obter os resultados esperados, respondendo aos questionamentos levantados na pesquisa.

**Quadro 7** – Roteiro do questionário considerando os aspectos da pesquisa a serem atendidos

<b>Aspectos pesquisados</b>	<b>Roteiro utilizado para obter as respostas da pesquisa</b>
<p><b>Problema:</b></p> <p>Qual o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense.</p>	<p>Questionário seções: 1, 2, 3 e 4.</p>

**Objetivo geral:**

Analisar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense.

Questionário seções: 1, 2, 3 e 4.

**Objetivos específicos:**

Identificar os hábitos financeiros e de poupança dos estudantes;

Questionário seção: 2; Questão 31.

Estabelecer o comportamento e as atitudes dos estudantes relacionadas com suas finanças pessoais;

Questionário seções: 1 e 2.

Descrever a percepção e o conhecimento dos estudantes sobre educação, alfabetização e planejamento financeiro.

Questionário seções: 2, 3 e 4.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

O questionário aplicado, foi a ferramenta principal no levantamento dos dados. Este instrumento foi estruturado em cinco seções distintas, cada uma relacionada e elaborada em consonância com os objetivos específicos e geral propostos.

Finalmente, salienta-se que o questionário aplicado, bem como o termo de compromisso associado, encontra-se disponível ao final desse documento, no Apêndice A e no Apêndice B, respectivamente.

### **3.3.2 Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados**

As técnicas de análise de dados visam desvendar as respostas pertinentes aos objetivos específicos, bem como ao geral. Uma vez que a natureza da pesquisa é quantitativa, ainda que tenha se realizado análise hermenêutica dos dados, os documentos e respostas passaram por análise descritiva e analítica. Dessa forma, conforme orienta Gil (2007) a análise dos dados deve ser feita em consonância com os objetivos traçados, utilizando as técnicas pertinentes, a fim de obter as respostas que melhor retratam a realidade pesquisada.

Esta pesquisa está centrada em analisar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do IFC, conforme explicitado em seu objetivo geral.

Na literatura existem diversas técnicas para mensurar os aspectos aqui analisados, porém não existe um consenso geral sobre quais refletem em melhores resultados. Também não há uma escala padrão que determine qual nível de acertos e quais comportamentos se refletem em níveis adequados ou não, tanto de educação quanto de alfabetização financeira.

Sendo assim, para esse trabalho construiu-se uma escala própria. Essa escala envolve as seções III e IV do questionário, ou seja, perguntas com respostas certas e erradas. Foi atribuído um peso diferente para cada uma das seções, uma vez que estas avaliam aspectos diferentes. A equação (3) apresenta a escala proposta, aqui tratada como escore financeiro.

$$EscF = \frac{[(\sum \text{seção III}) + ((\sum \text{seção IV}) * 2)] * 100}{20} \quad (3)$$

Essa escala possui valores mínimos e máximo de 0 e 100, respectivamente. Com as questões da Seção III possuindo peso de um ponto e as questões da Seção IV possuindo peso de dois pontos. A pontuação máxima possível de se obter, dessa forma, é de 20 pontos. Esse escore financeiro, calculado para todos os sujeitos será uma das variáveis principais da pesquisa, na busca em alcançar os objetivos propostos.

Inicialmente, a fim de caracterizar a amostra, foi empregada a estatística descritiva das variáveis. Para tanto foram utilizadas médias, moda, mediana e desvio-padrão. Além disso as frequências também foram calculadas, obtendo um panorama geral dos comportamentos e representação das variáveis.

Com o intuito de desvendar quais variáveis exercem influência, positiva ou negativa, na educação e alfabetização dos estudantes, técnicas inferenciais multivariadas foram empregadas. Conforme ressaltado por Hair Jr. *et al.* (2009), a análise de regressão múltipla é uma técnica estatística bastante usual e importante.

Esta técnica, porém, é utilizada quando se possui uma análise resposta (dependente) do tipo quantitativa. Esta análise tem por objetivo tentar modelar certas características de determinada população avaliada.

A modelagem é aplicada ao tentar prever uma variável, chamada dependente, através de outras variáveis conhecidas como independentes ou explicativas.



Dessa forma, tenta-se ajustar o seguinte modelo

$$y_i = \alpha + \beta \cdot x_i + \varepsilon_i$$

Onde:

- $y_i$ : i-ésimo valor predito;
- $\alpha$ : valor de intercepto, quando  $x_i = 0$ ;
- $\beta$ : fator multiplicador da variável explicativa;
- $x_i$ : i-ésima observação da variável explicativa;
- $\varepsilon$ : erro ou parte não explicada pelo modelo. O erro deve ter distribuição normal com média zero e variância constante, ou seja,  $\varepsilon_i \sim N(0, \sigma^2)$ .

Logo, para se obter o modelo, é necessário calcular os valores de  $\alpha$  e  $\beta$ , pois são eles que irão determinar um modelo genérico, baseado nos dados da amostra.

Para se medir o grau de explicação do modelo, ou seja, o quão preditivo este é, existe a medida chamada de  $R^2$  (R-quadrado), ou coeficiente de determinação, que também foi empregada. Quanto maior o valor de  $R^2$ , melhor e mais preditivo é o modelo. O valor de  $R^2$  varia de 0% a 100% (HAIR JR *et al.*, 2009).

Sendo o valor  $R^2$  um determinante para o ajuste, é possível se obter, a partir deste, o valor  $r$ . Esse novo valor é denominado coeficiente de correlação de Pearson. Este coeficiente mede o grau de correlação e a direção dessa correlação, podendo ser positiva ou negativa. O coeficiente assume valores mínimos e máximos de  $-1 < r < 1$ . Este pode ser determinado, dentre outros modos, fazendo-se  $r = \sqrt{R^2}$ .

Ainda, importante na avaliação da significância estatística das variáveis e modelos, tem-se a estatística chamada p-valor. Esta estatística auxilia na conclusão sobre os testes realizados. Caso esse valor seja maior que o nível de significância adotado (erro ou  $\alpha$ ), conclui-se, portanto, que a hipótese nula é a hipótese verdadeira, caso contrário tem-se a hipótese alternativa, aquela estimada no resultado, como verdadeira. Nesse trabalho as hipóteses consideradas foram apresentadas na seção 1.5.

Primeiramente foi realizada a caracterização descritiva e, logo a seguir, empregadas as técnicas inferenciais, descritas acima. Com isso pode-se determinar a influência das diversas variáveis independentes no modelo construído, com a

educação e alfabetização financeira, representadas pelo escore financeiro, como variável dependente.

A partir de então, procedeu-se a aplicação de uma técnica exploratória. Para tanto foi empregada a análise de *clusters* ou agrupamentos. Essa análise de agrupamentos é uma técnica baseada em diferentes métodos numéricos, que tem por objetivo classificar as observações, representadas em determinado espaço, em um número conveniente de grupos a partir de um critério de similaridade (LANDIM, 2011).

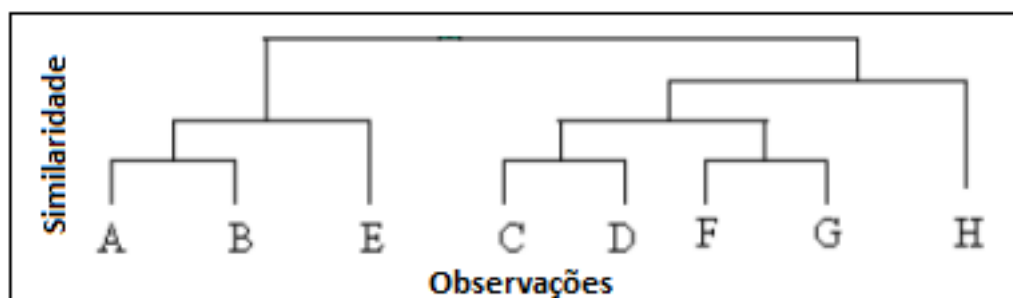
Conforme aponta Hair Jr *et al.* (2009), na análise de *clusters*, o agrupamento de sujeitos e/ou variáveis é feito a partir de medidas de semelhança ou medidas de dessemelhança, sendo comumente empregada a distância. Inicialmente, a medida é traçada entre dois sujeitos e/ou variáveis e, mais tarde, entre *clusters* de observações usando técnicas hierárquicas ou não-hierárquicas de agrupamentos de *cluster*.

A identificação de agrupamentos naturais de sujeitos e/ou variáveis exige que a semelhança entre estes possa ser medida de uma forma minimamente explícita, e subjetivamente reduzida.

Dentre as várias medidas de semelhança, a maioria implica em algum conhecimento da matriz de dados, nomeadamente das escalas de medidas das variáveis. De modo geral, os sujeitos são agrupados segundo algum tipo de distância métrica, como por exemplo a distância euclidiana (HAIR JR *et al.*, 2009), empregada neste trabalho.

Os algoritmos empregados na análise de agrupamentos geram uma estrutura encadeada entre as observações mais similares entre si dentro da amostra analisada. Essa estrutura pode ser observável ou apenas usada internamente pelo algoritmo. A essa ordenação dá-se o nome de dendograma.

O dendograma exhibe a forma de agrupamento realizada pelo algoritmo. Essa forma de agrupamento pode ser aglomerativa, onde todas as observações são tratadas de forma isolada inicialmente, como também pode ser divisiva. Na hierarquia divisiva todas as observações formam um único grande grupo que a cada passo vai se dividindo em grupos menores. Abaixo é apresentado um dendograma genérico.

**Figura 4** – Dendograma genérico

**Fonte:** Autor, adaptado de Landin (2011).

Finalmente, ainda na análise de agrupamentos, é importante observar o tamanho da amostra para a realização dessas análises. Conforme indicado por Hair Jr. *et al.* (2009), pesquisas que empregam essas técnicas devem apresentar uma amostra maior que 100 casos, idealmente. Ainda os autores sugerem que o tamanho amostral deve se situar entre cinco (mínimo) e dez (ideal) observações para cada variável em estudo. Uma vez que o total de respostas válidas foi de 399 e o estudo compreende 37 variáveis, atende-se plenamente as indicações propostas pelos autores. Salienta-se que a questão 31 é analisada separadamente e, assim, não constitui uma variável independente nas análises empregadas.

Para as análises dos dados, empregadas nessa pesquisa, utilizando as técnicas supramencionadas foram utilizados os *softwares* IBM® SPSS v.20 e Minitab® v.16, além do Microsoft® Office Excel 2016.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos capítulos anteriores as definições e conceitos acerca dos temas alfabetização e educação financeira foram exploradas. A metodologia empregada nessa pesquisa também foi apresentada e descrita. Nesta investigação procurou-se identificar e avaliar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense.

No presente capítulo serão apresentados os dados angariados com a pesquisa desenvolvida, bem como a análise destes, conforme os objetivos específicos traçados. A apresentação dos dados, além de caracterização do perfil da amostra, precede sua análise. Ao decorrer do capítulo os resultados serão complementados ao proceder-se com a discussão destes.

Como evidenciado anteriormente, o principal instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário estruturado. A participação na pesquisa se deu de forma voluntária, sendo o questionário enviado via e-mail a todos os estudantes de graduação da instituição.

De acordo com o cálculo amostral desenvolvido na seção 3.2, para uma confiabilidade de 95% e possibilidade de generalização dos resultados para toda a população envolvida, era necessário um mínimo de 383 questionários preenchidos e válidos.

A coleta de dados via questionário ocorreu entre os dias 29 de maio e 19 de junho de 2019. A partir do envio da pesquisa, até a data final em que questionários foram recebidos, 403 foram preenchidos. Destes, 399 foram considerados válidos, apresentando todas as respostas e a autorização para análise na pesquisa, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nas próximas seções estes dados serão apresentados, analisados e discutidos.

### 4.1 PERFIL DA AMOSTRA

A amostra mínima foi alcançada com sucesso, tendo sido obtidos dados relativos a 399 sujeitos, sendo necessário um mínimo de 383, de acordo com o cálculo amostral empregado. Ainda, durante a fase de pré-teste do questionário outros 18 sujeitos participaram da pesquisa.

Sendo assim, atingiu-se um número de 417 sujeitos participando da pesquisa, alcançando, aproximadamente, 6,09% dos estudantes de graduação da instituição. Porém, aqueles participantes do pré-teste não foram incluídos no total final de 399 sujeitos, nem mesmo nesse percentual de 6,09%.

A seguir, serão apresentados os principais dados socioeconômicos e biográficos dos estudantes, obtidos via questões da Seção I do instrumento de pesquisa.

**Tabela 1** – Distribuição da amostra por gênero, estado de origem e região

Gênero, Estado e Região		Freq.	%
Gênero	Feminino	191	47,9
	Masculino	202	50,6
	Outro	2	0,5
	Prefiro não declarar	4	1,0
Estado	Amazonas	2	0,5
	Bahia	8	2,0
	Ceará	1	0,3
	Distrito Federal	3	0,8
	Goiás	2	0,5
	Maranhão	2	0,5
	Mato Grosso	1	0,3
	Mato Grosso do Sul	2	0,5
	Minas Gerais	2	0,5
	Pará	3	0,8
	Paraíba	2	0,5
	Paraná	29	7,3
	Pernambuco	3	0,8
	Rio de Janeiro	11	2,8
	Rio Grande do Norte	1	0,3
	Rio Grande do Sul	44	11,0
	Santa Catarina	245	61,4
	São Paulo	36	9,0
Sergipe	2	0,5	
Região	Centro Oeste	8	2,0
	Nordeste	19	4,8
	Norte	5	1,3
	Sudeste	49	12,3
	Sul	318	79,7

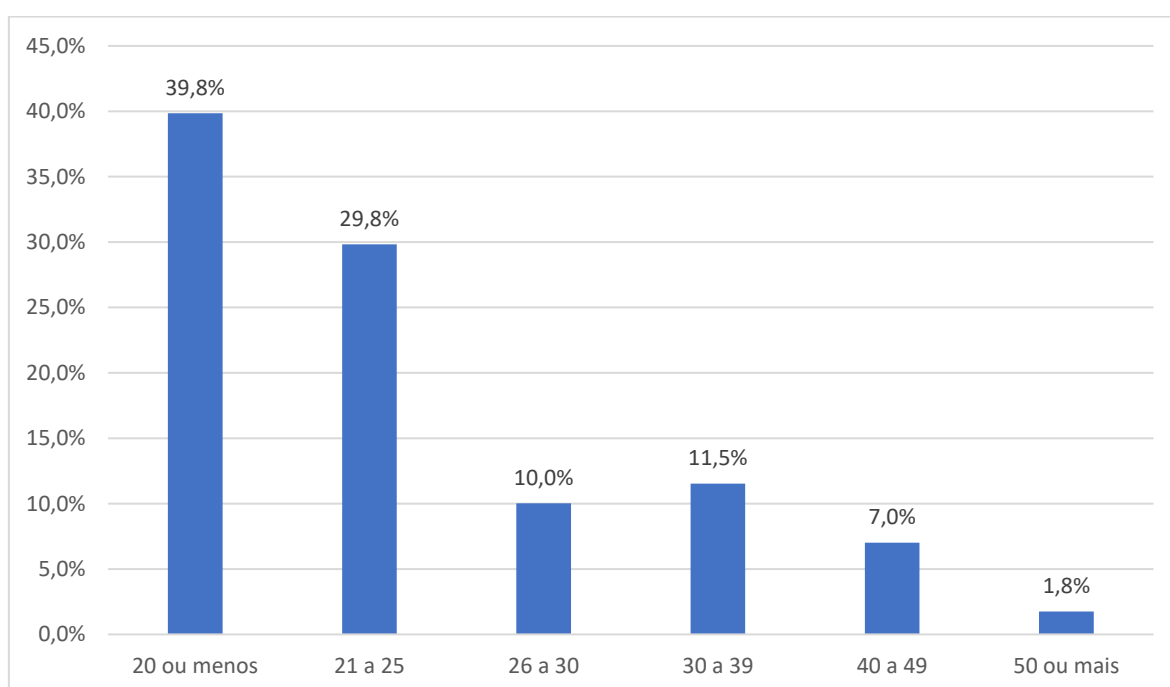
**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Na amostra estudada, 50,6% dos respondentes são do gênero masculino, 47,9% feminino, 1% preferiu não declarar e 0,5% apontaram a opção outro. Obteve-se respondentes de 18 estados brasileiros e do Distrito Federal. Todas as cinco

regiões brasileiras foram representadas, com destaque para as regiões sul e sudeste, contribuindo com mais de 90% dos respondentes.

No tocante a idade dos sujeitos, por se tratar de estudantes de graduação a maior parte dos respondentes trata-se de jovens adultos, principalmente com idades inferiores a 30 anos. Conforme aumenta a idade, o número de respondentes diminui, ou permanece o mesmo praticamente, evidenciando o público jovem presente nas Universidades e Institutos Federais em geral.

**Figura 5** – Distribuição de idade (em anos) dos sujeitos



**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Em relação ao Instituto Federal Catarinense, tendo a pesquisa sido enviada a todos os estudantes de graduação, todos os *campi* da instituição foram representados na amostra com, pelo menos, dois respondentes. Além disso, obteve-se respondentes de todas as fases, de maneira geral, dos cursos disponíveis.

**Tabela 2** – Distribuição das variáveis relativas ao IFC

Dados de Campus, Fase e Curso		Freq.	%
Campus	Abelardo Luz	2	0,5
	Araquari	46	11,5
	Blumenau	29	7,3
	Brusque	7	1,8
	Camboriú	65	16,3

	Concórdia	31	7,8
	Fraiburgo	5	1,3
	Ibirama	3	0,8
	Luzerna	39	9,8
	Rio do Sul	50	12,5
	Santa Rosa do Sul	15	3,8
	São Bento do Sul	11	2,8
	São Francisco do Sul	14	3,5
	Sombrio	26	6,5
	Videira	56	14,0
Tamanho Campus	Pequeno	28	7,0
	Médio	97	24,3
	Grande	274	68,7
Fase/Semestre	Fase 1	143	35,8
	Fase 2	11	2,8
	Fase 3	78	19,5
	Fase 4	12	3,0
	Fase 5	86	21,6
	Fase 6	17	4,3
	Fase 7	35	8,8
	Fase 8	6	1,5
	Fase 9	8	2,0
	Fase 10	1	0,3
	Fase 11	1	0,3
	Fase 12	1	0,3
Curso	Agronomia	42	10,5
	Análise e Desenvolvimento de Sistemas	19	4,8
	Ciência da Computação	20	5,0
	Ciências Agrárias	13	3,3
	Design de Moda	3	0,8
	Engenharia de Alimentos	6	1,5
	Engenharia de Computação	7	1,8
	Engenharia de Controle e Automação	20	5,0
	Engenharia Elétrica	38	9,5
	Engenharia Mecânica	23	5,8
	Engenharia Mecatrônica	9	2,3
	Física	7	1,8
	Gestão de Turismo	9	2,3
	Logística	12	3,0
	Matemática	42	10,5
	Medicina Veterinária	15	3,8
	Negócios Imobiliários	11	2,8
	Pedagogia	56	14,0
	Química	7	1,8
	Redes de Computadores	17	4,3
Sistemas de Informação	15	3,8	
Sistemas para Internet	8	2,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Observando-se a Tabela 2, nota-se que os *campi* de Camboriú e Videira foram os que apresentaram mais respondentes, em relação ao total, com 16,3% e 14% das respostas, respectivamente. A seguir, tem-se Rio do Sul com 12,5% e Araquari com 11,5%, representando, em conjunto com os *campi* anteriores, os maiores redutos estudantis do IFC. Os menores quantitativos de respondentes foram observados em Ibirama e Abelardo Luz, com 0,8% e 0,5%, respectivamente. Baseado no Quadro 4, *campi* com até 224 matrículas foram considerados pequenos, entre 225 e 541, médio e, por fim, *campi* com mais de 542 matrículas foram considerados grandes.

Estudantes matriculados em qualquer das fases/semestres dos cursos da instituição participaram da pesquisa. Houve maior prevalência de estudantes das fases iniciais, uma vez que o IFC possui cursos novos, estando o maior percentual de estudantes de graduação, dentro da instituição, na primeira metade dos cursos. Ainda se nota maior frequência de respostas ocorrendo nas fases de número ímpar. Isso acontece, pois, dentro do IFC, geralmente no primeiro semestre ocorrem as fases ímpares e no segundo semestre as fases pares.

Referente à faculdade dos sujeitos, as respostas foram agrupadas por curso, sendo possível que esses cursos existam em mais de um *campus*. Os maiores percentuais de participação estão relacionados aos cursos de Pedagogia, Agronomia, Matemática e Engenharia Elétrica, com 14%, 10,5%, 10,5% e 9,5%, respectivamente. Nota-se que os cursos mencionados pertencem a diferentes áreas do conhecimento, proporcionando assim uma boa variedade de perfis acadêmicos.

Ainda dentro da análise de perfil socioeconômico, foram avaliadas questões referentes a formações anteriores que os estudantes possuem, escolaridade dos pais, residência e situação da residência. Os dados levantados são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3** – Distribuição das variáveis relacionadas com formação, residência e escolaridade

<b>Dados de Formação, Escolaridade e Residência</b>		<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Formações Anteriores	Curso Técnico	182	45,6
	Outra Graduação (Concluída)	44	11
	Relacionado com finanças	30	7,5
	Magistério	18	4,5
	Outros	13	3,2
Residência	Com pai/mãe/pais	147	36,8
	Cônjuge e/ou filhos	101	25,3
	Divide moradia com outras pessoas	90	22,6



	Outros	17	4,3
	Sozinho	44	11,0
Situação imóvel	Alugado	192	48,1
	Cedido/Mora de favor	31	7,8
	Outros	9	2,3
	Próprio (financiado)	31	7,8
	Próprio (quitado)	136	34,1
Escolaridade dos pais	Analfabeto	7	1,8
	Ensino fundamental	28	7,0
	Ensino fundamental incompleto	97	24,3
	Ensino médio	102	25,6
	Ensino médio incompleto	20	5,0
	Graduação completa	63	15,8
	Graduação incompleta	25	6,3
	Não sei	2	0,5
	Pós-graduação	55	13,8

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Analisando a Tabela 3, percebe-se, no quesito formações anteriores, o alto índice de formação técnica entre os respondentes. Destes 45,6% possuem formação em curso técnico, evidenciando a proposta de verticalização do ensino, relativa aos Institutos Federais. Ainda, 11% possuem outra graduação concluída e 7,5% possuem alguma formação ou treinamento relacionado com finanças. Por fim, temos magistério e outras formações, com 4,5% e 2,6%, respectivamente.

Essa era uma pergunta aberta e opcional, sendo assim a soma das respostas não resulta em 399 (100%). É importante observar que dentre todos os respondentes da pesquisa, 92,5% ou, mais especificamente, 369 estudantes, não possuem formação ou treinamento em finanças, o que pode indicar que esse mesmo percentual de estudantes nunca foi alfabetizado ou educado financeiramente, de maneira oficial.

A maioria, ou 36,8%, dos estudantes reside com os pais. Já 25,3% deles residem com cônjuge e/ou filhos, evidenciando que mais de  $\frac{1}{4}$  dos respondentes já formaram sua própria família. Ainda, 11% dos estudantes da amostra residem sozinhos e 4,3% se encontram em outras situações diferentes destas acima citadas.

Em relação ao tipo de residência em que os respondentes habitam, quase metade destes (48%) reside em imóveis alugados, o que é justificável, pela razão de estudarem em cidades que não são suas cidades natais ou de residência de seus familiares. Quase 42% moram em imóveis próprios ou em processo de aquisição, sendo 34,1% em imóveis quitados e 7,8% em imóveis financiados. Do total, ainda,

7,8% moram de favor ou em imóveis cedidos, enquanto que 2,3% indicaram estar em outras situações diferentes das anteriores.

Relativo à escolaridade dos pais, a maioria tem os pais com ensino médio completo, totalizando 25,6%. Aqueles com pais com ensino fundamental incompleto também são um percentual importante, com 24,3%. Ainda, se destacam percentuais consideráveis de pais com graduação completa e pós-graduação, com 15,8% e 13,8%, respectivamente. Para essa questão foi considerada, dentre pai ou mãe, aquele com a escolaridade mais alta.

A Tabela 4, a seguir, traz dados referentes a apoio financeiro recebido dos pais (ou equivalente), empregabilidade e renda. Além disso, busca trazer a situação relativa ao endividamento dos estudantes e percentual de sua renda comprometido com a quitação dessas dívidas, também avaliados pela pesquisa.

**Tabela 4** – Distribuição das variáveis financeiras da amostra

<b>Dados de Emprego, Renda e Endividamento</b>		<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Apoio financeiro	Não	156	39,1
	Sim	243	60,9
Emprego	Empreendedor (Negócio próprio)	25	6,3
	Emprego formal (Emprego Privado ou Servidor público)	121	30,3
	Informal/Estágio/Temporário	89	22,3
	Não	149	37,3
	Outro	15	3,8
Renda bruta	Até R\$ 1000,00	180	45,1
	De R\$ 1000,01 a R\$ 2000,00	129	32,3
	De R\$ 2000,01 a R\$ 3000,00	54	13,5
	De R\$ 3000,01 a R\$ 5000,00	25	6,3
	R\$ 5000,01 ou mais	11	2,8
Empréstimo e/ou Dívida	Não	195	48,9
	Sim	204	51,1
Desembolso mensal	Até 10% da renda mensal	22	10,8
	Entre 10,1% e 20% da renda mensal	27	13,2
	Entre 20,1% e 30% da renda mensal	28	13,7
	Entre 30,1% e 50% da renda mensal	48	23,5
	Entre 50,1% e 80% da renda mensal	28	13,7
	Mais de 80% da renda mensal	10	4,9
	Não está quitando a dívida	41	20,1

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Todas as questões apresentadas na Tabela 4 eram fechadas e de resposta obrigatória. Os dados levantados apontam que 60,9% dos estudantes recebem algum apoio ou auxílio financeiro proveniente de seus pais, ou outra pessoa em situação similar. Por consequência, 39,1% são financeiramente independentes de outras pessoas do seu círculo familiar.

Relativo à empregabilidade, evidencia-se que 62,7% dos estudantes da amostra possuem alguma fonte de renda proveniente do trabalho. É importante destacar que essa pergunta é independente daquela sobre apoio financeiro dos pais. Ou seja, pelos percentuais aqui elencados, percebe-se que os estudantes possuem renda do trabalho e ainda assim recebem apoio financeiro de outras pessoas, como os pais. Cerca de 37,3% declararam não possuir atividade remunerada.

Dentre os estudantes que possuem atividade remunerada, tem-se 30,3% com emprego formal, podendo ser empregado privado ou servidor público, não se fazendo distinção entre estes. Aproximadamente 22,3% encontram-se em atividades remuneradas temporárias, como estágios, tão comum nessa etapa de formação, ou ainda estão exercendo atividades profissionais de maneira informal. Por fim, tem-se 6,3% dos estudantes atuando em negócio próprio, como empreendedores, e 3,8% que declaram se encontrar em situações distintas das apresentadas acima.

Em relação ao quesito renda, a grande maioria possui renda de até R\$ 2.000,00 por mês. Sendo, 45,1% com renda até R\$ 1.000,00 e 32,3% dos respondentes com rendas entre R\$ 1.000,01 e R\$ 2.000,00. Já na faixa de renda entre R\$ 2.000,01 e R\$ 3.000,00 observa-se que se situam 13,5% da amostra. Menos de metade desse percentual, ou mais especificamente 6,3% se encontram na faixa de renda entre R\$ 3.000,01 e R\$ 5000,00. Apenas 2,8% dos estudantes declararam ter renda superior a R\$ 5.000,00.

Finalmente, os últimos aspectos avaliados nessa seção se relacionam com o endividamento dos estudantes e percentual de renda comprometida com a quitação dessas dívidas. Na avaliação se os estudantes possuem alguma dívida ou empréstimo, a maioria, com 51,1% afirmou possuir dívidas. Em contrapartida, conforme esperado, 48,9% não possuíam nenhum passivo financeiro deste tipo.

Dentre aqueles que apontaram estar endividados, 10,8% afirmam que essa dívida consome até 10% de sua renda mensal. Aqueles que tem entre 10,1% e 20% da sua renda comprometida com a quitação dessas dívidas somam 13,2% do total.

Para 13,7% do total de estudantes endividados, a parcela de quitação desse passivo corresponde entre 20,1% e 30% de sua renda mensal.

Pessoas com mais do que 30% de sua renda mensal empregada em compromissos financeiros são consideradas altamente endividadas (OECD, 2013a). Nessa situação, com mais de 30% e até 50% da sua renda comprometida temos a maioria dos endividados da amostra, com 23,5% do total. Maior do que esse percentual, até 80% da renda mensal e acima de 80% da renda mensal comprometida com dívidas, temos, respectivamente, 13,7% e 4,9% do total de estudantes que possuem dívidas e compõem a amostra. Na situação considerada pior dentre as apresentadas, a dos sujeitos que se encontram inadimplentes, sem quitar seus compromissos financeiros, estão 20,1% dos estudantes endividados, que sobre o total de respondentes representam 10,2%.

Dessa forma, foi aprofundado o conhecimento acerca dos estudantes participantes da pesquisa, descrito na análise de perfil da amostra. Essa descrição se deu principalmente através de dados socioeconômicos. Portanto, agora se passará a analisar as variáveis comportamentais dos sujeitos, que também foram abordadas na pesquisa, realizado na seção seguinte.

## 4.2 ASPECTOS COMPORTAMENTAIS

Além de aspectos biográficos e socioeconômicos, avaliados por meio da Seção I do questionário empregado na pesquisa, buscou-se levantar aspectos comportamentais dos participantes. Isso foi realizado através de nove questões, com as respostas sendo coletadas através de uma escala Likert de cinco pontos. Os resultados são apresentados em detalhes na Tabela 5, mostrada a seguir.

**Tabela 5** – Estatística descritiva das perguntas da Seção II

<b>Questão / Aspecto Analisado</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>CV</b>	<b>Moda</b>	<b>IC</b>
16 / Planejamento	4,75	5	0,54	11%	5	0,05
17 / Aprendizado	4,68	5	0,68	15%	5	0,07
18 / Moradia	4,54	5	0,81	18%	5	0,08
19 / Investir	4,77	5	0,60	13%	5	0,06
20* / Aposentadoria	2,25	2	1,39	62%	1	0,14

21 / Empreender	3,94	4	1,21	31%	5	0,12
22* / Orçamento	2,52	2	1,43	57%	1	0,14
23 / Cartões de Crédito	2,46	2	1,64	67%	1	0,16
24* / Economia e Política	1,60	1	1,25	78%	1	0,12

Nota: \*Escala invertida.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A Tabela 5 sumariza os resultados das questões da Seção II, que avalia aspectos comportamentais dos sujeitos da pesquisa, apresentando valores de média, mediana e moda, com valores mínimos e máximos possíveis de 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente), respectivamente. Ainda, a tabela traz os valores de Desvio Padrão, Coeficiente de Variabilidade (CV) e, finalmente, o Intervalo de Confiança (IC).

A mediana é uma medida de posição, dividindo a amostra ao meio, ou seja, indica que 50% dos indivíduos estão acima do valor da mediana e 50% abaixo. Esta é uma estatística relacionada à média, pois quanto mais próximo seu valor for em relação à média, mais simétrica será a sua distribuição. Uma distribuição assimétrica, possui certamente uma grande variabilidade associada. Também é apresentada a moda, sendo uma estatística que mostra a resposta que mais ocorre (KAZMIER, 2007).

A variabilidade é medida pelo desvio padrão. Quanto mais distante (ou maior) esse valor for em relação à média, maior será a variabilidade, indicando uma falta de homogeneidade dos dados. Já o Coeficiente de Variação é uma estatística que avalia o quanto a variabilidade representa da média. O ideal é que este índice seja o mais baixo possível (pelo menos menor que 50%), pois desta forma, tem-se uma baixa variabilidade e conseqüentemente uma homogeneidade dos resultados.

Por fim, o Intervalo de Confiança, ora somado e ora subtraído da média, mostra a variação desta segundo uma probabilidade estatística. Aqui, esses limites não se relacionam com o cálculo de mais ou menos um desvio padrão em relação à média, uma vez que o IC é mais confiável pois existe uma probabilidade estatística associada em seu cálculo (KAZMIER, 2007).

Procedendo a análise da Tabela 5, percebe-se que todas as variáveis, com exceção da questão 23, possuem baixa variabilidade, dado que o CV é menor que 50%, uma característica positiva, demonstrando que os dados são homogêneos.

É importante salientar que a resposta ideal para todas as questões seria concordo totalmente (5), exceto as questões 20, 22 e 24, que tiveram suas escalas invertidas. Nessas questões a resposta ideal seria discordo totalmente (1). Isso foi realizado de modo a evitar um fenômeno conhecido como *acquaintance bias*, que indica que em questionários que empregam escala Likert, os respondentes tendem, em sua maioria, a concordar com as afirmações apresentadas (HAIR JR *et al.*, 2009).

A questão 16, “considero importante aprender sobre o impacto financeiro no planejamento da minha carreira profissional”, apresentou média de  $4,75 \pm 0,05$ , com um CV de 11%. Isso indica que os estudantes estão preocupados com suas decisões do presente impactarem seu futuro profissional, mais especificamente sobre os impactos financeiros em sua carreira. Com média alta e CV baixo, o mais baixo dentre todas as questões analisadas nessa tabela, nota-se que a grande maioria percebe a importância dessa questão. Com números similares, a questão 17, “considero importante aprender sobre como funcionam impostos e taxas”, também demonstra uma demanda dos estudantes por conhecimento e educação financeira básica. A questão teve média de  $4,68 \pm 0,07$ , e um CV de 15%.

Dando continuidade, ao apresentar a afirmação, “considero importante aprender sobre o planejamento para aquisição de moradia”, se obteve uma média de  $4,54 \pm 0,08$ . Dado que quase dois terços dos estudantes não moram em imóveis próprios quitados e, que aqueles que vivem, podem estar residindo com seus pais, é evidente a importância do planejamento financeiro para aquisição de moradia. Tal planejamento se mostra importante uma vez que esse é um dos bens de maior valor que as pessoas adquirem durante suas vidas. Uma preocupação com conhecimento e planejamento para aquisição de tal bem, em idade precoce, demonstra um excelente comportamento relacionado com o futuro e com suas finanças pessoais. Essa questão, também, apresentou um CV baixo, de 18%.

Ao avaliar a busca e demanda por educação e conhecimento financeiro dos estudantes, se afirmou “considero importante aprender sobre como aumentar meu conhecimento sobre finanças pessoais/Como economizar e investir”. Com essa afirmação uma média de  $4,77 \pm 0,06$ , concordam totalmente. Com isso, evidencia-se

um interesse e, novamente, demanda por educação financeira por parte dos jovens da amostra, que mesmo ainda no começo da vida adulta e preparação para uma carreira profissional, se preocupam com essas questões, tão importantes durante toda a vida adulta. Os dados também continuaram com uma baixa variabilidade nessa questão, apresentando um CV de 13%.

A questão 20 é a primeira dessa seção que tem sua escala invertida, onde um bom comportamento seria indicado com “discordo totalmente”, refletindo, por consequência, em uma baixa média. Ao apresentar a afirmação “acredito que minha aposentadoria esteja distante para começar a me preocupar sobre isso agora”, avalia-se o comportamento do respondente frente a duas questões principais. A primeira delas trata do planejamento em longo prazo, uma vez que tanto agora, como no futuro, a aposentadoria se dá e se dará cada vez mais em idade avançada.

A segunda questão, associada com a primeira, se relaciona com uma aposentadoria independente do Estado. Aqueles que pensam em uma aposentadoria precoce, sem precisar trabalhar durante várias décadas ou, ainda, aqueles que desejam uma renda maior durante seus anos de aposentadoria, necessitam possuir, desde uma idade precoce, um planejamento financeiro sólido, podendo só assim atingir esses objetivos.

Considerando um valor mínimo possível de 1, a resposta dos estudantes foi positiva, visto que a média para essa questão foi de  $2,25 \pm 0,14$ , com um CV associado de 62%. Esse CV alto indica a taxa considerável de respostas extremas. Com isso, observa-se que apesar da maioria discordar que sua aposentadoria está muito distante, ainda existe um quantitativo importante de sujeitos que concordaram com a afirmação. Isso se verifica através da moda, que teve 1 como valor.

Dado que muitas características de um bom empreendedor estão correlacionadas positivamente com uma boa educação e alfabetização financeira (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; LUSARDI, 2014), foi proposta uma avaliação dessa característica dos respondentes. Foi feita a afirmação “Tenho intenção em aprender como começar meu próprio negócio/empreender”. Uma vez que aprender sobre algo não implica diretamente se comprometer a realizar tal empreendimento, tem-se aqui ainda uma avaliação do desejo e disposição para o aprendizado sobre novos temas. O resultado foi uma média de  $3,94 \pm 0,12$ . Ainda com um CV de 31%,

pode-se confirmar uma tendência positiva para aquisição de novos conhecimentos, bem como uma homogeneidade de respostas, no tocante ao empreendedorismo.

A seguir, o respondente se deparou com a assertiva “nunca faço um orçamento mensal (ou semanal) de gastos”. Aqui também se tem uma escala invertida, onde idealmente, os estudantes fariam esse orçamento, controlando e administrando suas finanças, e discordariam totalmente. Foi observada uma média de  $2,52 \pm 0,14$ . A partir da média, próxima ao centro da escala, poderia afirmar-se que os estudantes não concordam nem discordam e que, com isso, as vezes realizam e outras vezes não, esse controle através de orçamento. Porém, ao observar-se um CV de 57%, nota-se que existe uma grande variabilidade das respostas, levando a conclusão de que boa parte dos estudantes sempre fazem um orçamento mensal, ou semanal, de seus gastos e que outra parte, também grande, nunca faz esse orçamento, haja que concordaram totalmente com a afirmação feita. A moda, com seu valor de 1, confirma que a maioria realiza esse tipo de controle financeiro.

Ainda se avaliou, mesmo que de forma generalista, o uso do crédito pelos estudantes. É importante salientar que essa questão apresentou o maior intervalo de confiança e coeficiente de variabilidade, e menor média, mesmo não sendo uma questão com escala invertida. A média registrada foi de  $2,46 \pm 0,16$ , e o coeficiente de variabilidade de 67%, indicando uma grande inconstância de respostas. A afirmação feita foi “Possuo cartão de crédito (bancário ou de empresa) e utilizo pelo menos uma vez por semana”. A fim de não ter um número excessivo de questões a serem respondidas optou-se por condensar as questões de cartão de crédito e uso deste em uma só afirmação.

Apresentando uma baixa média pode-se concluir que a maioria dos estudantes pesquisados não utilizam o crédito na forma de cartões, regularmente. Isso pode estar associado ao endividamento, uma vez que grande parcela dos sujeitos da amostra está endividada, e que a dívida mais comum dos estudantes universitários é a de cartão de crédito (SILVA; SOUZA; FAJAN, 2015), bem como a dos brasileiros em geral (AMBIMA, 2019).

Ainda, tal resultado pode também apontar uma falta de conhecimento prático de finanças, ou alfabetização financeira. Isso, porque com receio de não poder honrar a fatura do cartão não o usam. Porém, destaca-se que quando usado de forma correta, o cartão de crédito é uma das formas mais baratas de crédito disponíveis para a



pessoa física. Isso ocorre pois, quando pago em dia, não cobra qualquer taxa de juro sobre a dívida.

Nessa linha, Norvilitis *et al.* (2006) avaliaram o comportamento e as causas e efeitos das dívidas de cartões de crédito de estudantes universitários. Os autores demonstraram que fatores como idade, número de cartões e falta de educação financeira são fatores influentes acerca das dívidas dos estudantes.

Ainda, Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012), avaliaram a mesma questão, concluindo que a falta de educação financeira resulta em endividamento através do uso de cartões de crédito. Assim, o resultado aqui apontado, salientando um uso reduzido de cartões de crédito, pode apontar para uma maior responsabilidade financeira, que por sua vez, geralmente, está associada à sujeitos financeiramente educados.

Por fim, a última questão desta seção avalia o exercício da cidadania em conjunto com o conhecimento de questões financeiras e macroeconômicas. Essa questão também possui escala invertida e apresenta a afirmação “Acredito que as decisões políticas nacionais não influenciam na economia do país”.

O Brasil recentemente passou por uma grave crise e consequente recessão econômica, sendo um dos principais causadores o próprio governo federal, através da baixa artificial dos juros, política monetária, em geral, equivocada (OUREIRO; D'AGOSTINI, 2017) e diversos atos de corrupção. A média para essa questão foi de  $1,6 \pm 0,12$  demonstrando assim que os estudantes discordam da afirmação e, por consequência, compreendem que as decisões políticas tomadas pelo poder executivo e/ou legislativo, bem como seus órgãos auxiliares (COPOM, BACEN, etc.) influenciam diretamente a vida do cidadão, seja no curto, médio ou longo prazo.

Tal consciência pode estar associada com o amplo destaque dado na imprensa para temas importantes da área econômica, como as reformas da previdência e tributária, além do maior e amplo acesso a mídias digitais e imparciais.

Após essa primeira análise, é importante destacar que as questões com escala invertida serão convertidas para escala normal. Uma vez que será dado apenas tratamento estatístico as mesmas, é importante ter-se uma seção com escala uniforme. Sendo assim, as médias das questões 20, 22 e 24, recalculadas, juntamente com seus CVs ficam, respectivamente, como 3,75 e 37% para a questão 20, 3,48 e

41% para questão 22 e, finalmente, 4,40 e 28% para a questão 24. Os intervalos de confiança permanecem inalterados.

Feito isso, é possível, inclusive, calcular uma média geral para os questionamentos e comportamentos dos estudantes nessa seção. Realizando esse cálculo encontra-se uma média de  $4,09 \pm 0,10$ . Considerando um comportamento ideal, ter-se-ia uma média de 5 e um comportamento oposto ao ideal, uma média 1.

Com isso, é possível concluir que uma média de  $4,09 \pm 0,10$  retrata-se um comportamento muito bom por parte dos estudantes que compõem a amostra. Resta avaliar, nas próximas seções, se esse bom comportamento se traduz em um bom nível de educação e alfabetização financeira e quais dessas variáveis são mais importantes e influentes.

### 4.3 AVALIANDO O CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES

As Seções III e IV do questionário estruturado aplicado na pesquisa visaram medir, de forma quantitativa, a educação financeira e a alfabetização financeira dos respondentes. Nas próximas seções, então, serão expostos os resultados alcançados nessa avaliação de conhecimento conceitual e prático dos estudantes.

#### 4.3.1 Educação Financeira dos Estudantes

A Seção III consiste de seis questões, que versam sobre taxa de juros, inflação, seguros e impostos. Para todas as questões são apresentadas apenas três alternativas, “sim”, “não” e “não sei”. A opção “não sei” foi incluída após o pré-teste do questionário. Com isso o conhecimento do estudante é mais bem retratado, uma vez que o mesmo não é obrigado a optar entre “sim” e “não” mesmo que desconheça o tema.

A seguir, na Tabela 6 é apresentado o panorama geral de respostas das questões da Seção III. As respostas corretas estão destacadas. Aqui, se optou por manter a numeração original do questionário.

Tabela 6 – Respostas às questões da Seção III

Questão / Aspecto Avaliado	Alternativa	Freq.	%
25 / Planejamento	Não	35	8,8
	Não sei	168	42,1
	<b>Sim</b>	196	49,1
26 / Seguros	Não	33	8,3
	Não sei	81	20,3
	<b>Sim</b>	285	71,4
27 / Taxa de Inflação	<b>Não</b>	78	19,5
	Não sei	261	65,4
	Sim	60	15,0
28 / Taxa de Imposto	<b>Não</b>	121	30,3
	Não sei	206	51,6
	Sim	72	18,0
29 / Juros do Crédito	Não	17	4,3
	Não sei	202	50,6
	<b>Sim</b>	180	45,1
30 / Juros Popupança	<b>Não</b>	152	38,1
	Não sei	180	45,1
	Sim	67	16,8

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Procede-se agora à análise geral das respostas às questões. A questão com o maior índice de acertos, foi a questão 26 “A idade da pessoa influencia no valor de seguro de automóvel que esta contrata?”. Para essa questão 71,4% das respostas foram corretas. Ainda, para essa mesma questão teve-se o menor índice de respostas para a alternativa “não sei”. Dessa forma, demonstrando que o tema seguro, no

presente caso, de automóveis, foi o assunto que os participantes tiveram o maior nível de conhecimento.

No extremo oposto, a questão 27 “A taxa de inflação no Brasil atualmente está entre 6% e 8% ao ano?” obteve o menor índice de acertos, com apenas 19,5%. Poderia se argumentar, por conta de o Brasil não ter uma taxa de inflação constante ao longo dos anos e, ter vivido períodos de hiperinflação, que os respondentes acreditassem que esse percentual de inflação fosse maior. Porém, ao observar-se que o percentual de respostas “não sei” é de 65,4%, o maior dentre todas as questões dessa seção, pode-se concluir que o tema é realmente pouco conhecido dos discentes. Apesar dos índices inflacionários serem calculados mensalmente e amplamente divulgados pela mídia, avalia-se que o público pesquisado desconhece o tema em sua grande maioria (79,4%).

A inflação também é abordada, em conjunto com o planejamento, na questão 25 “O planejamento financeiro deve ser feito de acordo com a inflação?”. No entanto, essa questão não testa um conhecimento ou se o respondente possui informação. Ela apenas avalia se este entende o conceito geral, resumido a valor do dinheiro no decorrer do tempo. Aqui o percentual de acertos se aproxima do considerado satisfatório, com 49,1% de respostas corretas. No entanto, 42,1% afirmaram não saber, indicando e confirmando que desconhecem o conceito de inflação. Apenas 8,8% responderam convictamente de forma incorreta, assinalando a opção “não”.

Outro tema que aponta para um desconhecimento importante por parte dos jovens estudantes de graduação é aquele relativo a impostos e taxas. Com um índice de respostas “não sei” de 51,6% a questão 28 “Atualmente a taxa de imposto em produtos é de no máximo 50% sobre o valor total do produto?” aponta, também, para um tema que passa despercebido. Desta vez, relacionado com o consumo, apenas 30,3% dos respondentes indicam saber que na atualidade no Brasil existem produtos taxados em mais de 50%. Ainda, 18% responderam incorretamente ao indicar que não existem produtos taxados em mais de 50% no país.

As duas últimas questões da seção avaliam aspectos relacionados com juros. A questão 29 “Os juros sobre o crédito rotativo do cartão de crédito podem passar de 200% ao ano” busca verificar se o público investigado está ciente e possui conhecimento sobre as taxas de juros cobradas pelos bancos (e/ou empresas) sobre o crédito rotativo dos cartões. Essas taxas podem ultrapassar valores de 300% ao ano

(BACEN, s.d.) e representam um perigo para as finanças pessoais no caso em que as dívidas relativas a cartões não sejam quitadas.

Praticamente metade dos respondentes, 50,6%, disseram desconhecer se a afirmação estava correta ou não. Por outro lado, 45,1% da amostra acertaram, ao apontar que juros desse tipo podem ultrapassar o percentual indicado pela questão. Novamente surge a dualidade informação e desconhecimento. O índice de erro foi mínimo nessa questão, apenas 4,3%, prevalecendo a indicação de “não sei”, impedindo de obter-se um nível maior de respostas corretas para a questão. Mais uma vez aqui, se apresenta uma importante lacuna de conhecimento financeiro, traduzida na forma de informação, esclarecimento e, principalmente, educação financeira.

A última questão da pesquisa, nessa seção, relaciona taxa de juros com investimento em ativos financeiros. Ao questionar na pergunta 26 se “a taxa de rendimento (juros) do dinheiro aplicado em uma conta poupança é sempre de 5% ao ano ou maior”, avaliou-se os estudantes tinham noção do rendimento de um dos ativos financeiros mais populares do Brasil (B3, 2019).

A conta poupança, na atualidade, tem seu rendimento pós-fixado, ou seja, um rendimento que acompanha a taxa de juros básica da economia nacional, taxa SELIC (BACEN, s.d.). Dessa forma, não é possível ter um rendimento sempre maior ou igual que 5% ao ano, como indicado pela questão.

Assinalaram “não”, acertando a questão, 38,1% da amostra. Porém, não é possível inferir se os mesmos conhecem o sistema de rendimentos da poupança, que em um primeiro momento pode parecer simples, mas exige certo nível de conhecimento acerca de macroeconomia. Essa razão pode ter levado os cerca de 16,8% a assinalarem “sim” como resposta, o que é incorreto. Por fim 45,1%, novamente um índice alto, indicou não possuir conhecimento a respeito do tópico.

Analisando-se a seção e as respostas como um todo, percebe-se que a resposta “não sei”, alternativa comum a todas as questões, teve destaque. Calculando-se uma média simples, se observa um valor médio de 45,85% das respostas apontando para essa alternativa. Conforme explicitado anteriormente, isso mostra que os respondentes não escolheram aleatoriamente uma resposta, pelo contrário, foram sinceros ao indicar sua falta de conhecimento sobre determinado tema ou conceito.

Esta situação traz luz sobre o fato de que existe um amplo espaço para avançar-se com educação financeira básica, bem como a existência de uma demanda. Fica claro que o desconhecimento de temas importantes como inflação, juros e dados macroeconômicos, presentes no dia a dia de todos, pode trazer consequências importantes. Consequências não só na vida das pessoas em sua individualidade, como também para suas famílias e a coletividade em geral.

Portanto, lança-se luz sobre esta demanda, associada a uma clara necessidade, de educação financeira por parte não só dos jovens, mas da população em geral.

#### **4.3.2 Alfabetização Financeira dos Estudantes**

Enquanto que a Seção III do questionário estruturado aplicado avaliou o conhecimento dos estudantes sobre conceitos de inflação, juros, seguros e dados macroeconômicos atuais. Sendo assim, tal seção abordou temas e conhecimentos mais relacionados, por definição, com o termo educação financeira. Por sua vez, a Seção IV, aqui a ser avaliada, tem outra abordagem. Esta seção avaliou o conhecimento prático e aplicado desses temas em situações cotidianas.

Dessa forma, agora foi avaliada a alfabetização financeira. Foram apresentadas diversas situações práticas e reais, fornecendo-se múltiplas opções de resposta. Aqui novamente foi apresentada a alternativa de resposta “não sei”. A seção foi composta por oito questões, sendo sete destas avaliando conceitos e cenários reais e uma delas de cunho pessoal, sobre os ativos financeiros que os estudantes possuem.

A Tabela 7, apresentada na sequência, traz o panorama geral de respostas das questões de número 32 até 38. Os resultados da questão número 31 serão apresentados em momento oportuno, a frente. Novamente as alternativas que respondem corretamente as questões aparecem destacadas.

Tabela 7 – Respostas às questões da Seção IV

Questão / Aspecto Avaliado	Alternativa	Freq.	%
32 / Juros Empréstimo	Não sei	60	15,0
	Nenhum	3	0,8
	<b>Prazo do empréstimo</b>	306	76,7
	<b>Sua situação financeira</b>	100	25,1
	<b>Valor do empréstimo</b>	217	54,4
33 / Descontos	R\$ 1.800	12	3,0
	R\$ 1.880	12	3,0
	<b>R\$ 1.920</b>	344	86,2
	R\$ 2.000	15	3,8
	Não sei	16	4,0
34 / Juros Dívida	Menos de 2 anos	34	8,5
	<b>Entre 2 e 5 anos</b>	235	58,9
	Entre 5 e 10 anos	74	18,5
	Mais de 10 anos	4	1,0
	Não sei	52	13,0
35 / Financiamento	<b>A afirmação está correta</b>	187	46,9
	A afirmação está incorreta	15	3,8
	Depende do banco e/ou do financiamento	101	25,3
	Não sei	96	24,1
36 / Diversificação	Aumenta	35	8,8
	<b>Diminui</b>	252	63,2
	Não sei	72	18,0
	Permanece o mesmo	40	10,0
37 / Efeitos Inflação	<b>Exatamente o mesmo</b>	169	42,4
	Mais do que hoje	23	5,8
	Menos do que hoje	114	28,6
	Não sei	93	23,3
38 / Juros Reais	Exatamente o mesmo	16	4,0
	Mais do que hoje	18	4,5
	<b>Menos do que hoje</b>	211	52,9
	Não sei	154	38,6

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A questão 32, novamente, avaliou o entendimento dos estudantes sobre crédito, na forma pessoal, via empréstimos. Perguntou-se “O que influencia na taxa de juros de um empréstimo?”, onde foram apresentadas cinco alternativas. Essa questão possui uma dinâmica diferente. Era possível assinalar quantas alternativas

se desejasse, sendo que das cinco apenas “nenhum” e “não sei” não eram corretas. Todas as outras estavam corretas e, idealmente, seriam assinaladas.

Tendo em mente essa situação, claramente a soma não irá corresponder a 100%. Dentre todos, 67 respondentes, ou 16,7%, apenas, acertaram a questão integralmente, assinalando as três alternativas corretas. Por outro lado, apenas 15,8% da amostra errou completamente.

Sendo assim, é necessário avaliar os percentuais de respostas para cada alternativa. Mais de  $\frac{3}{4}$  da amostra, a grande maioria, concorda que o prazo do empréstimo é importante e influencia na taxa de juros. Por outro lado, pouco mais da metade aponta que o valor do empréstimo influencia na taxa de juros. Por fim, apenas 25,1%, cerca de  $\frac{1}{4}$  do total, indicou acreditar que a situação financeira daquele que solicita um empréstimo influencia na taxa de juros deste.

A questão seguinte, de número 33, propõe uma situação muito comum ao questionar “Se uma geladeira custa R\$ 2400,00, porém no pagamento à vista temos um desconto de 20%, quanto ela custa à vista?”. Dentre todas as questões propostas no instrumento de pesquisa, esta foi a que atingiu o maior percentual de acertos, com 86,2% dos respondentes indicando a resposta correta. Uma parcela mínima (4%) afirmou não saber, e o restante (9,8%) responderam de forma incorreta.

A questão 34, ao propor e perguntar “Imagine que você possui uma dívida de R\$ 1000,00. A taxa de juros sobre essa dívida é de 20% ao ano. Em quanto tempo sua dívida terá dobrado?” explora conceitos de juros e dívidas. Implicitamente trata-se de juros compostos, uma vez que dívidas dessa natureza sempre empregam esse tipo de prêmio. Um baixo índice, apenas 13%, afirmaram não saber.

Em contrapartida, 58,9% responderam corretamente, apontando que a dívida irá dobrar entre dois e cinco anos. Apontaram as demais alternativas, incorretas, um total de 28%, porém assinalaram casos extremos (menos de dois anos ou mais de dez anos) apenas 9,5%. Esses valores extremos assinalados levam a concluir que o respondente não entende completamente a questão de juros compostos e, nem mesmo, de porcentagem simples.

Novamente é abordada a questão de planejamento e aquisição de imóveis. Desta vez, apresenta-se uma situação hipotética de financiamento imobiliário através da afirmação “Um financiamento imobiliário de 15 anos tipicamente exige um pagamento de parcelas de maior valor do que um financiamento de 30 anos, porém o



total pago em juros no financiamento de 15 anos é menor”. Essa situação avalia o conhecimento sobre juros, além de relacioná-los com o custeamento de imóveis, uma situação um tanto quanto comum.

Do total, 46,9% concordaram com a informação, acertando a questão. O restante disse não saber (24,1%), que depende do banco e/ou financiamento (25,3%) e somente 3,8% discordaram da afirmação. Percebe-se que há situações completamente diferentes aqui. Aqueles que não entendem a situação ou não detêm o conhecimento, afirmam não saber. Também, aqueles que discordam da afirmação, evidenciando um equívoco importante, ao acreditar que em financiamentos mais longos, com prestações menores, se pagam menos juros.

A questão avaliou o tempo de financiamento, e não suas condições. Assim, temos uma parcela que acredita que o valor do dinheiro no tempo é diferente para diferentes bancos e/ou financeiras, ignorando a parcela de juros que está embutida em cada parcela e o valor da amortização da dívida com o passar dos anos. Com isso, fica evidente uma deficiência importante de conhecimento, uma vez que um financiamento pode afetar a renda de um sujeito ou família por diversas décadas.

A questão 36 verificou o entendimento dos estudantes sobre risco e diversificação. O índice de acertos foi de 63,2%. Esse valor está alinhado com aqueles reportados por Potrich *et al.* (2013), assim como também com os apresentados por Rooij, Lusardi e Alessie (2011), que usaram a mesma questão e também tinham estudos focados em estudantes universitários.

As questões 37 e 38 envolviam o conceito de inflação. A primeira tratava do efeito da inflação diretamente sobre o poder de compra do salário. A segunda associava a inflação ao rendimento da conta poupança.

Na questão 37, cerca de 42% dos estudantes acertaram ao assinalar que para repor o poder de compra de um dado salário, que sofreu com uma inflação de 100%, seria necessário dobrar o valor desse salário. Um total de 34,4% dos respondentes errou a questão e 23,3% afirmaram não saber.

Uma vez que nos últimos anos, a inflação no Brasil tem se mantido em níveis aceitáveis, pode-se atribuir a isso o grande desconhecimento acerca do tópico. Em sua pesquisa Klapper, Lusardi e Oudheusden (2015), mostraram que em países que estão submetidos à altas taxas de inflação, tais como Argentina e Bósnia e Herzegovina, os participantes da pesquisa demonstram conhecer muito bem os

efeitos deste fenômeno. Mais de 60% dos adultos desses países acertaram as questões relacionadas com inflação.

A questão 38 ao avaliar o efeito da inflação sobre os rendimentos de ativos financeiros propôs uma situação interessante. Dado que cerca de 66% dos estudantes possuem conta poupança, espera-se que estes tenham um entendimento básico sobre o rendimento da aplicação.

Relacionado a questão em si, 52,9% dos respondentes acertaram, afirmando que uma taxa de inflação superior à de rendimentos da conta em questão, faz, de fato, o indivíduo perder dinheiro. Um percentual alto, 38,6% afirmaram não saber e apenas 8,5% do total assinalaram outras opções, errando a questão. Esse resultado, levando em conta as respostas corretas, está abaixo daquele apresentado tanto por Potrich *et al.* (2013) quanto por Lusardi e Mitchell (2011), que também utilizaram essa questão.

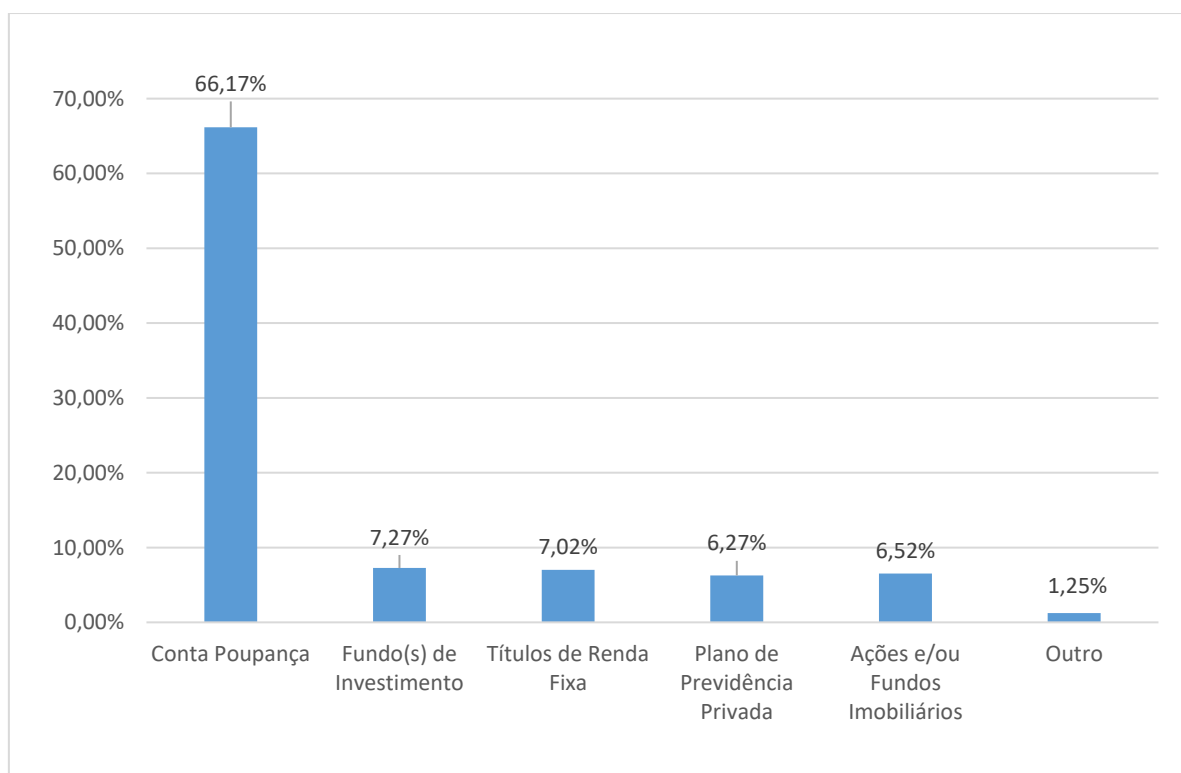
Mais uma vez avalia-se a seção e as respostas como um todo. Assim, percebe-se que a resposta “não sei”, alternativa comum a todas as questões, teve um decréscimo, se comparada com a seção de educação financeira. Calculando-se uma média simples, se observa um valor médio de 26,57% das respostas apontando para essa alternativa. Esse é um valor 19 pontos percentuais inferior ao da seção anterior.

Dessa forma, nota-se que os respondentes se sentiram mais seguros ao responder as perguntas da seção de alfabetização financeira. Uma vez avaliados seus conhecimentos, agora, serão analisados os ativos financeiros que estes estudantes possuem.

### **4.3.3 Ativos Financeiros dos Estudantes**

Essa pesquisa, além de mensurar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes da IES investigada, também pretendeu avaliar quais ativos financeiros são os mais procurados pelos estudantes que investem e poupam parte de sua renda. Para tanto, na questão 32 foram apresentadas cinco principais categorias/tipos de investimento, além de ter sido deixada uma opção em aberto, onde o respondente poderia escrever o ativo específico, caso desejasse.

A questão oferecia a opção de assinalar mais de uma alternativa. O resultado é mostrado na Figura 6 abaixo, onde a categoria “outro” representa ativos financeiros diferentes dos listados.

**Figura 6** – Ativos financeiros dos estudantes.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Do total de estudantes que responderam o questionário, a maioria absoluta, mais precisamente 75,18%, declarou ter, um ou mais tipos de investimento. Esse percentual está muito acima da média nacional brasileira, que gira em torno de 42% (AMBIMA, 2019).

O ativo financeiro preferido dos estudantes, bem à frente dos demais, foi a conta poupança, com 66,79% do total de estudantes da amostra possuindo essa aplicação. Esse total representa 88% daqueles que investem, número alinhado ao percentual nacional, onde também cerca de 88% daqueles que investem (37% do total da população) possuem a aplicação financeira denominada conta poupança.

A opção “fundo(s) de investimento” também foi escolhida, e apontou que 7,27% do total de estudantes da amostra possui esse tipo de investimento. Novamente aqui, o valor está bem acima da média dos investidores no Brasil (4%) e da população em geral (1,68%) (AMBIMA, 2019).

A seguir aparece, com aproximadamente 7%, os investimentos em títulos de renda fixa, podendo ser públicos ou privados. Nessa categoria a média nacional, entre investidores, levantada em estudo realizado pela AMBIMA (2019) aponta para 5% da

amostra, assim observa-se que uma parcela maior da média de estudantes investe nesse ativo. Entre a população geral, estima-se, que esse ativo concentra investimentos de apenas 2,1% do total de brasileiros. Porém, destaca-se que aqui a comparação é feita entre a amostra de estudantes do IFC e investidores de títulos de renda fixa privada, somente.

Agora, comparado ao todo da população, verifica-se que apenas 0,5% de todos os brasileiros, pouco mais de um milhão de pessoas, investe diretamente em títulos públicos (tesouro direto), por exemplo (B3, 2019). Sendo assim, destaca-se quão superior é o percentual de estudantes que conhecem e investem nesse produto ou títulos de renda fixa privada.

A seguir, observa-se o investimento em planos de previdência privada, como aplicação financeira, atingindo 6,27% da amostra. Apesar de essa categoria poder ser enquadrada dentro da categoria de fundos de investimento, aqui se optou por manter separada, uma vez que esse tipo de investimento possui características e regras que diferem consideravelmente dos investimentos tradicionais de fundos de investimento.

Ainda, é importante destacar, que é uma aplicação planejada, geralmente, para um horizonte de longo prazo, por exemplo, 10 anos. Cerca de 6% da amostra pesquisada pela AMBIMA (2019) realiza investimentos nesse ativo, um número percentual aproximadamente igual ao dos estudantes.

Poderia se esperar uma grande diferença nesse percentual, haja que essa diferença poderia ocorrer por diversos motivos. Entre eles, a média de idade dos estudantes, que é baixa, planejamento futuro e, até mesmo, alfabetização financeira, visto que o produto, quando oferecido por grandes bancos, apresenta rentabilidades baixas. Porém, foram encontrados valores percentuais semelhantes.

Por fim, o grande destaque fica por conta dos investimentos em renda variável. Na pesquisa, levantou-se que 6,52% dos estudantes possuem ativos de renda variável (ações ou fundos de investimento imobiliários). Enquanto que no comparativo com a população em geral, na mesma época de coleta dos dados, havia menos de 0,5% dos brasileiros investindo na bolsa de valores nacional (B3, 2019).

Assim, se tem cerca de 13 vezes mais estudantes investindo, do que pessoas em geral, nesse tipo de ativo financeiro. Realizando um comparativo no contexto do estado de Santa Catarina, também se observa essa diferença. Enquanto que 4,1%

dos investidores da B3 são catarinenses, o percentual de estudantes da amostra atinge 6,52%, mais uma vez superando a média, agora no contexto regional.

A participação no mercado acionário é uma característica positiva, uma vez que, historicamente, as ações apresentam os melhores retornos no longo prazo (JAPPELLI; PADULA, 2013). Ainda, diferentes estudos evidenciam que uma participação mais ativa no mercado acionário e de renda variável em geral, vem associada com níveis altos de educação financeira (KIMBALL; SHUMWAY, 2010; ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011).

Ainda, 1,25% dos estudantes declararam ativos diversos. A maior parte destes poderia ter sido incluído na opção renda variável, dado sua natureza. Porém, como existem algumas diferenças fundamentais optou-se por alocar na categoria “outro”. Nessa categoria tem-se ativos ou operações com criptomoedas, *day-trade*, *commodities*, derivativos e cotas de investimentos privados (*private equity*).

Dessa forma, foi possível fazer um levantamento geral dos investimentos dos estudantes participantes da pesquisa. Percebeu-se um comportamento positivo, especialmente se comparado com os padrões brasileiros em geral.

O destaque ficou por conta da posse de ativos financeiros, com 75,18% dos estudantes declarando possuir algum tipo de investimento, e a participação no mercado de renda variável, com 6,52% dos respondentes possuindo esse tipo de ativo financeiro.

#### 4.4 NÍVEL DE EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DOS ESTUDANTES E FATORES INFLUENTES

Uma vez feita a análise descritiva da amostra em estudo, passar-se-á nessa seção a um exame inferencial. As questões que objetivaram mensurar o nível de educação e alfabetização financeira se encontravam nas Seções III e IV do questionário. A Seção III trouxe uma abordagem mais conceitual e teórica enquanto a Seção IV, propôs situações práticas e aplicadas.

A partir dessa estrutura podem ser analisadas as respostas dos estudantes de acordo com seu conhecimento, experiência e avaliação, se traduzindo no nível de educação e alfabetização financeira dos mesmos. Para estabelecer esse nível, propriamente dito, a partir das respostas fornecidas nas seções supracitadas, foi construída uma medida, aqui chamada de *escore financeiro*.

Como se tratam de conhecimentos e situações diferentes, as questões de ambas as seções tem pesos diferentes na composição desse escore. As questões da Seção III, por se tratarem mais de questões conceituais e que, na maioria das vezes, não se aplicam diretamente no dia a dia das pessoas, tiveram peso atribuído de 1 (um) ponto.

Já, as questões da Seção IV, trazem situações diárias e enfrentadas corriqueiramente pelas pessoas. Além disso, avaliam conceitos básicos associados a essas situações e que trazem impactos importantes dependendo do grau de conhecimento dos respondentes sobre as mesmas. Dessa forma, nessa seção as questões tem peso de 2 (dois) pontos.

A questão 31 não compõe o escore e foi avaliada isoladamente no tópico imediatamente anterior dessa dissertação. Todas as questões possuem respostas corretas, sendo assim, o valor máximo obtido de pontuação poderia ser de 20 pontos. Seis questões na Seção III com peso 1 (um) cada, totalizando seis pontos. Sete questões na Seção IV com peso 2 (dois), totalizando 14 pontos nessa seção, e 20 no total.

Finalmente, de forma a proporcionar uma melhor visão da pontuação geral e individual, a pontuação total de cada respondente foi convertida numa escala de 0 (zero) a 100 (cem pontos), sendo estas as notas mínimas e máximas possíveis de se obter, respectivamente. Os pesos atribuídos, bem como a conversão de valores citada, se refletem na equação (4), apresenta a seguir:

$$EscF = \frac{[(\sum \text{seção III}) + ((\sum \text{seção IV}) * 2)] * 100}{20} \quad (4)$$

Após realizar o cálculo do escore financeiro para todos os 399 sujeitos da amostra, pode-se iniciar as análises pertinentes. Inicialmente procedeu-se com uma análise descritiva completa para as variáveis quantitativas de idade e de escore financeiro. Essa análise está sumarizada na Tabela 8, mostra a seguir.

**Tabela 8** – Análise descritiva completa para Idade e Escore Financeiro

<b>Descritiva</b>	<b>Idade</b>	<b>Escore Financeiro</b>
Média	25,2	52,92
Mediana	21	55,00
Desvio Padrão	8,8	23,45
CV	35%	44%
Q1	19	34,17
Q3	28,5	71,67
Min	17	0,00
Max	67	100,00
N	399	399
IC	0,9	2,30

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Observando a Tabela 8, nota-se que as variáveis em análise possuem uma baixa variabilidade, uma vez que o Coeficiente de Variabilidade apresenta valores relativamente bons, se mantendo abaixo de 50%. Com isso conclui-se que os dados são homogêneos.

As idades dos respondentes variam de 17 até 67 anos, apresentando uma mediana de 21 e um desvio padrão de 8,8 anos. O intervalo de confiança foi de 0,9 anos e o coeficiente de variabilidade de 35%. Dessa forma, usando o intervalo de confiança novamente, pode-se constatar que a idade média foi de  $25,2 \pm 0,9$  anos.

Referente ao escore financeiro geral, usando o mesmo procedimento de análise, é possível constatar que a média foi de  $52,92 \pm 2,30$  pontos. Ocorreram os dois extremos, observando-se respondentes que fizeram zero pontos, errando todas

as questões, ou assinalando “não sei”, como também houve respondentes que acertaram todas as questões, obtendo 100 pontos. A mediana foi de 55 pontos e o desvio padrão de 23,45 pontos. O coeficiente de variabilidade também se manteve em um patamar aceitável, de 44%.

Ainda é interessante analisar os dados referentes aos quartis. Nota-se que o quartil 3 (Q3) foi de 71,67 pontos, ou seja, que 25% dos sujeitos obtiveram uma pontuação maior que tal escore. Já o quartil 1 (Q1) foi de 34,17 pontos, indicando que  $\frac{1}{4}$  dos sujeitos da amostra pontuaram menos do que esse valor.

Estudos diversos, adotam diferentes escalas para considerar um sujeito com nível de alfabetização e/ou educação financeira adequada. Potrich *et al.* (2014) consideram aqueles com 80% ou mais de acertos como detentores de alto nível de conhecimentos financeiro e com acertos entre 50% e 79% como detentores de um nível médio. Porém, para Ergun (2018) aqueles com 70% ou mais de acertos detém alto nível de conhecimento financeiro, entre 50% e 69% são considerados como detentores de nível médio de educação e alfabetização financeira. Diversos outros estudos propõem medidas similares, porém não idênticas (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI, 2014; SANTOS *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2017)

Visto que, nesse estudo, foram adotadas questões de um nível mais elevado de dificuldade, além de não terem sido incorporadas questões diretas e demasiadas simples, ainda será adotada uma escala similar, porém com ressalvas. Aqui, também, não foi medido somente o número de erros e acertos, percentualmente, mas, sim, construído um escore geral. Além disso, a maioria das questões, em especial as da Seção IV, possuem mais do que um conceito ou fundamento testado, combinando-se dois destes em cada pergunta.

Assim sendo, para fins de definição, sujeitos com escore inferior a 50 pontos serão considerados com um nível de educação e alfabetização financeira insuficiente. Por outro lado, escores entre 50 e 69 pontos estarão na escala de nível de educação e alfabetização financeira adequado. Por fim, escores iguais ou superiores a 70 pontos serão considerados detentores de um nível bom, e mais do que adequado, sendo abalizados como educados e alfabetizados financeiramente.

Isto posto, considerando o escore financeiro de  $52,92 \pm 2,30$  pontos, ou seja, variando entre 50,62 e 55,22 pontos, considera-se que os estudantes, de modo geral,



retratados pela média, possuem um nível adequado de educação e alfabetização financeira.

Do total de respondentes, 57,64% obtiveram uma média para o escore financeiro de 50 pontos ou mais. Conseqüentemente, esse percentual de discentes pode ser classificado como possuidores de um nível adequado de educação e alfabetização financeira.

Ainda, é possível afirmar, tendo em vista a medida do quartil 3, que mais de ¼ dos estudantes alcançaram 71,67 pontos, sendo dessa forma classificados como plenamente educados e alfabetizados financeiramente.

Tendo em vista esse percentual de estudantes alfabetizados e educados financeiramente, é interessante traçar um paralelo com outros países. Esse valor está levemente acima da média europeia, onde uma pesquisa realizada por Klapper, Lusardi e Oudheusden (2015), reportou que, em média, 52% dos europeus são alfabetizados financeiramente. Em tais pesquisas questões e método de apuração dos resultados semelhantes foram usados.

A mesma pesquisa indicou que os mais altos níveis de alfabetização financeira, no continente europeu, são de Dinamarca, Alemanha, Holanda e Suécia, onde 65% dos adultos são alfabetizados financeiramente. Ainda, Espanha e Grécia reportaram números medianos, com 49% e 45%, respectivamente. Itália e Portugal possuem os menores índices europeus, com a Romênia em último nessa classificação, onde apenas 22% dos adultos são alfabetizados financeiramente (KLAPPER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015; ERGUN, 2018).

Ainda, de acordo com esse mesmo estudo, no continente americano Canadá e Estados Unidos da América obtiveram os maiores índices de cidadãos alfabetizados financeiramente, com 68% e 57%, respectivamente.

Dessa forma, os estudantes catarinenses apresentam níveis compatíveis com países europeus com economias maduras e desenvolvidas, além de altos índices socioeconômicos e de qualidade de vida. Regionalmente, na América do Sul, os mais altos índices são os de Uruguai e Chile, com 45% e 41%. O pior índice foi atribuído a Bolívia, com apenas 24%. O Brasil teve um índice intermediário, com 35% dos respondentes sendo considerados como alfabetizados financeiramente (KLAPPER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015).

Essa pesquisa não é idêntica àquela aqui apresentada, porém emprega questões muito similares e testa os mesmos conceitos (taxas de juros, inflação, entre outros). Sendo assim, com 57% dos estudantes apresentando um nível adequado de educação e alfabetização financeira, percebe-se que esse percentual supera diversos países, estudados por Klapper, Lusardi e Oudheusden, (2015). Esse valor de 57% coloca a amostra em linha com Estados Unidos da América, acima da média do continente Europeu e Americano e, muito acima da média brasileira, de 35%.

No contexto brasileiro e regional esse nível de alfabetização e educação financeira dos estudantes, supera consistentemente aquele representado por pesquisas com questões e métodos similares, tais como as conduzidas por Lizote e Verddinelli (2014) e Potrich *et al.* (2015)

Finalmente, de posse das respostas de cada questão, escore financeiro individual e demais variáveis, incluindo as das Seções I e II, é possível investigar de forma mais específica quais destas influenciam na educação e alfabetização financeira dos estudantes englobados pela amostra. Tal análise será realizada na sequência.

#### **4.4.1 Regressão Linear Multivariada para o Escore Financeiro Geral**

A partir deste ponto, ainda com o intuito de subsidiar o alcance da resposta à pergunta de pesquisa, bem como a consecução dos objetivos propostos, será exposta a regressão linear múltipla realizada.

De acordo com Hair Jr *et al.* (2009, p. 149) a regressão linear múltipla é “uma técnica estatística usada para analisar a relação entre uma única variável dependente e diversas variáveis independentes”. Estabelecendo-se o escore financeiro como variável dependente, é possível realizar a regressão considerando as variáveis restantes (Seção I e II), não englobadas por este, como independentes. Assim sendo, essas variáveis independentes são aquelas associadas as questões de 1 a 24.

Com isso, é possível identificar qual ou quais fatores influenciam o resultado do escore financeiro, ou seja, quais variáveis independentes ajudam a explicar estatisticamente a variável dependente.

As variáveis da Seção I não puderam ser usadas diretamente, ou seja, tiveram de ser codificadas. As questões dicotômicas, ou seja, do tipo não/sim foram codificadas em 0/1, respectivamente. Ainda, algumas variáveis são ordinais, isto é,

possuem um grau de importância e/ou ordem entre as respostas. Assim, estas foram codificadas de maneira crescente e identificadas como “OR”.

Além disso, existem as variáveis que possuem mais de dois níveis de resposta e suas respostas não possuem qualquer ordem de importância. Para estas variáveis foi utilizado o método de *Dummy*, essas variáveis foram identificadas como “DY”. Assim, o nível de resposta menos prevalente acaba sendo suprimido e a combinação das demais respostas é zerada. Com isso, as respostas são codificadas em 0 como não possui e 1 como possui. Exemplificando, para gênero, onde se têm duas variáveis principais: masculino e feminino. Assim, na variável masculino, tem-se 1 para sucesso e 0 para fracasso. O mesmo na variável feminino e quando se tem 0 em ambas as variáveis, significa que a resposta apontada é a restante (neste caso foram unidas as respostas “Outro” e “Prefiro Não Declarar”). A seguir, na Tabela 9, é apresentado o resultado geral da regressão linear multivariada para o escore financeiro. Para essa regressão foi utilizado o método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO).

**Tabela 9** – Regressão linear multivariada para o Escore Financeiro

Pergunta/Tipo/Variável	Geral		Stepwise	
	Coef. ( $\beta$ )	p-valor	Coef. ( $\beta$ )	p-valor
Constante	-8,586	0,667	0,897	0,932
P1 DY Masculino	7,355	0,407		
P1 DY Feminino	-10,184	0,250	-17,762	<0,001**
P2 DY Região Sul	2,332	0,563		
P2 DY Região Sudeste	6,416	0,207		
P3 OR Campus	1,493	0,478		
P4 Fase	0,595	0,256		
P5 Idade	0,353	0,049*	0,545	<0,001**
P6 Form. financeira	5,019	0,200	7,776	0,036*
P7 Apoio financeiro	3,610	0,268		
P8 Emprego	4,020	0,174		
P9 OR Renda	1,368	0,244		
P10 DY Residência pais	6,103	0,350		
P10 DY Residência cônjuge	12,504	0,067		
P10 DY Residência div.	14,872	0,027*		
P10 DY Residência sozinho	9,386	0,199		
P11 DY Imóvel alugado	0,327	0,969		
P11 DY Imóvel cedido	0,154	0,986		
P11 DY Imóvel prop. fin.	1,373	0,882		
P11 DY Imóvel prop. quit.	0,829	0,922		
P12 OR Escol. pais	1,667	0,007**	1,787	0,002*

P13 Dívidas	-5,659	0,040*	-7,144	0,004*
P16 Planejamento	-4,223	0,154		
P17 Aprendizado	4,902	0,044*	4,085	0,014*
P18 Moradia	-1,498	0,419		
P19 Investir	-0,045	0,986		
P20 Aposentadoria	1,692	0,059	1,741	0,040*
P21 Empreendedorismo	2,963	0,006*	2,691	0,009**
P22 Orçamento	1,599	0,075	2,013	0,016*
P23 Cartões e Crédito	-0,673	0,383		
P24 Economia e Política	1,527	0,142		
ANOVA		<0,001		<0,001
R <sup>2</sup>		39,7%		34,9%

\*p-valor < 0,05. \*\*p-valor < 0,01

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

É importante salientar que o resultado de cada comparação possui uma estatística, chamada de p-valor, associada. Esta estatística provém auxílio, de modo a concluir sobre o teste realizado. Caso esse valor seja maior que o nível de significância adotado, conclui-se, portanto, que a hipótese nula é a hipótese verdadeira. Caso contrário, a hipótese alternativa é escolhida.

Ainda, para esta análise, um nível de significância de 0,05 (5%) foi adotado. Esse nível é aceito quando se admite errar nas conclusões estatísticas, dentro de uma margem. Ou seja, define o erro estatístico que é tolerável. É importante também destacar que todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho, foram construídos com 95% de confiança estatística.

Na análise de regressão foram utilizados dois métodos. No primeiro método, identificado na Tabela 9 como “Geral”, todas as variáveis foram consideradas no modelo e assim testada a sua significância. Para testar a significância do modelo obtido através do método geral, foi utilizado o teste de Análise de Variância (ANOVA). Observa-se que o modelo é estatisticamente significativo, com ANOVA < 0,001, valor este abaixo da significância adotada (5%). Assim a hipótese nula é rejeitada, e o modelo encontrado, aceito.

Ainda, para este mesmo método e modelo, obteve-se um poder explicativo, denotado por  $R^2$ , de 39,7%. Dado que em modelos baseados em dados reais e com diversas variáveis preditoras é muito difícil de atingir valores de  $R^2$  altos (HAIR JR *et al.*, 2009), pode-se considerar que o modelo possui um poder explicativo interessante. Ainda, a partir de  $R^2$ , pode-se obter o coeficiente de correlação entre a variável

independente e as variáveis dependentes, que nesse caso foi positivo com valor de 0,63.

Porém, é possível criar um modelo mais eficiente, estatisticamente significativo e com poder explicativo semelhante. Para tanto, foi utilizado o método *Stepwise* para regressão linear multivariada.

Nesse método, diversos modelos são criados, onde a cada passo (modelo), são incluídas as variáveis significantes e excluídas as que deixaram de ser significantes. Para entrada da variável no modelo adotou-se a probabilidade de 0,05 e, para saída, a probabilidade de 0,10, sendo estas as métricas mais indicadas (HAIR JR *et al.*, 2009).

Assim sendo, empregando o método *Stepwise*, obteve-se, novamente, um modelo estatisticamente significativo com ANOVA  $< 0,001$ . Houve, porém, uma pequena queda no poder explicativo do modelo, agora  $R^2$  é de 34,9%. Por consequência, a correlação das variáveis também sofreu uma pequena queda, com  $r$  retraindo para 59%.

No entanto, essa pequena queda no poder explicativo, do modelo estimado via *Stepwise*, é um preço pequeno a se pagar diante da simplificação do modelo. Ainda mais importante, as variáveis que permaneceram no modelo possuem uma maior importância, além de significância estatística.

Dessa forma, adotando o modelo estimado via *Stepwise*, verifica-se quais variáveis são mais importantes na predição da variável dependente, o score financeiro. Portanto, são estatisticamente significantes e de importância nessa predição as seguintes perguntas/variáveis:

- P1 DY Gênero/feminino;
- P5 Idade;
- P6 Formação financeira;
- P12 OR Escolaridade dos pais;
- P13 Dívidas;
- P17 Aprendizado;
- P20 Aposentadoria;
- P21 Empreendedorismo; e
- P22 Orçamento.

Dessa forma, com a combinação dessas variáveis, que apresentam uma correlação linear de 59%, é possível explicar 34,9% do valor do escore financeiro. O modelo final é representado pela equação (5), a seguir, onde *EscF* representa a variável dependente escore financeiro, prevista pelas demais variáveis, independentes:

$$EscF = -17,762Femin + 0,545Idade + 7,776FormF + 1,787EscP - 7,144Dívidas + 4,085Aprend + 1,741Apos + 2,691Empreend + 2,013Orcam + 0,897 \quad (5)$$

Observando a equação acima, especialmente seus coeficientes e variáveis envolvidas, pode-se identificar relações importantes, no tocante à alfabetização e educação financeira dos componentes da amostra.

Consequentemente, os resultados obtidos foram significantes. A variável gênero apresentou nível de significância p-valor < 0,001 e o coeficiente  $\beta = -17,762$ . Sabendo que a variável em questão foi codificada como 1 para masculino e 0 para feminino, esse coeficiente indica que as participantes do gênero feminino possuem um menor grau de educação e alfabetização financeira, medido pelo escore proposto. Tal fato é verificado pelo coeficiente negativo apresentado.

Tal característica, de indivíduos do gênero feminino apresentarem menores níveis de educação e alfabetização financeira, vai ao encontro dos mais diversos estudos realizados acerca do tema no exterior (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; ERGUN, 2018) e no Brasil (POTRICH *et al.*, 2013; POTRICH *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2017).

A variável idade, também compôs o modelo final. Com significância  $p < 0,001$  e coeficiente  $\beta = 0,545$ . Assim, observa-se que com o aumento da idade o conhecimento financeiro, no escopo dos conceitos estudados aqui, também aumenta, de acordo com esse fator  $\beta$ . O aspecto relacionado com a idade como sendo um fator influente diverge nas pesquisas relacionadas ao tema. Alguns estudos evidenciaram a idade como sendo influente na educação e alfabetização financeira (CHEN; VOLPE, 1998; ATKINSON; MESSY, 2012; POTRICH *et al.*, 2013; POTRICH *et al.*, 2015), já outros estudos (SILVA *et al.*, 2017) não determinaram que esse fator fosse relevante.

A questão seis foi codificada como dois tipos de formação. Sendo elas, formação ou curso relacionado com finanças e demais formações, incluindo, nessa última, outras graduações, curso técnico, *et cetera*. Essa variável apresentou um p-

valor = 0,036, dentro do nível de significância (0,05) adotado. Com coeficiente  $\beta = 7,776$ , nota-se que os participantes com esse tipo de formação ou treinamento, tendem a aumentar seu escore financeiro. Dada a magnitude do coeficiente  $\beta$  em questão, é possível afirmar que essa variável, juntamente com gênero, são as duas que possuem as maiores amplitudes dentro do modelo, desempenhando papel importante na predição da variável dependente. Aqui o aspecto de formação ou curso de finanças se mostrou relevante e positivo, concordando com os resultados estabelecidos por Ergun (2018).

Na mesma ordem de grandeza, o coeficiente  $\beta = -7,144$  e significância p-valor = 0,004 mostra que aqueles indivíduos que possuem dívidas, conforme avaliado pelas questões 13 e 14, apresentam um escore financeiro menor. Esses resultados concordam com o proposto por Lusardi e Tufano (2015) que constaram que pessoas mais propensas a assumirem dívidas, conseqüentemente, possuem um grau menor de alfabetização financeira.

A escolaridade dos pais, com um p-valor = 0,002 e coeficiente 1,787, também se mostrou estatisticamente significativa para o modelo. Com isso, dentre os sujeitos da pesquisa percebe-se que aqueles com pais com maior grau de escolaridade apresentam melhores resultados de acordo com a variável dependente analisada. Novamente as evidências aqui estabelecidas corroboram com aquelas levantadas por Ergun (2018) e Chen e Volpe (1998), que encontraram influência positiva semelhante.

Dentre as variáveis da Seção I, que visou levantar o perfil socioeconômico dos respondentes, essas foram as que se mostraram estatisticamente significantes para o modelo. As questões da Seção II, visaram avaliar características comportamentais dos estudantes pesquisados, e foram estruturadas em uma escala Likert de cinco pontos. Por sua vez, estas variáveis também foram consideradas como independentes para o modelo.

Dentre estas, a questão 17, que apresentava a afirmação “Considero importante aprender sobre como funcionam impostos e taxas”, apresentou significância, com p-valor = 0,014 e o coeficiente de maior valor dentre as variáveis dessa seção, sendo  $\beta = 4,085$ . Isso mostra que aqueles com níveis maiores de educação e alfabetização financeira, possuem uma tendência em buscar novos conhecimentos, como evidenciado pelo modelo estimado.

Com a maior significância estatística dentro da seção das questões comportamentais, a questão 21 “Tenho intenção em aprender como começar meu próprio negócio/empreender”, com p-valor = 0,009, apresentou o segundo maior coeficiente na seção, sendo  $\beta = 2,691$ , apresentado um resultado muito interessante. Sujeitos com interesse ou mesmo propensão a empreender, tendem a apresentar uma maior educação e alfabetização financeira.

Além disso, aqueles indivíduos propensos a empreender, geralmente, também, tendem a ter uma maior participação em mercados de renda variável e obter retornos superiores à média (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; HASTINGS; MITCHELL, 2011). Ainda nessa corrente, Rooij, Lusardi e Alessie (2011) evidenciam que aqueles indivíduos que adentram a renda variável demonstram possuir graus de educação financeira mais elevados.

Dada a natureza de a renda variável ser muito similar, conceitualmente e na prática, com a do empreendedorismo, confirma-se aqui essa relação. Ainda, dado o coeficiente de 2,691 e a escala Likert de 5 pontos, determina-se que aqueles com predisposição empreendedora, que assinalaram cinco (concordo totalmente) nessa questão, potencialmente apresentam escores, no mínimo 10%, maiores do que aqueles que assinalaram um (discordo totalmente).

Corroborando com os achados de Chen e Volpe (1998), esse estudo também verificou que aqueles estudantes que se preocupam e/ou planejam sua aposentadoria desde uma idade precoce, apresentam melhores índices de educação financeira do que aqueles que não veem questões dessa natureza como importantes. Embasando essa indução tem-se um p-valor = 0,04 e coeficiente estimado em 1,741 para a variável associada com a questão 20 “Acredito que minha aposentadoria esteja distante para começar a me preocupar sobre isso agora”. Lembrando que as questões com escala invertida foram ajustadas para as análises inferenciais feitas aqui.

Finalmente, a questão 22, que avaliou se os estudantes controlam seus gastos e realizam planejamento financeiro, através de orçamentos mensais ou semanais, também teve sua variável associada incluída no modelo. O coeficiente associado foi de 2,013 e o p-valor = 0,016 indica sua significância estatística.

Sem qualquer surpresa, indivíduos que planejam seus gastos e tem um maior controle financeiro, medindo suas receitas e despesas, se mostram mais familiarizados com a educação e alfabetização financeira. Este entendimento vai ao



encontro dos resultados de pesquisas similares (POTRICH *et al.*, 2013; POTRICH *et al.*, 2014; ERGUN, 2018).

Por fim, a constante, apesar de não ser estatisticamente significativa, foi mantida no modelo. Essa opção foi adotada uma vez que a constante ajuda a explicar parte do escore financeiro, mesmo que nenhuma das outras variáveis esteja presente.

Analisando o modelo final de regressão linear multivariada, estabelecido utilizando o método *Stepwise*, verifica-se que somente essas variáveis se mostraram estatisticamente significantes.

Em relação ao modelo geral, que englobava todas as variáveis analisadas, apenas duas variáveis foram excluídas no modelo *Stepwise*. Ainda que não se faça considerações sobre a magnitude dos coeficientes, haja que foram empregados métodos distintos, cabe aqui uma síntese breve.

As variáveis que englobam residir com outras pessoas (exceto com os pais) apresentaram significância estatística, ainda que marginal, no modelo geral. Ou seja, essas variáveis ajudam a explicar a variável dependente, nessa estimativa geral. Observando atentamente, percebe-se que aqueles estudantes que residem com outras pessoas, seja com cônjuge ou dividindo moradia com outros estudantes, por exemplo, possuem um escore financeiro maior, segundo o modelo.

Dessa forma, essa situação de independência, ao não residir com os pais, ou ser responsável pelo lar, no caso de quem reside com cônjuge e/ou filhos, está associada a níveis maiores de educação e alfabetização financeira. Isso indica que a responsabilidade e a experiência trazida por essa situação exercem papel importante em como o sujeito lida com suas questões financeiras, de maneira positiva.

De modo a investigar mais profundamente os resultados alcançados nas Seções III e IV do questionário, de maneira individual, procedeu-se a analisar estas seções, agora como variáveis dependentes, individualmente. Os resultados são apresentados e discutidos a seguir.

#### **4.4.2 Fatores Influentes na Educação Financeira**

Nesta etapa, a finalidade é investigar a influência das variáveis independentes, desta vez exclusivamente sobre os resultados das questões da Seção III. As questões das Seções III e IV diferem sensivelmente entre elas e, também, os resultados diferiram consideravelmente entre as duas seções.

Dessa forma, nesse tópico visa-se investigar se alguma das variáveis excluídas do modelo apresentado na equação (5) exerce influência no aspecto educação financeira, somente, avaliado pela Seção III. Para tanto, a variável dependente será tão somente o escore financeiro relacionado com a Seção III. A equação (6), define a nova variável dependente:

$$EscF_{III} = \frac{[(\sum se\c{c}\tilde{a}o\ III)]*100}{6} \quad (6)$$

Uma vez obtido esse escore, foi realizada nova regressão linear multivariada. Novamente para a estimação do modelo utilizou-se o método dos Mínimos Quadrados Ordinários. O resultado é apresentado na Tabela 10.

**Tabela 10** – Regressão linear multivariada para educação financeira

Pergunta/Tipo/Variável	Geral		Stepwise	
	Coef. ( $\beta$ )	p-valor	Coef. ( $\beta$ )	p-valor
Constante	-9,636	0,706	26,705	<0,001**
P1 DY Feminino	-10,056	0,376	-16,278	<0,001**
P4 Fase	1,222	0,069	1,427	0,028*
P6 Form. financeira	7,789	0,121	9,790	0,040*
P10 DY Residência cônjuge	19,253	0,028*	13,027	<0,001**
P10 DY Residência div.	19,301	0,026*		
P11 DY Imóvel cedido	-21,266	0,064		
P13 Dívidas	-4,911	0,164	-8,303	0,009**
P17 Aprendizado	5,568	0,074		
P20 Aposentadoria	2,189	0,057	2,454	0,024*
P21 Empreendedorismo	2,864	0,039*	2,728	0,036*
ANOVA		<0,001		<0,001
R <sup>2</sup>		32,0%		23,9%

\*p-valor < 0,05. \*\*p-valor < 0,01

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Novamente, na Tabela 10 são apresentadas as estimativas feitas via modelo geral, onde todas as variáveis são inseridas e via *Stepwise*, onde apenas as variáveis estatisticamente significantes são mantidas a cada iteração.

O modelo geral apresentou variáveis com p-valor superior a tolerância estabelecida (0,05). Porém, algumas, por estarem próximas desse valor, foram

mantidas. As variáveis que não apresentaram significância estatística, não foram exibidas na tabela, de modo a deixar somente os dados e variáveis realmente importantes, para os modelos, em destaque.

O modelo geral obteve um poder explicativo, dado por  $R^2$ , de 32%, enquanto o modelo *Stepwise* apresentou um  $R^2$  de 23,9%. De modo a manter a consistência, com os resultados apresentados anteriormente, será considerado o modelo *Stepwise* para análise. Ambos os modelos foram estatisticamente significantes ao nível 0,001, indicando que as variáveis independentes exercem influência sobre a dependente.

Deste modo, as variáveis significantes na predição da variável educação financeira são as seguintes:

- P1 DY Gênero/feminino;
- P4 Fase;
- P6 Formação financeira;
- P10 DY Residência cônjuge;
- P13 Dívidas;
- P17 Aprendizado;
- P20 Aposentadoria; e
- P21 Empreendedorismo.

Dessa forma, nota-se que duas novas variáveis, em relação ao modelo geral descrito pela equação (4) foram agora adicionadas. A fase do curso, relacionada com a pergunta 4, apresentou um coeficiente  $\beta = 1,427$  e um p-valor = 0,028. Isso indica que, com o passar do tempo, conforme o estudante avança em seu curso superior, sua educação financeira tende a ser maior, dado que o coeficiente possui um valor positivo.

A segunda nova variável, estatisticamente significativa, agora incluída nesse modelo, está relacionada com a residência do estudante. Aqueles estudantes que já formaram sua própria família, ou seja, residem com cônjuge e/ou filhos, tendem a possuir maior educação financeira, de acordo com seu escore na Seção III. Isso se verifica, pois, essa variável apresentou um p-valor < 0,001 e o segundo maior coeficiente do modelo, sendo  $\beta = 13,027$ .

As demais variáveis também constavam no modelo para o escore financeiro total, que engloba as duas seções. Apenas tiveram algumas alterações nos valores

de seus coeficientes, o que era esperado, por se tratar de uma variável dependente diferente.

Realizando-se uma análise conjunta das variáveis apresentadas, pode-se tecer algumas conclusões interessantes. Note-se a variável fase, que se relaciona com o semestre do curso que o estudante está cursando, e se mostrou relevante nesse modelo. Seu coeficiente indica que, com o decorrer do curso universitário, os estudantes passam a aumentar seus conhecimentos, inclusive os relacionados com educação financeira, independentemente de área ou curso.

Assim sendo, evidencia-se o papel da formação superior na formação da cidadania dos estudantes, bem como da ampliação de seus horizontes informativos e de conhecimento.

Para Mandell (2008), o índice de acertos no teste aplicado aos estudantes em sua pesquisa, demonstrava-se maior para cada ano que o estudante passava a mais na universidade. Em âmbito nacional Donadio (2014) avaliou a influência do número de disciplinas cursadas sobre a educação financeira dos estudantes. Ainda que a autora não tenha avaliado diretamente o tempo na universidade, está implícito que quanto mais disciplinas cursadas mais tempo o estudante passou na universidade. De acordo com a autora, este fator também se mostrou significativamente influente de maneira positiva. Dessa forma os resultados aqui obtidos corroboram o que já havia sido apontando nesses estudos anteriores.

O aspecto de residência também se mostrou importante. Estudantes que residem com outras pessoas, seja dividindo moradia, ou com cônjuge e/ou filhos, apresentam melhores índices de educação financeira. Ainda, observando-se o modelo geral estimado, pessoas que residem em moradias cedidas, apresentam piora nesses índices.

Isso mostra que ao gerenciar um orçamento doméstico e suas diversas despesas, os estudantes passam a dominar, ainda que indiretamente, conceitos financeiros importantes. Situação essa que pode decorrer, também, de suas responsabilidades com a família, ou divisão das contas, além de maior demanda por informações financeiras diversas, tais como inflação, planejamento, entre outras, que impactam no orçamento doméstico.

No entanto, cabe avaliar também quais variáveis afetam o índice de alfabetização financeira, se estas aqui apresentadas se mantêm e se novas variáveis ingressam nos modelos, como será visto na próxima seção.

#### 4.4.3 Fatores Influentes na Alfabetização Financeira

Nesta seção, será investigada a influência das variáveis independentes, na variável dependente. Agora, a variável dependente será o escore total de acertos na Seção IV do questionário, a seção sobre alfabetização financeira. As variáveis independentes permanecem as mesmas, ou seja, aquelas relacionadas com as questões de 1 a 24, do questionário estruturado aplicado aos estudantes.

Sendo assim, somente as questões da Seção IV, aquelas de número 32 a 38 irão compor o escore financeiro, usado como variável dependente. A equação (7), define a nova variável dependente:

$$EscF_{IV} = \frac{[(\sum se\c{c}\tilde{a}o\ IV)*2]*100}{14} \quad (7)$$

Existia uma possibilidade de simplificação da equação (7), porém com o intuito de exibir melhor o desmembramento da equação (5), esta foi mantida como apresentado acima.

Uma vez calculado o escore da equação (7), foi realizada mais uma regressão linear múltipla. Novamente, para a estimação do modelo, utilizou-se o método MQO. O resultado é exibido na Tabela 11 e somente as variáveis estatisticamente significantes são mostradas.

**Tabela 11** – Regressão linear multivariada para alfabetização financeira

Pergunta/Tipo/Variável	Geral		Stepwise	
	Coef. ( $\beta$ )	p-valor	Coef. ( $\beta$ )	p-valor
Constante	-8,136	0,728	26,615	0,002**
P1 DY Feminino	-10,239	0,324	-17,365	<0,001**
P5 Idade	0,351	0,096	0,567	<0,001**
P8 Emprego	5,881	0,090		
P9 OR Renda	2,737	0,047*		
P10 DY Residência div.	12,972	0,100		
P12 OR Esc. pais	2,070	0,004**	2,160	<0,001**
P13 Dívidas	-5,981	0,064	-7,933	0,007**

P21 Empreendedorismo	3,005	0,018*	3,024	0,012*
P22 Orçamento	1,652	0,117	2,609	0,007**
ANOVA		<0,001		<0,001
R <sup>2</sup>		33,3%		25,9%

\*p-valor < 0,05. \*\*p-valor < 0,01

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A Tabela 11 apresenta os modelos geral e *Stepwise*. Novamente, o modelo geral apresentou variáveis com significância estatística superior ao estipulado, porém como estão no limiar do valor estabelecido, foram mantidas, apenas para fins de análise empírica.

O modelo geral obteve um  $R^2$  de 33,3%. Já o modelo *Stepwise* apresentou um poder explicativo, também denotado por  $R^2$ , de 25,9%. Seguindo o padrão estabelecido, a investigação e comentários serão feitos tendo o modelo *Stepwise* como referência.

Ambos os modelos foram estatisticamente significantes ao nível 0,001, indicando que as variáveis independentes, mais uma vez, exercem influência sobre a variável dependente.

Dessa forma, as variáveis significantes na predição da variável alfabetização financeira são as que seguem:

- P1 DY Gênero/Feminino;
- P5 Idade;
- P12 OR Escolaridade dos pais;
- P13 Dívidas;
- P21 Empreendedorismo; e
- P22 Orçamento.

Assim sendo, tem-se um modelo ligeiramente diferente daquele estimado para a seção de educação financeira. Percebe-se aqui que as variáveis relacionadas com a fase que o estudante cursa, tipo de residência e o planejamento para aposentadoria deixaram de ser significantes. O quesito de possuir ou não alguma formação ou curso relacionado com finanças, também não se mostrou significativo para esse modelo.

Por outro lado, as variáveis relacionadas com o gênero feminino e empreendedorismo se mostraram relevantes, não só nesse, mas nos três modelos

estimados na pesquisa, para essa população. Com isso realça-se a importância das mesmas relacionadas com os aspectos financeiros medidos pela pesquisa.

As variáveis novas, na comparação com o modelo para educação financeira, são quatro no total. A variável idade com p-valor  $< 0,001$  e  $\beta = 0,567$  se mostrou estatisticamente significativa. Além disso ainda se tem escolaridade dos pais com  $\beta = 2,160$  e, novamente, um p-valor  $< 0,001$ . Aqueles estudantes que possuem dívidas tendem a apresentar uma alfabetização financeira menor, dado que a variável apresentou um p-valor  $= 0,007$  e um coeficiente negativo, sendo  $\beta = -7,933$ .

Também, destaca-se que aqueles estudantes que tem um orçamento planejado, tendem a possuir níveis de alfabetização financeira maiores. Isso é evidenciado pelo coeficiente da variável que mediu esse comportamento, dado que  $\beta = 2,609$ , com seu p-valor associado sendo  $0,007$ .

Analisando-se as variáveis estabelecidas para o modelo, pode-se concluir que os conhecimentos relacionados com alfabetização financeira, somente, avaliados pela Seção IV do questionário possuem algumas características particulares. Enquanto que para educação financeira dos sujeitos a fase do curso e o tipo de residência do sujeito são influentes, para alfabetização financeira isso não ocorre.

Avaliando a literatura, nota-se que diferentes estudos apontam para diferentes resultados. Enquanto que para Ergun (2018) o tipo de moradia exerce influência no comportamento e conhecimento financeiro dos indivíduos, para Santos *et al.* (2017), somente o número de dependentes influencia tal parâmetro. Apesar de não haver um consenso formado, percebe-se que tais variáveis, como não mais residir com os pais ou possuir uma família (dependentes), trazem mais responsabilidades aos indivíduos. E esse aspecto de responsabilidade sim, está presente, de uma forma ou de outra, como positivamente impactante nos conhecimentos e atitudes financeiras dos respectivos sujeitos investigados.

Tanto Fernandes e Candido (2014) como Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012), concordam que aqueles estudantes universitários que não realizam um planejamento do seu orçamento tendem a possuir níveis menores de alfabetização financeira e tendência a contrair dívidas em excesso.

Por sua vez, surgem as variáveis idade e escolaridade dos pais como importantes. Isso indica que a alfabetização financeira decorre mais de vivências práticas, dado que a idade se mostra relevante para esse aspecto. Ainda, percebe-se

que sujeitos com maiores índices de alfabetização financeira possuem pais com nível de escolaridade mais alto. Tal resultado vai ao encontro daqueles obtidos por Robb e Sharpe (2009) que identificaram que cada aumento no grau de escolaridade dos pais refletia em um sujeito com maior alfabetização financeira. Dessa forma, o resultado aqui obtido corrobora com a ideia de que os ensinamentos passados dos pais para filhos (as), dentro do lar, também são fatores influentes nesse aspecto.

Por sua vez Atkinson e Messy (2012) atribuem a experiência em assuntos financeiros a idade, argumentando que pessoas de mais idade conhecem o valor e a necessidade da organização financeira pessoal. Em contraponto, as autoras colocam que pessoas jovens ainda não dominam ou possuem tal conhecimento e consideração acerca de tal planejamento.

Dessa forma, aqui se encerra essa etapa focada na análise inferencial da amostra e de seus dados. Dado a magnitude de informações, passar-se-á, na próxima seção, a uma análise exploratória dos sujeitos e suas características.

#### 4.5 ANÁLISE DE AGRUPAMENTO

Uma vez executada a análise inferencial, realizada nas seções imediatamente anteriores, neste momento dar-se-á início a fase exploratória dos resultados da pesquisa. Para tanto será aqui efetuada uma análise de agrupamentos, ou, como também é chamada, análise de *cluster*.

A análise de agrupamentos, *clusters* ou, simplesmente, grupos é uma técnica exploratória de análise multivariada que permite agrupar sujeitos e/ou variáveis em grupos homogêneos ou compactos. Esse agrupamento é feito relativamente a uma ou mais características comuns. Cada observação pertencente a um determinado grupo é similar a todas as outras relativas a esse mesmo grupo, e é diferente das observações associadas aos demais grupos (HAIR JR *et al.*, 2009).

No percalço pela busca de tais similaridades, os dados da pesquisa foram submetidos a uma análise de agrupamentos completa. A busca pela formação de agrupamentos foi feita analisando-se o perfil dos sujeitos. Para tanto, as variáveis envolvidas foram o escore financeiro obtido por cada participante bem como as variáveis das Seções I e II do questionário, relacionadas com os dados socioeconômicos e comportamentais.



Assim, foi empregado o algoritmo não-hierárquico K-means, com a distância como medida de similaridade. Ainda, foi definida a distância euclidiana, visto essa medida ser a mais empregada e reconhecida, além de representar melhor o conceito de proximidade, que é fundamental para a análise de agrupamentos (HAIR JR *et al.*, 2009). Dessa forma, foi gerada matriz de possibilidades de agrupamentos. Essa matriz é exibida na Tabela 12.

**Tabela 12** – Quantidade geral de sujeitos por *cluster*

<b>Cluster/Grupos</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>
Cluster 1	212	85	85	85	85	85	85	51	51	51	51	51	51
Cluster 2	167	127	127	99	99	99	99	34	34	34	34	34	9
Cluster 3	20	167	167	167	139	118	118	99	99	99	99	42	42
Cluster 4		20	17	28	28	20	20	118	118	52	57	57	25
Cluster 5			3	17	28	28	28	20	20	20	52	52	57
Cluster 6				3	17	17	17	28	28	66	20	20	52
Cluster 7					3	21	8	17	17	28	66	66	20
Cluster 8						3	21	8	4	17	28	28	66
Cluster 9							3	21	21	4	17	17	28
Cluster 10								3	4	21	4	4	17
Cluster 11									3	4	21	21	4
Cluster 12										3	4	4	21
Cluster 13											3	2	4
Cluster 14												1	2
Cluster 15													1

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A partir de então, foram analisadas as diferentes combinações de agrupamentos. Segundo Hair Jr *et al.* (2009, p. 436) “cabe ao pesquisador a decisão final sobre o número de agrupamentos a ser aceito como solução, envolvendo, com isso, uma análise subjetiva”. Tendo esse procedimento em mente, estimou-se um número de agrupamentos de seis, como sendo uma boa medida.

Fornecendo, agora, esse número inicial ao *software*, novamente foram estimados os sujeitos pertencentes a cada *cluster*, bem como sua quantidade. Os resultados são apresentados na Tabela 13.

**Tabela 13** – Quantidade específica de sujeitos por *cluster*

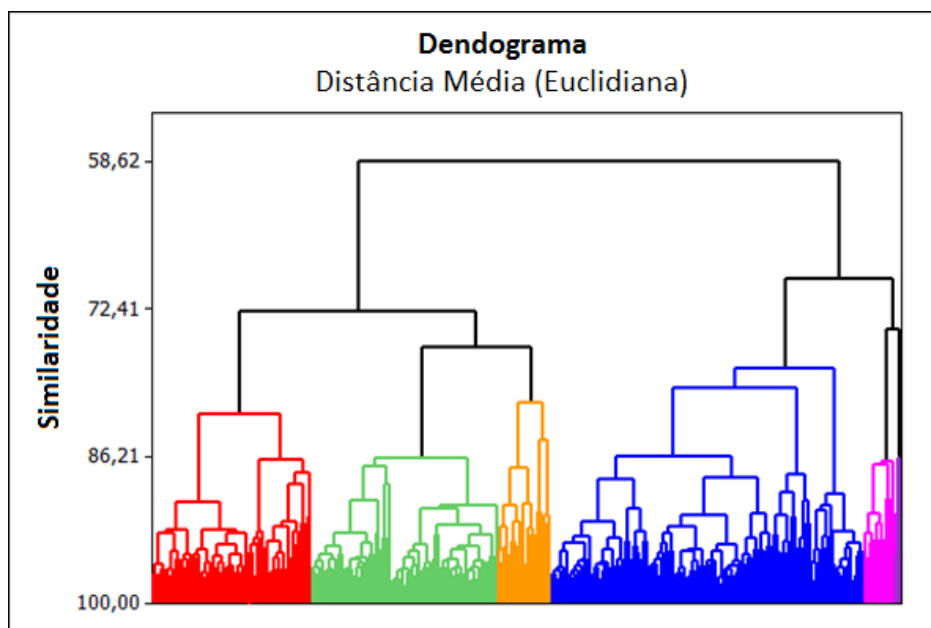
<b>Agrupamento</b>	<b>Qtde. sujeitos</b>
Cluster 1	85
Cluster 2	99
Cluster 3	167
Cluster 4	28
Cluster 5	17
Cluster 6	3

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Novamente, de acordo com Hair Jr *et al.* (2009, p. 464) “o pesquisador deve considerar agrupamentos extremamente pequenos como observações atípicas, que podem ser omitidas”. Assim, o último *cluster* será desprezado, ou seja, mesmo realizando o agrupamento para seis *clusters*, irá trabalhar-se com somente cinco. Esses três sujeitos, que estão no agrupamento seis, representam apenas 0,75% da população amostral. Sendo assim, a análise de agrupamentos apresentada a seguir engloba 99,25% da amostra.

Por fim, é apresentado o dendograma, gráfico típico da análise de *cluster*. A partir desse gráfico, pode-se ver os diferentes grupos formados, representados por diferentes cores. Cada linha representa um sujeito. Porém, devido à grande quantidade de sujeitos não é possível visualizar com precisão cada uma das linhas.

**Figura 7** – Dendograma dos seis *clusters* formados



**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A Figura 7 mostra no eixo vertical a medida de similaridade, sendo aqui adotada a distância euclidiana, como mencionado anteriormente. Dentre os *clusters*, no extremo direito da Figura 7 é onde estão localizados os três sujeitos excluídos da análise, por terem formado um grupo demasiado pequeno. Na sequência passa-se a investigação detalhada dos grupos formados.

#### 4.5.1 Análise Descritiva dos Grupos Formados

Agora serão caracterizados os cinco grupos formados, ou seja, será descrito o perfil de cada grupo para as variáveis da Seção I e II. Inicialmente será apresentada uma análise descritiva para a idade, escore financeiro e variáveis comportamentais (Seção II).

**Tabela 14** – *Clusters* formados e variáveis avaliadas

Variáveis/Cluster	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	N	IC	
Escore Financeiro	Cluster 1	20,12	21,67	9,59	48%	85	2,04
	Cluster 2	47,61	48,33	6,90	14%	99	1,36
	Cluster 3	74,88	73,33	9,94	13%	167	1,51
	Cluster 4	33,75	33,33	8,48	25%	28	3,14
	Cluster 5	59,22	58,33	4,64	8%	17	2,21

Idade	Cluster 1	21,27	20,00	3,37	16%	85	0,72
	Cluster 2	20,69	20,00	3,17	15%	99	0,63
	Cluster 3	24,98	22,00	7,00	28%	167	1,06
	Cluster 4	37,46	36,00	6,18	16%	28	2,29
	Cluster 5	47,12	46,00	6,05	13%	17	2,88
Médias da Seção II	Cluster 1	3,94	4,00	1,12	32%	85	0,23
	Cluster 2	4,11	5,00	1,02	28%	99	0,20
	Cluster 3	4,18	5,00	0,99	26%	167	0,15
	Cluster 4	3,89	4,00	1,26	34%	28	0,46
	Cluster 5	3,96	4,00	1,08	30%	17	0,51

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Analisando a Tabela 14 podem ser tecidas várias considerações. Tomando o escore financeiro, tem-se o grupo 1 com o menor escore financeiro, sendo este de  $20,12 \pm 2,04$  pontos. Esse grupo é composto por 85 respondentes. Na sequência, tem-se o agrupamento 4 com média de  $33,75 \pm 3,14$  pontos e 28 indivíduos, seguido pelo grupo 2 com média de  $47,61 \pm 1,36$  pontos. O grupo 2 possui 99 pessoas. Ainda, o grupo dois, em média, se aproxima do escore financeiro de 50 pontos, que aponta para um nível de educação e alfabetização financeira adequado.

O agrupamento 5 alcançou um escore financeiro médio de  $59,22 \pm 2,21$  pontos, o enquadrando na faixa de financeiramente educado e alfabetizado. Esse grupo possui 17 estudantes, sendo o menor dos cinco grupos. O último grupo, de número 3, alcançou o maior escore financeiro médio dentre os cinco *clusters* analisados. A média deste foi de  $74,88 \pm 1,51$  pontos, e é composto por 167 indivíduos o classificando como o maior grupo.

Pode-se averiguar também a idade média de cada um dos *clusters*. O grupo com menor média de idade é o de número dois, com média de  $20,69 \pm 0,63$  anos. Apesar de uma baixa média de idade, o escore financeiro médio do grupo, foi intermediário, tendo dois grupos abaixo deste e dois acima.

Ainda, o grupo um apresentou a segunda menor média de idade, sendo de  $21,27 \pm 0,72$  anos, e também o menor escore financeiro geral, dentre os cinco grupos. A seguir tem-se o grupo três, com  $24,98 \pm 1,06$  anos de idade média, muito próxima, inclusive, da média da amostra como um todo. Este grupo apresentou o maior escore financeiro e, também, a maior quantidade de estudantes em um *cluster*.

O grupo com maior média etária foi o cinco, com seus 17 indivíduos, média de  $47,12 \pm 2,88$  anos e escore financeiro adequado, com  $59,22 \pm 2,21$  pontos. O grupo restante foi o de número quatro, que apresentou o segundo escore financeiro geral mais baixo, e teve média de idade dos seus 28 integrantes em  $37,46 \pm 2,29$  anos.

Dessa forma, pode-se ainda avaliar as variáveis da Seção II, relacionadas com o comportamento dos estudantes. A fim de não promover uma descrição demasiada extensa, dada a quantidade de dados, essa seção foi resumida e representada através de seus indicadores médios. Os dados na íntegra são apresentados em resumo ao final deste capítulo.

Os indicadores comportamentais com maiores valores e aspecto positivo, representados através de suas médias e medianas, são atribuídos aos grupos três e quatro. O grupo três com o maior escore financeiro também teve a melhor média relativa as variáveis comportamentais. Por outro lado, apesar de uma boa média nessas variáveis, o grupo dois apresentou um escore financeiro adequado, mas não foi o segundo maior como a média das variáveis comportamentais, e sim o terceiro.

Os grupos um e quatro apresentaram as menores médias dentre as variáveis da Seção II. Esse comportamento menos positivo, em relação aos demais grupos, também se refletiu em seus escores financeiros. Ambos foram os mais baixos dentre os cinco grupos. O grupo cinco apresentou um escore financeiro elevado e uma média das variáveis comportamentais intermediária.

Com exceção do grupo cinco, pode-se observar uma correlação positiva entre as variáveis comportamentais e o escore financeiro de cada grupo. Conforme o grupo apresenta um comportamento mais positivo, refletindo em sua média das variáveis da Seção II, seu escore financeiro tende a ser maior. O oposto também é verdade, onde médias baixas nessas variáveis refletem em escores financeiros mais baixos.

Fica claro aqui a influência de variáveis comportamentais, além do conhecimento próprio, sobre a variável nível de educação financeira. Para Vieira *et al.* (2016) pessoas com renda mais baixa, que possuem dívidas, que não poupam e não controlam seus gastos apresentam problemas com suas finanças pessoais. Verificando-se os grupos formados, percebe-se que aqui resultados semelhantes são obtidos nessa análise exploratória.

Para tanto, a seguir são analisadas as variáveis que se apresentaram discrepantes entre os grupos. Essa análise tem o intuito de aprofundar a caracterização e investigação dos *clusters* formados.

#### 4.5.2 Variáveis em Destaque nos Grupos Formados

A seguir foi realizada a caracterização da distribuição das frequências relativas das variáveis qualitativas da Seção I. Porém, dada a grande quantidade de variáveis utilizadas para o levantamento do perfil biográfico e socioeconômico dos estudantes, as mesmas serão divididas em tabelas individuais.

Também, foram avaliadas e discutidas aquelas variáveis que possuem uma heterogeneidade considerável entre os grupos. Variáveis com pouca diferença de grupo para grupo foram suprimidas da análise e apenas apresentadas juntamente com os dados dos grupos na íntegra, presentes no Apêndice C.

É importante salientar que os percentuais são sempre calculados para o total de sujeitos em cada *cluster*. Dessa forma, para a variável gênero, primeiramente, a distribuição é apresentada na Tabela 15.

**Tabela 15** – Distribuição de gênero, por *cluster*

P1. Gênero	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	64	75,3	50	50,5	46	27,5	22	78,6	9	52,9
Masculino	21	24,7	47	47,5	117	70,1	6	21,4	8	47,1
Prefiro não declarar	0	0,0	2	2,0	2	1,2	0	0,0	0	0,0
Outro	0	0,0	0	0,0	2	1,2	0	0,0	0	0,0

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Observando a Tabela 15, percebe-se que os *clusters* um e quatro possuem a maioria de componentes do gênero feminino, sendo no mínimo três participantes do gênero feminino para cada quatro componentes desses grupos. Estes dois grupos foram aqueles que apresentaram os menores escores financeiros médios.

O grupo três apresentou um percentual elevado de estudantes do gênero masculino, sendo este grupo o que possui o maior nível médio do escore financeiro. Assim percebe-se que grupos compostos por maioria de estudantes do gênero feminino apresentam escores mais baixos, e vice-versa. Estes resultados vão ao encontro daqueles apresentados na seção 4.4.1 desta dissertação. Além disso,

corroborar com os achados de diferentes trabalhos (ATKINSON; MESSY, 2012; POTRICH *et al.*, 2015; ERGUN, 2018). Gêneros não declarados e do tipo outro também fazem parte deste grupo três.

Por sua vez, o agrupamento cinco se caracteriza como sendo a exceção, pois apresenta divisão quase igualitária entre gêneros, além de um bom escore financeiro médio. Porém, cabe salientar que o grupo cinco é o menos representativo em termos de número de componentes.

O grupo dois apresentou um escore financeiro médio, e em percentuais de gênero, possui uma distribuição similar com 50,5% e 47,5%, respectivamente para masculino e feminino.

**Tabela 16** – Distribuição de tipo de formação, por *cluster*

P6. Tipo de Formação	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Outra	41	100,0	63	92,6	96	84,2	12	70,6	13	92,9
Relacionado com finanças	0	0,0	5	7,4	18	15,8	5	29,4	1	7,1

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Realizando-se uma inspeção na Tabela 16, nota-se que o *cluster* um, com menor escore financeiro associado, além de baixa média de idade, não apresenta nenhum indivíduo com formação (ou curso) relacionada com finanças.

Relacionado a este quesito, o grupo quatro é o que apresentou o maior percentual relativo, e o grupo três o maior número absoluto. O total de 18 componentes com cursos relacionados com finanças parece ter influenciado positivamente o grupo três. Mesmo assim, apesar de ter o maior percentual, os cinco integrantes do grupo quatro com essa formação, não refletiram positivamente no escore financeiro médio deste *cluster*. Com isso evidencia-se que esse fator é influente, porém, não se caracteriza como dominante na formação do escore financeiro.

No entanto, este estudo aponta que uma formação financeira está correlacionada positivamente com um aumento do escore financeiro médio. De acordo com os resultados apresentados na pesquisa de Ergun (2018), a educação e o conhecimento financeiro adquiridos através das mídias sociais, imprensa escrita e TV, desempenham papel importante, porém o conhecimento mais significativo é adquirido

através de cursos formais, tais como os de nível universitário. Rooij, Lusardi e Alessie (2011), indicam que a formação financeira exerce papel central para aumento do conhecimento financeiro.

Para Robb e Sharpe (2009), também existe um efeito positivo da formação em finanças, seja ela de nível universitário ou não, sobre o conhecimento e comportamento positivo dos estudantes. Ainda, é importante se apontar para uma oportunidade de investigação focada nessa variável, avaliando-se os efeitos da formação financeira através de um estudo longitudinal.

O grupo dois também apresenta cinco indivíduos (7,4%) com esta formação, e teve escore financeiro próximo do adequado. Com percentual semelhante (7,1%), mas contabilizando por apresentar apenas um integrante, o grupo cinco fica em penúltimo lugar, somente a frente do grupo um, neste quesito.

**Tabela 17** – Distribuição de emprego, por *cluster*

P8. Emprego	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não	35	41,2	45	45,5	58	34,7	5	17,9	6	35,3
Empreendedor	1	1,2	4	4,0	16	9,6	2	7,1	2	11,8
Emprego formal	23	27,1	23	23,2	51	30,5	15	53,6	6	35,3
Informal/Estágio/Temporário	22	25,9	24	24,2	37	22,2	4	14,3	2	11,8
Outro	4	4,7	3	3,0	5	3,0	2	7,1	1	5,9

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Relativo à situação de empregabilidade, os dados estão sumarizados na Tabela 17. O maior índice relativo daqueles que não possuem emprego no momento se encontra no grupo dois. Indo de encontro à essa situação, o menor índice daqueles que não estão inseridos no mercado de trabalho, de forma alguma, está associado ao grupo quatro. Para a regressão linear multivariada, apresentada na seção 4.4.1, essa variável não se mostrou estatisticamente significativa. Aqui, o mesmo parece ocorrer, uma vez que os dados de empregabilidade, mais especificamente o fato de não possuir emprego, não parece se correlacionar com o escore financeiro.

No entanto, ao analisar a opção empreendedorismo, nota-se que os grupos com maiores percentuais deste fator, também são aqueles com maiores escores financeiros associados. Para Hastings e Mitchell (2011), indivíduos empreendedores possuem muitas características similares à de investidores de renda variável. Além disso, tais investidores, em geral, apresentam um maior conhecimento financeiro,



tanto prático como teórico (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; HASTINGS; MITCHELL, 2011).

Relativo a emprego formal (empregado de empresa privada ou servidor público) o maior índice se encontra associado ao grupo quatro (53,6%) e o menor ao grupo dois (23,2%). Os que se encontram na informalidade ou em atividades temporárias, tais como estágios, são similares percentualmente nos grupos um, dois e três. Nos grupos quatro e cinco, seus percentuais são reduzidos. Aqueles que exercem outras atividades, não contempladas pela questão, variaram entre 3% (grupos dois e três) e 7,1% (grupo quatro).

A variável empregabilidade é pouco abordada em pesquisas similares realizadas no exterior, uma vez que a maioria dos estudantes universitários se dedicam em tempo integral aos seus estudos. No Brasil Vieira *et al.* (2016) e Donadio (2014) identificaram uma pequena influência da renda sobre a alfabetização financeira dos sujeitos. Já, para Rooij, Lusardi e Alessie (2011), aqueles com renda mais baixa, possuem menor conhecimento financeiro.

**Tabela 18** – Distribuição de renda, por *cluster*

P9. Renda	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até R\$ 1000,00	49	57,6	48	48,5	71	42,5	9	32,1	3	17,6
De R\$ 1000,01 a R\$ 2000,00	26	30,6	29	29,3	58	34,7	10	35,7	5	29,4
De R\$ 2000,01 a R\$ 3000,00	4	4,7	12	12,1	25	15,0	8	28,6	5	29,4
De R\$ 3000,01 a R\$ 5000,00	5	5,9	2	2,0	13	7,8	1	3,6	3	17,6
Mais de R\$ 5000,00	1	1,2	8	8,1	0	0,0	0	0,0	1	5,9

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A partir da Tabela 18, é possível verificar que aqueles estudantes com menor renda, de até R\$ 1000,00 se concentram de forma mais intensa no grupo um, percentualmente, com 57,6% e, numericamente, no grupo três, com 71 estudantes. O grupo cinco é o que possui menor número relativo de integrantes (17,6%) nessa faixa de renda. Essa faixa de renda concentra a maior parte dos estudantes participantes da pesquisa, com 45,1%.

O *cluster* dois, concentra a maior parte (8,1%) daqueles que possuem níveis elevados de renda, com ganhos superiores a R\$ 5000,00 mensais. Entre aqueles que

declaram ter rendimentos entre R\$ 3000,01 e R\$ 5000,00, o *cluster* cinco concentra 13 estudantes.

Dessa forma, contrapondo Vieira *et al.* (2016) identifica-se que pessoas com rendas superiores, não necessariamente possuem maiores conhecimentos financeiros, traduzidos aqui em educação e alfabetização financeira. Potrich *et al.* (2015), ao pesquisar residentes de um estado brasileiro também detectaram influência da renda, tanto individual como familiar, sobre a alfabetização financeira dos indivíduos. Por sua vez, Donadio (2014) detectou um efeito marginal da renda sobre a educação financeira dos estudantes pesquisados.

Dessa forma, parece haver um efeito da renda sobre a educação e alfabetização financeira da população em geral. Porém, quando o foco da pesquisa é o público universitário, essa variável aparentemente não possui efeito considerável sobre seu conhecimento financeiro.

**Tabela 19** – Distribuição de residência, por *cluster*

P10. Residência	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Com pai/mãe/pais	44	51,8	43	43,4	57	34,1	2	7,1	1	5,9
Cônjuge e/ou filhos	14	16,5	9	9,1	43	25,7	17	60,7	15	88,2
Divide moradia com outras pessoas	13	15,3	31	31,3	43	25,7	2	7,1	1	5,9
Sozinho	7	8,2	12	12,1	20	12,0	5	17,9	0	0,0
Outros	7	8,2	4	4,0	4	2,4	2	7,1	0	0,0

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A partir da Tabela 19, observa-se a distribuição dos grupos relativa a variável residência. É interessante avaliar os grupos extremos, ou seja, aqueles com menores e maiores escores financeiros.

O grupo um, que apresentou o menor índice de educação e alfabetização financeira, caracteriza-se pela maioria dos estudantes (51,8%) residindo com os pais. A outra metade do grupo subdivide-se em moradia com a família (cônjuge e/ou filhos, 16,5%), com outras pessoas (15,3%), sozinho (8,2%) ou outras situações (8,2%).

Por outro lado, aquele grupo com resultados superiores no quesito educação e alfabetização financeira, o grupo três, apresenta uma distribuição relativamente distinta. Nesse grupo aqueles que residem com os pais caem para 34,1%. Quanto aos

que dividem moradia com outras pessoas ou com a família, chegam a 25,7% ambos. Ainda, 12% residem sozinhos e 2,4% estão em outras situações.

Ainda, é importante lançar um olhar sobre o grupo cinco, que apresentou o segundo melhor resultado referente ao escore financeiro. O maior destaque fica por conta de que a maioria absoluta do grupo possui sua própria família já formada, totalizando 88,2% do total.

Apesar de ser um grupo pequeno no quantitativo de indivíduos, é possível concluir que aqueles estudantes que residem com filhos e/ou cônjuge, apresentam níveis de educação e alfabetização financeira mais elevados do que a média geral da amostra.

Assim, nota-se de forma clara que quando os indivíduos possuem um maior grau de responsabilidade, seja para com a família ou outras pessoas, estes apresentam melhores níveis de educação financeira. Nessa pesquisa, estudantes que residem com a família tendem a apresentar um menor escore financeiro que os demais. Esse resultado respalda o apontado por Ergun (2018) que ressalta que estudantes que não mais residem com os pais são mais responsáveis financeiramente, bem como possuem maior conhecimento de finanças pessoais.

Essa situação decorre possivelmente das demandas e compromissos financeiros que vem com a administração, sozinha ou em conjunto, de um orçamento familiar.

**Tabela 20** – Distribuição da variável dívidas, por *cluster*

P13. Dívidas	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4		Cluster 5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não	38	44,7	57	57,6	99	59,3	9	32,1	3	17,6
Sim	47	55,3	42	42,4	68	40,7	19	67,9	14	82,4

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Os indivíduos do *cluster* cinco, em sua maioria, residem com sua família (cônjuge e/ou filhos) e apresentam níveis superiores de educação e alfabetização financeira. Como se concluiu, essa característica positiva pode estar associada com a administração, no todo ou em parte, do orçamento familiar. Por outro lado, essa mesma característica pode levar a um aumento no endividamento, conforme nota-se na Tabela 20.

Nesse sentido, 82,4% dos estudantes desse grupo afirmaram possuir algum tipo de dívida (empréstimos, cartão de crédito, financiamentos, etc.).

Por conseguinte, no grupo três, esse percentual cai para 42,4%. Dessa forma, o grupo com maior índice de educação e alfabetização financeira, possui um percentual de 59,3% de estudantes que não possuem dívidas.

Para o grupo um, com o menor índice de educação e alfabetização financeira, o percentual de endividados atinge 55,3% do grupo, um percentual de endividamento acima da média geral da amostra. Esse fato aponta na direção de que realmente aqueles indivíduos com problemas com dívidas tendem a apresentar baixo escore financeiro, conforme avaliado.

O grupo que apresentou o maior percentual de endividados, com 67,9%, foi o de número quatro. Mais uma vez, conforme esperado, esse grupo apresentou um desempenho abaixo da média, de acordo com índice de referência analisado.

No que tange ao fator endividamento a literatura é ampla e convergente. Norvilitis *et al.* (2006) associam qualquer tipo de dívida, estudantil, de cartões de crédito, empréstimos, entre outros, com falta de conhecimento financeiro e experiência. Em uma comparação direta entre Brasil e Estados Unidos da América, Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012) mostraram que estudantes de ambos os países possuem comportamento de risco em relação ao endividamento. Um destaque foi dado aqueles que possuem um grande número de cartões de crédito, apresentando maior descontrole financeiro. Além disso, na comparação, os estudantes brasileiros se comportaram de maneira mais temerária.

Ainda, Vieira *et al.* (2011) verificaram que uma parcela importante dos estudantes conhece o funcionamento dos mecanismos associados ao endividamento, porém ainda assim contraem dívidas. A pesquisa aqui apresentada verificou esse conhecimento através da questão 35, onde 59% dos estudantes responderam de forma correta. Dessa forma, parece existir uma situação onde os estudantes conhecem os efeitos do endividamento, porém, uma falta de controle ou planejamento financeiro, muitas vezes, os levam a atrasar ou não quitar essas dívidas.

Com isso, percebe-se que, além de seu conhecimento e alfabetização financeira, seus comportamentos e atitudes, mais uma vez, influenciam diretamente suas finanças pessoais.

É importante salientar que o Apêndice C apresenta uma tabela que compila todos os dados relativos aos cinco grupos formados na análise de *cluster* e faz uma síntese de todas as variáveis englobadas pela análise.

Além disso, esta tabela traz a média de todas as variáveis, associadas aos seus respectivos Intervalos de Confiança. As questões da Seção II, anteriormente apresentadas resumidamente através de sua média geral, na Tabela 14, também são expostas na íntegra. Por fim, as variáveis não analisadas anteriormente, tais como escolaridade dos pais, tipo de imóvel de residência, dentre outras, também são lá retratadas.

Neste ponto, porém, por meio do Quadro 8, são retratadas tão somente as características gerais dos *clusters*. Dito isto, é importante enfatizar que são destacadas aquelas características que foram divergentes entre os diferentes *clusters* e que, por consequência, os caracterizam de modos distintos.

**Quadro 8** – Características gerais do *clusters* formados

<b>Cluster</b>	<b>Características Gerais</b>
Cluster 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escore Financeiro de 20,12 pontos, média de idade de 21,27 anos, 75,3% do gênero masculino;</li> <li>• Sem formação financeira; maioria (41,2%) sem emprego;</li> <li>• Maioria (57,6%) com renda até R\$ 1000,00;</li> <li>• Cerca de 51,8% reside com os pais;</li> <li>• A maioria (55,3%) possui dívidas.</li> </ul>
Cluster 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escore Financeiro de 47,61 pontos, média de idade de 20,69 anos, 50,5% do gênero feminino;</li> <li>• 7,4% com formação financeira; maioria (45,5%) sem emprego;</li> <li>• Maioria (48,4%) com renda até R\$ 1000,00;</li> <li>• Cerca de 43,4% reside com os pais;</li> <li>• A maioria (57,6%) não possui dívidas.</li> </ul>
Cluster 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escore Financeiro de 74,88 pontos, média de idade de 24,98 anos, 70,1% do gênero masculino;</li> <li>• 15,8% com formação financeira; maioria (34,7%) sem emprego;</li> <li>• Maioria (42,4%) com renda até R\$ 1000,00;</li> <li>• Cerca de 34% reside com os pais;</li> <li>• A maioria (59,3%) não possui dívidas.</li> </ul>
Cluster 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escore Financeiro de 33,75 pontos, média de idade de 37,46 anos, 78,6% do gênero feminino;</li> <li>• 29,4% com formação financeira; maioria (53,6%) com emprego formal;</li> <li>• Maioria (35,7%) com renda de R\$ 1000,01 até R\$ 2000,00;</li> <li>• Cerca de 60,7% reside com cônjuge e/ou filhos;</li> <li>• A ampla maioria (67,9%) possui dívidas.</li> </ul>

Cluster 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escore Financeiro de 59,22 pontos, média de idade de 47,12 anos, 52,9% do gênero feminino;</li> <li>• 7,1% com formação financeira; maioria (35,3%) com emprego formal;</li> <li>• Maioria (29,4%) com renda de R\$ 2000,01 até R\$ 3000,00;</li> <li>• Cerca de 88% reside com cônjuge e/ou filhos;</li> <li>• A ampla maioria (82,4%) possui dívidas.</li> </ul>
-----------	---

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

A partir dos dados gerados pela técnica de análise exploratória empregada, sintetizados no Quadro 8, foi possível ampliar a investigação sobre o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes.

Os fatores influentes no nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes, apontados pela regressão linear múltipla realizada anteriormente, foram aqui confirmados. Grupos formados por estudantes, em sua maioria, do gênero feminino apresentaram resultados inferiores aos demais. Esse comportamento, conforme já mencionado, ratifica aquilo que outros autores já apontavam. Confirma-se que, sujeitos do gênero feminino, apresentam uma maior lacuna de entendimento de conceitos financeiros (MANDELL, 2008), e níveis de alfabetização financeira menores (ERGUN, 2018).

A formação financeira, seja universitária ou de cursos especificamente relacionados com educação financeira, também se mostrou relevante nessa pesquisa. Corroborando com os achados de Robb e Sharpe (2009) e Vieira *et al.* (2011), aqueles que possuíam tal curso ou formação constituíram grupos com escores financeiros médios mais altos.

Referente aos quesitos renda e empregabilidade os resultados divergiram. No decorrer dessa seção, bem como ao longo de todo estudo, a empregabilidade não se mostrou influente em qualquer dos aspectos investigados. A variável renda se comportou de maneira similar. Pode-se concluir que ao investigar a população, de maneira geral, como feito por Vieira *et al.* (2016) e Silva *et al.* (2017) verifica-se que essas variáveis influenciam no conhecimento e comportamento financeiro dos sujeitos. O mesmo não ocorre quando os sujeitos da pesquisa são exclusivamente estudantes.

Porém, é importante ainda notar que, em muitos casos, a renda não compõe o conjunto de variáveis influentes na alfabetização financeira, todavia a escolaridade do

sujeito influência de maneira positiva essa variável. Isso gera um efeito indireto, uma vez que escolaridades mais altas resultam em níveis de renda mais elevada (POTRICH *et al.*, 2015). Essa situação permanece válida tanto para a população em geral, relativo à escolaridade do indivíduo, quanto para a o público estudantil, na forma da escolaridade dos pais (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012).

Em seguida, verifica-se também que o fator residência se mostrou determinante na composição do diferentes *clusters*. Os agrupamentos com um quantitativo percentual de estudantes vivendo com os pais, apresentaram escores financeiros médios menores. Já, aqueles estudantes que administram, de alguma forma, um orçamento doméstico, seja na divisão de contas ao morarem com outras pessoas, seja ao administrarem o próprio lar com sua família, apresentam comportamentos e hábitos financeiros mais positivos. Esse achado é suportado por Ergun (2018), como também por Silva *et al.* (2017, p. 292) que ainda destacam que indivíduos “em união estável apresentam atitudes financeiras mais conscientes, frente a pessoas solteiras ou com inexistência de união estável”.

Por fim, o endividamento se mostrou, mais uma vez, como fator negativamente influente sobre o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes. Aqueles estudantes que possuem dívidas, apresentam resultados inferiores nos aspectos avaliados. Apesar de um percentual significativo apontarem as respostas corretas em testes realizados (VIEIRA *et al.* 2011), ao contraírem dívidas estes mesmos estudantes tendem a perder o controle das mesmas. Isso aponta mais para um aspecto comportamental do que uma lacuna de conhecimento, guardadas as devidas proporções.

Claramente tais aspectos comportamentais impactam em diversas outras circunstâncias da vida financeira desses estudantes. Identificados esses hábitos, é importante confrontar com as atitudes financeiras dos estudantes e os diferentes pontos impactantes em sua vida. Tais ações podem perdurar durante toda a vida destes sujeitos, comprometendo seu bem-estar financeiro e social, além de agravar diversos problemas de cunho socioeconômico existentes atualmente.

Ainda que parte da população amostral se expressou preocupação com sua aposentadoria e segurança financeira futura, a replicação de tais comportamentos pode, conforme realçam Dietrich e Braido (2016), acarretar em severos desafios a

estes jovens no futuro próximo e em idade avançada, face a situação enfrentada pela previdência social brasileira.

Estes fatores principais surgiram tanto na regressão linear múltipla executada, como no agrupamento dos indivíduos, através da análise de *cluster*, em ambos os casos refletindo nos índices avaliados. Assim, confirma-se a hipótese levantada que relaciona hábitos, comportamento, atitude e conhecimento dos estudantes com seu nível de educação e alfabetização financeira.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os termos educação financeira e alfabetização financeira estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. No mundo atual, dinâmico, e de mudanças rápidas, consciência e conhecimento têm se tornado cada vez mais importantes. No contexto das finanças pessoais, o domínio dos conceitos básicos, bem como estar atualizado e bem informado é fundamental.

Durante esse trabalho diferentes conceitos e definições acerca dos termos educação e alfabetização financeira foram explorados. Em síntese, a educação financeira é um processo onde aos indivíduos desenvolvem confiança e habilidade ao lidar com conceitos, definições e produtos financeiros. Por sua vez, a alfabetização financeira é um termo mais amplo. Este termo compreende consciência, comportamento e o próprio bem-estar do indivíduo, dentro do universo das finanças pessoais.

Concordando com a importância dos temas e a necessidade da ampliação da base de conhecimento acerca destes, este trabalho, teve como objetivo principal analisar o nível de educação e alfabetização financeira de estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense.

Com o intuito de dar suporte na busca por atingir o objetivo principal da pesquisa, foram ainda relacionados três objetivos específicos que pretendiam: identificar os hábitos financeiros e de poupança dos estudantes; estabelecer o comportamento e as atitudes dos estudantes relacionadas com suas finanças pessoais; e descrever a percepção e o conhecimento dos estudantes sobre educação, alfabetização e planejamento financeiro.

Tendo esses fatores em vista e, com o auxílio do referencial bibliográfico desenvolvido, este estudo ambicionou contribuir com as pesquisas existentes; para tanto, providenciando evidências adicionais relacionadas com os níveis de educação e alfabetização financeira de estudantes universitários.

Assim sendo, dentro da escala proposta, com um nível de educação e alfabetização financeira variando entre zero e cem pontos, pode-se aferir uma média de 52,92 pontos para a amostra. Tendo como base 50 pontos, ou metade da escala, para se considerar um estudante educado e alfabetizado financeiramente, tem-se a amostra como um todo, inferindo-se na população total de estudantes, como alfabetizada e educada financeiramente. Ainda nessa linha, 25% dos sujeitos

superaram a marca de 70 pontos, sendo dessa forma considerados plenamente alfabetizados e educados financeiramente.

Referente aos hábitos financeiros e de poupança dos estudantes, foi possível identificar que três de cada quatro estudantes possuíam algum tipo de investimento, superando amplamente a média do país, onde menos de metade da população em geral investe. Ainda, se revelou que, nessa vertente, os estudantes possuem conhecimento acerca de investimentos consideravelmente mais rentáveis que a conta poupança, tais como títulos de renda fixa públicos e privados.

Por fim, observou-se uma participação considerável destes jovens no mercado acionário. Um percentual superior a 7% da amostra declarou participar do mercado de ações e de *commodities*, valor considerado alto, uma vez que é superior a dez vezes a média brasileira.

No tocante aos comportamentos e as atitudes financeiras dos sujeitos, destacou-se uma demanda por conhecimento financeiro, assim como um interesse dos sujeitos em aprender sobre os mais variados aspectos financeiros. Tais aspectos variando desde como economizar e investir, adquirir a casa própria, até o planejamento financeiro da carreira profissional e o funcionamento da economia como um todo.

Além disso, o comportamento geral do grupo indicou que os estudantes estão desde já preocupados e planejando sua aposentadoria. Isso aponta para uma consciência dos discentes acerca dos problemas enfrentados pelo Estado brasileiro relativo à previdência social e o sistema de aposentadorias e pensões.

Também o grupo apresentou uma tendência empreendedora, que se verificou como fator influente positivo em seus níveis de educação e alfabetização financeira. No tocante ao exercício da cidadania, nota-se que os sujeitos possuem elevada consciência acerca das decisões político-econômicas tomadas pelos representantes da sociedade.

Os estudantes apresentaram uma percepção e conhecimento diversa sobre os temas pesquisados. Diferentes questões, no âmbito teórico, relacionadas com inflação, taxa de juros e impostos, apresentaram índices altos de desconhecimento. Já, ao aplicar questões envolvendo os mesmos temas, em situações práticas, teve-se um incremento importante no índice de acertos. Temas como inflação e uso do crédito

tiveram destaque negativo, tanto pela falta de conhecimento das taxas relacionadas como seus mecanismos de funcionamento.

Identificando-se que os estudantes de graduação do Instituto Federal Catarinense apresentaram um nível adequado de educação e alfabetização financeira, ainda se estabeleceu diversos fatores que influenciam tal nível. Dentre estes, destaca-se que estudantes tendem a apresentar um escore de educação e alfabetização financeira maior quando, de alguma forma, administram um orçamento, quando planejam suas finanças e quando apresentam maior propensão ou determinação ao aprendizado.

Dentre as hipóteses formuladas para essa pesquisa, foi possível então refutar assertivamente a hipótese nula. Assim, toma-se a hipótese alternativa como verdadeira, onde as características de perfil e comportamentais dos estudantes exercem influência direta em seu nível de educação e alfabetização financeira.

No entanto, identificou-se que estudantes do gênero feminino, que possuem dívidas e que não têm qualquer formação relacionada com finanças, tendem a apresentar níveis de alfabetização e educação financeira menores, medidos pelos escore financeiro e pelas variáveis do modelo estatístico estimado. Ainda nessa linha, estudantes com afeição pelo empreendedorismo, com pais com nível de escolaridade maior e de mais idade, também tendem a manifestar níveis mais elevados, relacionados às variáveis pesquisadas.

Por sua vez, fatores como região de origem, ou de residência, utilização do crédito e, principalmente, renda, não se mostraram influentes. Este estudo ainda detectou que um quantitativo importante, da ordem de 62% dos estudantes, desconhece o funcionamento da remuneração de ativos financeiros, tais como a conta poupança, mesmo, paradoxalmente, este sendo o ativo financeiro mais popular entre os indivíduos da amostra.

Ainda, determinados temas se apresentaram como de difícil compreensão para uma parcela significativa da amostra, tais como inflação (58%) e planejamento financeiro (51%). Isso pode ocorrer devido as taxas de inflação no Brasil estarem, de certa forma, em níveis considerados normais nas últimas duas décadas.

Assim, providenciando um aumento na oferta de cursos relativos à educação financeira básica, dentro do próprio instituto ou universidade, poderá se produzir um resultado ainda mais positivo em relação a compreensão destes e de outros tópicos

relativos à temática estudada. Esses resultados possivelmente levarão a um melhor bem-estar individual, assim como um desenvolvimento sustentável da economia em geral.

Os resultados apresentados provêm informações que podem ser usadas tanto para elaboração de políticas públicas gerais, para a população local ou regional, ou mesmo internas, para o Instituto Federal Catarinense. Tais políticas podem visar a suprir a demanda de educação financeira detectada, bem como promover o bem-estar dos sujeitos, de forma geral.

Ainda, este estudo pode apresentar dados importantes tanto para guiar, como para dar suporte a pesquisas similares em outras instituições do mesmo tipo e em diferentes estados brasileiros. Além disso pode estimular as autoridades deste e de outros institutos e universidades a promoverem um número maior de cursos e treinamentos relacionados com os temas pesquisados.

Como limitação, esse estudo apresentou a seleção da amostra, que se deu de forma não-probabilística. Ainda que se obteve uma representação adequada da população total, uma amostragem probabilística poderia ter resultado em modelos estatísticos estimados com um poder explicativo ainda maior. No entanto, o tamanho da amostra foi adequado, atendendo diferentes critérios, seja em face do número de sujeitos pesquisados em relação a população total (LEVINE, 2000), seja em relação às técnicas e número de variáveis envolvidas nas análises empregadas (HAIR JR *et al.*, 2009).

Como observação para estudos futuros, sugere-se a ampliação da amostra, englobando outras IES de Santa Catarina, e de outros estados. Ainda, ressalta-se a importância de conduzir outros estudos similares dentro das mais diferentes unidades federativas do Brasil. Com isso, ampliando-se a base de dados e de comparativos que podem ser realizados, entre os mais diferentes tipos de instituições de ensino superior, públicas e privadas e em seus diferentes níveis de ensino.

Por fim, ainda se sugere a reaplicação do instrumento de pesquisa nas diferentes regiões e universidades brasileiras. Também, podendo-se realizar outros testes e se empregar outros métodos de análise de dados, como, por exemplo, análise fatorial exploratória e modelagem de equações estruturais. Estudos longitudinais avaliando a eficácia de cursos e treinamentos em educação e alfabetização financeira também se apresentam como alternativas interessantes.

Sendo assim, apesar de apresentar limitações ordinárias, o estudo atingiu os objetivos propostos. Como contribuição preponderante da pesquisa, salienta-se que este estudo é pioneiro no contexto de Santa Catarina, englobando estudantes universitários de todas as regiões do estado. Foi possível conhecer o perfil dos estudantes, seu nível de educação e alfabetização financeira, além dos principais fatores influentes.

Dentro do contexto atual, brasileiro e global, político e econômico, vive-se na era das transformações. Informação e conhecimento financeiro surgem como ferramentas importantes na obtenção do bem-estar individual e social. Para tanto, os tópicos abordados nesse trabalho se mostram de fundamental domínio, tanto para o desenvolvimento social e econômico, nas mais diferentes realidades, quanto para o exercício consciente da cidadania.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL AMERICANA. Committee on Facilitating Interdisciplinary Research, Committee on Science, Engineering, and Public Policy. **Facilitating interdisciplinary research**. National Academies. Washington: National Academy Press, p. 2. 2004.

ALVARENGA, A. T.; PHILIPPI JR., A.; SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M. S.; FERNANDES, V. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio José da. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, São Paulo: Manole, 2011.

AMBIMA. **Raio-X do Investidor Brasileiro**. 2.ed. 2019. Disponível em <[https://www.anbima.com.br/data/files/25/50/2D/8C/0BBB96109FF4F696A9A80AC2/RaioX\\_investidor\\_2019.pdf](https://www.anbima.com.br/data/files/25/50/2D/8C/0BBB96109FF4F696A9A80AC2/RaioX_investidor_2019.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2019.

ANTHES, W. L. Financial illiteracy in America: a perfect storm, a perfect opportunity. **Journal of Financial Service Professionals**, v.6, n.58, p.49–56, 2004.

ARAÚJO, R. M. B. **Alfabetização econômica**: compromisso social na educação das crianças. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

ATKINSON, A.; KEMPSON, E. Young people, money management, borrowing and saving. Relatório para o Banking Code Standards Board. 2004. Disponível em: <[http://www.pfric.bris.ac.uk/Reports/BCSB\\_young\\_people.pdf](http://www.pfric.bris.ac.uk/Reports/BCSB_young_people.pdf)> Acesso em: 27 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. MESSY, F. **Measuring financial literacy**: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE). Pilot Study [Working Paper n. 15]. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

B3. **Ecosistema do investidor brasileiro**. Disponível em: <<http://www.b3.com.br/data/files/D0/E6/2F/6D/11E9A6106A14A9A6AC094EA8/Resumo-da-Pesquisa-do-Ecosistema-do-Investidor-Brasileiro.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2019.

BACEN. **Base para o currículo escolar inclui a educação financeira**. 2018. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/noticias/205>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Taxas de juros brasileiras**. 2019 Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/txjuros>> Acesso em: 08 jun. 2019.

BARRY, A.; BORN, G.; WESZKALNYS, G. **Logics of interdisciplinarity**. *Economy and Society*, v.37, n.1, p. 20-49, 2008.

BRASIL. LEI Nº 6.194, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1974. **Seguro obrigatório de danos pessoais causados por veículos automotores de via terrestre, ou por**

**sua carga, a pessoas transportadas ou não.** Brasília, DF, dez. 1974. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8213cons.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991. **Finalidade e princípios básicos da previdência social**, Brasília, DF, mar. 1991. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8213cons.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Estratégia nacional de educação financeira** – Plano Diretor da ENEF. 2010. Disponível em: <[https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia\\_Nacional\\_Educacao\\_Financeira\\_ENEF.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BREALEY, R. A.; MYERS, S. C.; ALLEN, F. **Princípios de finanças corporativas**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

CAPES. Áreas do conhecimento da CAPES. Disponível em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/tabelaAreasConhecimento\\_042009.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/tabelaAreasConhecimento_042009.pdf) Acesso em: 23 set. 2018.

CHANCE, D. M.; BROOKS, R. **Introduction to derivatives and risk management**, 10. ed. Boston: Cengage Learning, 2015.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**. v.7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CHOI, J.; LAIBSON, D.; MADRIAN, B. C. \$100 bills on the sidewalk: suboptimal investment in 401(k) plans. **Review of Economics and Statistics**. v. 93, n. 3, p. 748-763, 2011.

CHRISTELIS, D.; JAPPELLI, T.; PADULA, M. Cognitive abilities and portfolio choice. **European Economic Review**. v. 54, n. 1, p. 18-38, 2010.

CRIDDLE, E. Financial literacy: goals and values, not just numbers. **Alliance**, v. 34, n. 4, p. 7-21, 2006.

CUTLER, N. E. The false alarms and blaring sirens of financial literacy: Middle-agers' knowledge of retirement income, health finance and long-term care. **Generations-Journal of the American Society on Aging**. v. 21, n. 2, p. 34-40, 1997.

DANTAS, L. T. Educação financeira e sustentabilidade. In: Encontro brasileiro de estudantes de pós-graduação em educação matemática, 2015, Juiz de Fora. **Anais**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p. 27-37, 2015.

D'AQUINO, C. **O que é educação financeira**, 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1010201104.htm>> Acesso em: 10 dez 2018.

DIETRICH, J.; BRAIDO, G. M., Planejamento financeiro pessoal para aposentadoria: Um estudo com alunos dos cursos de especialização de uma instituição de Ensino

Superior. **Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 29-52, maio/ago. 2016.

DOLLARSENSE. **Test your investment literacy**. DollarSense, Winter, p. 2. 1997.

DONADIO, R. Educação financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência. Tese. 142 f. Universidade Nove de Julho, São Paulo. 2014.

DORFMAN, M. S. **Introduction to risk management and insurance**. 9. ed. Upper Saddle River: Pearson/Prentice Hall, 2008.

ERGÜN, K. Financial literacy among university students: A study in eight European countries. **International Journal of Consumer Affairs**, v. 42, n. 1, p. 2-15, 2018.

FERNANDES, A. H. D. S.; CANDIDO, J. G. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; & MOSCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo, RAUSP**, v. 35, n. 3, jul./set., p.105-112, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun., 1995.

GRAHAM. J.; HARVEY, C.; HUANG, H. Investor competence, trading frequency, and home bias. **Managzement.Science**. v. 55, n. 7, p. 1094-1106, 2009.

GRAZIOSI, M. E. S.; LIEBANO, R. E.; NAHAS, F. X. **Elaboração da pergunta norteadora de pesquisa**. 1. ed. São Paulo: USP. 2011.

**Guia de Cursos IFC.**, [s.d.]. Disponível em: <<http://ingresso.ifc.edu.br/guia-de-cursos/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

GUTTER, M.; COPUR, Z. Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 32, n. 4, p. 699-714, 2011.

HAIR JR., J.F.; WILLIAM, B.; BABIN, B.; ANDERSON, R.E. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAROLD, B.; SMITH, E.L. Saving is fundamental. **Black Enterprise**, v. 29, n. 12, p. 30, 1999.

HASTINGS, J. S.; MITCHELL, O. S. How financial literacy and impatience shape retirement wealth and investment behaviors. **Journal of Pension Economics & Finance**. Jan. p. 1-20, 2011.



HECKMAN, S. J.; GRABLE, J. E. Testing the role of parental debt attitudes, student income, dependency status, and financial knowledge have in shaping financial self-efficacy among college students. **College Student Journal**, v. 45, n. 1, p. 51-67, 2011.

HOPER. Estudos de Mercado. **Análise setorial do ensino superior privado**. Foz do Iguaçu, Hoper Estudos de Mercado. 2012.

HUNG, A. A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. **Defining and measuring financial literacy**. [Working Paper n. 708]. Social Science Research Network, Santa Monica. 2010.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **Journal of Consumer Affairs**. v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

IBGE. **Projeção da população**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Índice de desenvolvimento humano municipal**, 2010 - Todos os Estados do Brasil. Disponível em <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/consulta/>>. Acesso em: 03 mar. 2019. 2010.

\_\_\_\_\_. IBGE divulga o rendimento domiciliar per capita 2018. **IBGE - Agência de Notícias**. São Paulo, 27 fev. 2019.

IDEA. **Manual de educação para o consumo sustentável**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

INEP. **Censo da educação superior 2017**. Brasília, 2018.

JAPPELLI, T.; PADULA, M. Investment in financial literacy and saving decisions. **Journal of Banking & Finance**, v. 37, n. 8, p. 2779-2792, 2013.

KAZMIER, L. J. **Estatística aplicada à Administração e Economia**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman. 2017

KIDWELL, B.; TURRISI, R. An examination of college student money management tendencies. **Journal of Economic Psychology**, v. 25, n. 5, p. 601-616, 2004.

KIMBALL, M.; SHUMWAY, T. **Investor sophistication and the participation, home bias, diversification, and employer stock puzzle**. Mimeo: Univ. Michigan. 2010.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. **Pai rico pai pobre**: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. São Paulo: Campus, 2000.

LANDIM, P. M. B. **Análise estatística de dados multivariados**. São Paulo: Oficina de Textos, 208 p., 2011.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Editora Harbra Ltda., 1987.

LEVINE, D. M.; BERENSON, M. L.; STEPHAN, D. **Estatística**: Teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Educação financeira: Um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. *In: Anais*, XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 21-23 julho, 2014.

LORGAT, M. Enabling worker finances: the effects of rising costs of living and debt on worker finances. **South African Sociological Association**. Durban. 2003.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. **A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos**. Anais do Seminário em Administração (SEMEAD). São Paulo, SP, 2006.

LUSARDI, A. Saving and the effectiveness of financial education. **Pension Research Council WP2003-14**. 2003.

\_\_\_\_\_. Financial capability in the United States: Consumer decision-making and the role of social security. **SSRN Electronic Journal**. 10.2139/ssrn.1707529. 2010.

\_\_\_\_\_. MITCHELL, O. S.; CURTO, V. Financial literacy among the young. **The journal of consumer affairs**, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Financial literacy and planning: Implications for retirement well-being. **Oxford University Press**. p. 17-39. 2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, v.52, n.1, p. 5-44, 2014.

\_\_\_\_\_. TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. **Journal of Pension Economics & Finance**. v. 14, n. 4, p. 332-368, 2015.

MANDELL, L. **The financial literacy of young American adults**: results of the 2008 National Jump\$tart Coalition Survey of High School and College Students. Jump\$tart Coalition for Personal Financial Literacy, Washington, D.C.: 2008.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. D. A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria – RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221-251, 2014.

MELO, M. S. **Planejamento financeiro, porque é importante**. Disponível em: <<http://www.dinheirointeligente.com.br/website/artigo.asp?cod=1741&idi=1&id=16877>>. 2012. Acesso em: 18 abr. 2018.

MENDES-DA-SILVA, W.; NAKAMURA, W. T.; MORAES, D. C. D. Credit card risk behavior on college campuses: Evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review**, v.9, n.3, p. 351-373, 2012.

MIOTTO, A. P. S. C.; PARENTE, J. Antecedents and consequences of household financial management in Brazilian Lower-Middle-Class. **RAE – Journal of Business Administration** – FGV/EAESP, v. 55, n. 1, p. 50-64, jan./fev., 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORI, E.; LEWIS, A. Money in the contemporary family. **Nestle Family Monitor**, v. 20, n. 1, p. 3-21, 2001.

NORVILITIS, J. M.; MERWIN, M. M.; OSBERG, T. M.; ROEHLING, P. V.; YOUNG, P.; KAMAS, M. M. Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1395-1413, 2006.

\_\_\_\_\_. MACLEAN, M. G. The role of parents in college students' financial behaviors and attitudes. **Journal of Economic Psychology**, v. 31, n. 1, p. 55-63, 2010.

OECD. **Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness**. 2005. Disponível em: <[www.oecd.org/](http://www.oecd.org/)>. Acesso em: 05 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **The importance of financial education**. 2006. *Policy Brief*. Disponível em: <<http://www.oecd.org/finance/financial-education/37087833.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. INFE. **Financial education in schools**. 2012. Disponível em: <[https://www.oecd.org/finance/financial-education/FinEdSchool\\_web.pdf](https://www.oecd.org/finance/financial-education/FinEdSchool_web.pdf)> Acesso em: 27 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **National strategies for financial education**. 2013a. Disponível em: <[www.oecd.org/](http://www.oecd.org/)>. Acesso em: 05 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. OECD Centre, Paris, France. 2013b.

\_\_\_\_\_. **National strategies for financial education**. Disponível em: <Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/nationalstrategiesforfinancialeducation.htm> >. 2017 Acesso em: 25 jan. 2019

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, P. **A influência do planejamento financeiro pessoal no desenvolvimento econômico brasileiro**. 2015. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Econômicas) – Centro Universitário Municipal de Franca. Franca, 2015.

ONU BRASIL. **Número de universitários dobrou no mundo entre 2000 e 2014, diz UNESCO**. 24 abr. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de->

universitarios-dobrou-no-mundo-entre-2000-e-2014-diz-unesco/>. Acesso em: 26 abr. 2018

OREIRO, J. L.; D'AGOSTINI, A. H. A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. **Revista de Estudos Avançados**, n. 31, v. 89, p. 75-89, São Paulo, 2017.

PAIVA, P. T. A.; WAJNMAN, S. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da População**, n. 2, v. 22, p. 303-322, 2005.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO. **Anais**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 a 14 de novembro 2003. Disponível em: <http://www.humanismolatino.online.pt>. Acesso em: 12 jun 2018. 2003.

PONTES, H. M. M. Contas regionais 2016. **IBGE - Agência de Notícias**. São Paulo, nov. 2018.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários, afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 314-333, 2013.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. CAMPARA, J. P.; FRAGA, L. S.; SANTOS, L. F. O. Educação financeira dos gaúchos: Proposição de uma medida e relação com as variáveis socioeconômicas e demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 9, n. 3, p. 109-129, 2014.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. KIRCH, G. Determinantes da alfabetização financeira: Análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. MENDES-DA-SILVA, W. Development of a financial literacy model for university students. **Management Research Review**, v. 39, n. 3, p. 356-376, 2016.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBB, C. A.; SHARPE, D. L. Effect of personal financial knowledge on college students' credit card behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**. v. 20 n. 1 p. 25-43, 2009.

\_\_\_\_\_. Financial knowledge and credit card behavior of college students. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 32, n. 4, p. 690-698, 2011.

\_\_\_\_\_. BABIARZ, P.; WOODYARD, A. The demand for financial professionals' advice: the role of financial knowledge, satisfaction, and confidence. **Financial Services Review**, v. 21, n. 4, p. 291-305, 2012

ROOIJ, M.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. Financial literacy and stock market participation. **Journal of Finance Economics** v. 101 n. 2, p. 449-472, 2011.

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152p. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, D. B.; MENDES-DA-SILVA, W.; FLORES, E.; NORVILITIS, J. M. Predictors of credit card use and perceived financial well-being in female college students: A Brazil–United States comparative study. **International Journal of Consumer Studies**, v. 40, n. 2, p. 133-142, 2016.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. GONZALES, L. Déficit de alfabetização financeira induz ao uso de empréstimos em mercados informais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 58 n. 1, p. 44-59. jan./fev. 2018.

\_\_\_\_\_. D'AGOSTINI L. Macroeconomic policy regimes, real exchange rate overvaluation, and performance of the Brazilian economy (2003–2015). **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 40, n. 1, p. 27-42, 2017.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SETEC/MEC (Comp.). **Plataforma Nilo Peçanha**. 2019. Disponível em: <<https://www.plataformanilopecanha.org/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SHIM, S.; BARBER, B. L.; CARD, N. A.; XIAO, J. J.; SERIDO, J. Financial socialization of first-year college students: The roles of parents, work, and education. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 39, n. 12, p. 1457-1470, 2010.

SILVA, J. T. L.; SOUZA, D. A.; FAJAN, F. D. **Análise do endividamento e dos fatores que influenciam o comportamento de alunos universitários**. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7, Resende, RJ, 2015.

SILVA, G. O.; SILVA, A. C. M.; VIEIRA, P. R. C.; DESIDERATI, M. C.; NEVES, M. B. E. Alfabetização financeira versus educação financeira: Um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**. v. 7, n. 3, p. 279-298, set./dez., 2017.

SOHN, S. H.; JOO, S. H.; GRABLE, J. E.; LEE, S.; KIM, M. Adolescents financial literacy: The role of financial socialization agents, financial experiences, and money attitudes in shaping financial literacy among South Korean youth. **Journal of Adolescence**, v. 35, n. 4, p. 969-980, 2012.

SOUZA, T. Y.; BRANCO, A. U.; LOPES, O. M. C. S. **Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano**: Aspectos históricos e tendências atuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 357-376. 2007.

SOUZA, A. F.; TORRALVO, C. F. **Aprenda a administrar o próprio dinheiro**: coloque em prática o planejamento financeiro pessoal e viva com mais liberdade. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

SOUZA, T. T. V.; KROM, V. **Sistema previdenciário no Brasil**. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO, 21, São José dos Campos, SP, 2017.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; OUDHEUSDEN, P. **Financial literacy around the world**: Insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey. Disponível em: <[https://responsiblefinanceforum.org/wp-content/uploads/2015/12/2015-Finlit\\_paper\\_17\\_F3\\_SINGLES.pdf](https://responsiblefinanceforum.org/wp-content/uploads/2015/12/2015-Finlit_paper_17_F3_SINGLES.pdf)>. 2015. Acesso em: 21 jul. 2019.

STANGO V.; ZINMAN, J. Exponential growth bias and household finance. **Journal of Finance**. v. 64, n. 6, p. 2807-2849, 2009.

TACHIBANA, T. Y.; FILHO, N. M.; KOMATSU, B. **Ensino superior no Brasil**. Policy Paper. n. 14. p. 53, 2015.

THOMAS, J. R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J.; Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: Uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.

VIERA, K. M., FRAGA, L. S., VALCANOVER, V. M., CATTELAN, V. D., FLORES, S. A. M., CAMPARA, J. P. De Onde Vem o Bem-Estar Financeiro?: Análise dos Fatores Comportamentais, do Gerenciamento Financeiro e da Renda. *Teoria e Prática em Administração*, v. 6, n. 2, p. 136-171, 2016.

## **APÊNDICES**

## Apêndice A – Termo de Compromisso

### **EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM UMA IES CATARINENSE**

Caro estudante, diversos projetos de pesquisa sobre alfabetização financeira foram conduzidos em âmbito internacional, porém no Brasil ainda não existe um quantitativo tão grande desses estudos. O motivo que nos leva a propor este estudo é determinar o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de cursos de graduação do Instituto Federal Catarinense.

Apresentamos esse questionário com o intuito de verificar essa situação no Brasil, mais especificamente em Santa Catarina. Para tanto, pedimos que você responda com sinceridade e no melhor do seu entendimento.

Este questionário é parte integrante de uma investigação para a realização da dissertação, que é requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Sociedade, na Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). O estudo é orientado pelo Prof. Dr. César Augustus Winck.

O tempo necessário para completar o questionário é de aproximadamente 5 minutos. Sua participação é muito importante. Obrigado. Todas as informações fornecidas neste questionário permanecerão confidenciais e você não será identificado.

---



## Apêndice B – Questionário

### Seção I – Dados Biográficos e Socioeconômicos

1. Gênero: a) Masculino b) Feminino c) Outro d) Prefiro não declarar
2. Qual seu estado de origem/nascimento? *[Lista com os 26 estados e DF]*
3. Em qual *campus* do IFC você estuda? *[Lista com todos os campi do IFC]*
4. Qual fase/semestre do curso está cursando? *[Lista da fase 1 a fase 12]*
5. Qual sua idade? *[Entrada do número pelo respondente]*
6. Você possui alguma destas formações: a) Curso técnico b) Outra graduação (Concluída) c) Magistério d) Curso ou treinamento relacionado com finanças e) Outro:\_\_\_\_\_.
7. Seus pais (ou outra pessoa) ainda apoiam você financeiramente? a) sim b) não
8. Possui emprego no momento? a) Não b) Emprego formal (Carteira assinada ou servidor público) c) Empreendedor (Negócio próprio) d) Informal/Estágio/Temporário. e) Outro
9. Qual a sua renda bruta mensal? a) Até R\$ 1000,00 b) de R\$ 1000,00 a R\$ 2000,00 c) de R\$ 2000,01 a R\$ 3000,00 d) de R\$ 3000,01 a R\$ 5000,00 e) Mais de R\$ 5000,01
10. Você reside: a) Sozinho b) Com pai/mãe/pais c) Cônjuge e/ou filhos d) Divide moradia com outras pessoas e) Outros
11. O imóvel onde você reside é: a) Próprio (quitado) b) Próprio (financiado) c) Alugado d) Cedido/Mora de favor e) Outros
12. Qual a escolaridade dos seus pais (considerar a pessoa com a escolaridade mais alta)? a) Analfabeto b) Ensino fundamental incompleto c) Ensino fundamental d) Ensino médio incompleto e) Ensino médio completo f) Graduação incompleta g) Graduação completa h) Pós-graduação i) Não sei
13. Atualmente você está pagando algum empréstimo ou possui alguma dívida? a) sim b) não
14. Relacionado a pergunta anterior, quanto você desembolsa mensalmente (em valor percentual de sua renda) para quitar essa dívida e/ou

empréstimo? a) Não possuo qualquer dívida b) Entre 0,1% e 10% da minha renda mensal c) Entre 10,1% e 20% da minha renda mensal d) Entre 20,1% e 30% da minha renda mensal e) Entre 30,1% e 50% da minha renda mensal f) Entre 50,1% e 80% da minha renda mensal g) Mais de 80% da minha renda mensal h) Não estou quitando a dívida

15. Curso de Graduação em que está matriculado: *[Lista dos cursos, a ser exibida em função da resposta a questão 3]*

## **Seção II – Opinião e Comportamento**

*[Para todas as questões dessa seção o respondente deverá escolher uma alternativa entre 5 possíveis (escala Likert de 5 pontos): Discordo totalmente, Discordo, Não concordo nem discordo, Concordo, Concordo totalmente]*

16. Considero importante aprender sobre o impacto financeiro no planejamento da minha carreira profissional

17. Considero importante aprender sobre como funcionam impostos e taxas

18. Considero importante aprender sobre o planejamento para aquisição de moradia

19. Considero importante aprender sobre como aumentar meu conhecimento sobre finanças pessoais/Como economizar e investir

20. Acredito que minha aposentadoria esteja distante para começar a me preocupar sobre isso agora

21. Tenho intenção em aprender como começar meu próprio negócio/empreender

22. Nunca faço um orçamento mensal (ou semanal) de gastos

23. Possuo cartão de crédito (bancário ou de empresa) e utilizo pelo menos uma vez por semana

24. Acredito que as decisões políticas nacionais não influenciam na economia do país

## **Seção III – Educação Financeira**

Responda as seguintes questões de acordo com o seu conhecimento.

*[As alternativas corretas estão destacadas]*

25. O planejamento financeiro deve ser feito de acordo com a inflação: **a) Sim**  
b) Não c) Não sei
26. A idade da pessoa influencia no valor de seguro do automóvel que esta contratar: **a) Sim** b) Não c) Não sei
27. A taxa de inflação no Brasil atualmente está entre 6% e 8% ao ano. a) Sim  
**b) Não** c) Não sei
28. Atualmente a taxa de imposto em produtos é de no máximo 50% sobre o valor total do produto. a) Sim **b) Não** c) Não sei
29. Os juros sobre o crédito rotativo do cartão de crédito bancário podem ultrapassar 200% ao ano. **a) Sim** b) Não c) Não sei
30. A taxa de remuneração do dinheiro aplicado em uma conta de poupança é sempre maior que 5% ao ano: a) Sim **b) Não** c) Não sei

#### **Seção IV – Alfabetização Financeira**

Responda as seguintes questões de acordo com o seu conhecimento.

*[As alternativas corretas, quando for aplicável, estão destacadas]*

31. Você possui algum destes ativos financeiros? *[É possível marcar mais de uma opção]* a) Conta poupança b) Título públicos/Títulos de renda fixa c) Fundo ou fundos de investimento d) Plano de previdência privada e) Ações e/ou fundos imobiliários f) Outro: \_\_\_\_\_.
32. O que influencia na taxa de juros de um empréstimo? *[É possível marcar mais de uma opção]* **a) Volume do empréstimo b) Prazo do empréstimo c) Sua situação financeira** d) Nenhum e) Não sei
33. Se uma geladeira custa R\$ 2400, mas no pagamento a vista temos um desconto de 20%, quanto ela custa a vista? a) R\$ 1800 b) R\$ 1880 **c) R\$ 1920** d) R\$ 2000 e) Não sei
34. Imagine que você possui uma dívida de R\$ 1000,00. A taxa de juros sobre essa dívida é de 20% ao ano. Em quanto tempo essa dívida terá dobrado, caso não seja feito nenhum pagamento? a) Menos de 2 anos **b) Entre 2 e 5 anos** c) Entre 5 e 10 anos d) Mais de 10 anos e) Não sei

35. Um financiamento imobiliário de 15 anos tipicamente exige um pagamento de parcelas de maior valor do que um financiamento de 30 anos, porém o total pago em juros no financiamento de 15 anos é menor. **a) A afirmação está correta** b) A afirmação está incorreta c) Depende do banco/financiamento d) Não sei
36. Se um investidor diversifica seu dinheiro em vários ativos financeiros, o risco de perder dinheiro: a) Aumenta **b) Diminui** c) Permanece o mesmo d) Não sei
37. Se daqui há 5 anos seu salário tiver dobrado em relação a hoje e, nesse mesmo período, tivemos uma inflação de 100%, qual será o seu poder de compra em 5 anos considerando o novo salário? a) Mais do que hoje **b) Exatamente o mesmo** c) Menos do que hoje d) Não sei
38. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 8% ao ano. Após 1 ano, quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro. a) Mais do que hoje b) Exatamente o mesmo **c) Menos do que hoje** d) Não sei

### Apêndice C – Perfil Completo dos Agrupamentos Formados

		Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4	Cluster 5	
Média ± IC (95%)	Escore Financeiro	20,12 ± 2,04	47,61 ± 1,36	74,88 ± 1,51	33,75 ± 3,14	59,22 ± 2,21	
	Idade	21,27 ± 0,72	20,69 ± 0,63	24,98 ± 1,06	37,46 ± 2,29	47,12 ± 2,88	
	P16 / Planejamento	4,73 ± 0,12	4,87 ± 0,07	4,78 ± 0,07	4,36 ± 0,38	4,59 ± 0,24	
	P17 / Aprendizado	4,60 ± 0,15	4,71 ± 0,14	4,74 ± 0,09	4,50 ± 0,36	4,71 ± 0,37	
	P18 / Moradia	4,62 ± 0,15	4,64 ± 0,14	4,51 ± 0,13	4,14 ± 0,44	4,47 ± 0,38	
	P19 / Investir	4,67 ± 0,14	4,83 ± 0,11	4,79 ± 0,09	4,75 ± 0,22	4,71 ± 0,28	
	P20 / Aposentadoria	3,52 ± 0,33	3,66 ± 0,29	3,92 ± 0,19	3,71 ± 0,51	3,82 ± 0,66	
	P21 / Empreendedorismo	3,68 ± 0,29	3,82 ± 0,24	4,19 ± 0,16	3,64 ± 0,57	4,12 ± 0,55	
	P22 / Orçamento	3,26 ± 0,32	3,55 ± 0,30	3,56 ± 0,20	3,61 ± 0,57	2,82 ± 0,66	
	P23 / Cartões de Crédito	2,32 ± 0,33	2,36 ± 0,32	2,57 ± 0,26	2,43 ± 0,56	2,53 ± 0,77	
	P24 / Economia e Política	4,11 ± 0,31	4,56 ± 0,21	4,57 ± 0,16	3,93 ± 0,60	3,88 ± 0,71	
	Gênero	Feminino	75,3%	50,5%	27,5%	78,6%	52,9%
		Masculino	24,7%	47,5%	70,1%	21,4%	47,1%
		Prefiro não declarar	0,0%	2,0%	1,2%	0,0%	0,0%
Outro		0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	
Região	Sudeste	9,4%	16,2%	13,2%	3,6%	11,8%	
	Sul	83,5%	71,7%	80,8%	85,7%	82,4%	
	Centro Oeste	1,2%	5,1%	0,6%	3,6%	0,0%	
	Nordeste	3,5%	5,1%	4,8%	7,1%	5,9%	
	Norte	2,4%	2,0%	0,6%	0,0%	0,0%	
Campus	Grande	70,6%	63,6%	67,7%	85,7%	70,6%	
	Médio	18,8%	31,3%	26,3%	7,1%	17,6%	
	Pequeno	10,6%	5,1%	6,0%	7,1%	11,8%	
Fase	Fase 1	37,6%	49,5%	27,5%	42,9%	23,5%	
	Fase 2	3,5%	2,0%	1,2%	7,1%	11,8%	
	Fase 3	23,5%	18,2%	18,0%	17,9%	29,4%	
	Fase 4	2,4%	4,0%	2,4%	0,0%	11,8%	
	Fase 5	20,0%	15,2%	29,3%	14,3%	5,9%	
	Fase 6	1,2%	1,0%	8,4%	0,0%	0,0%	
	Fase 7	10,6%	5,1%	8,4%	17,9%	11,8%	
	Fase 8	1,2%	2,0%	1,2%	0,0%	5,9%	
	Fase 9	0,0%	2,0%	3,0%	0,0%	0,0%	
	Fase 10	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	
	Fase 11	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Formação Financeira	Outra	100%	92,6%	84,2%	70,6%	92,9%	
	Relacionado com finanças	0,0%	7,4%	15,8%	29,4%	7,1%	

Apoio financeiro	Não	35,3%	27,3%	38,9%	78,6%	58,8%
	Sim	64,7%	72,7%	61,1%	21,4%	41,2%
Emprego	Não	41,2%	45,5%	34,7%	17,9%	35,3%
	Empreendedor	1,2%	4,0%	9,6%	7,1%	11,8%
	Emprego formal	27,1%	23,2%	30,5%	53,6%	35,3%
	Informal/Estágio/Temporário	25,9%	24,2%	22,2%	14,3%	11,8%
	Outro	4,7%	3,0%	3,0%	7,1%	5,9%
Renda	Até R\$ 1000,00	57,6%	48,5%	42,5%	32,1%	17,6%
	De R\$ 1000,01 a R\$ 2000,00	30,6%	29,3%	34,7%	35,7%	29,4%
	De R\$ 2000,01 a R\$ 3000,00	4,7%	12,1%	15,0%	28,6%	29,4%
	De R\$ 3000,01 a R\$ 5000,00	5,9%	2,0%	7,8%	3,6%	17,6%
	Mais de R\$ 5000,01	1,2%	8,1%	0,0%	0,0%	5,9%
Residência	Com pai/mãe/pais	51,8%	43,4%	34,1%	7,1%	5,9%
	Cônjuge e/ou filhos	16,5%	9,1%	25,7%	60,7%	88,2%
	Divide moradia com outras pessoas	15,3%	31,3%	25,7%	7,1%	5,9%
	Sozinho	8,2%	12,1%	12,0%	17,9%	0,0%
	Outros	8,2%	4,0%	2,4%	7,1%	0,0%
Imóvel	Alugado	43,5%	57,6%	50,3%	32,1%	29,4%
	Cedido/Mora de favor	7,1%	7,1%	6,0%	17,9%	17,6%
	Próprio (financiado)	8,2%	5,1%	6,0%	21,4%	17,6%
	Próprio (quitado)	41,2%	28,3%	35,3%	25,0%	23,5%
	Outros	0,0%	2,0%	2,4%	3,6%	11,8%
Escolaridade dos Pais	Analfabeto	2,4%	2,0%	0,6%	7,1%	0,0%
	Ensino fundamental incompleto	32,9%	18,2%	21,0%	35,7%	29,4%
	Ensino fundamental completo	3,5%	7,1%	6,0%	7,1%	35,3%
	Ensino médio Incompleto	5,9%	5,1%	4,8%	0,0%	5,9%
	Ensino médio completo	24,7%	30,3%	24,6%	25,0%	11,8%
	Graduação incompleta	5,9%	3,0%	7,8%	14,3%	0,0%
	Graduação completa	9,4%	21,2%	18,6%	0,0%	17,6%
	Pós-graduação	15,3%	12,1%	16,8%	7,1%	0,0%
Não sei	0,0%	1,0%	0,0%	3,6%	0,0%	
Dívidas	Não	44,7%	57,6%	59,3%	32,1%	17,6%
	Sim	55,3%	42,4%	40,7%	67,9%	82,4%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

## **ANEXOS**

## Anexo A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ALTO VALE  
DO RIO DO PEIXE - UNIARP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Educação e alfabetização financeira dos alunos de graduação de uma IES catarinense

**Pesquisador:** ADENES SABINO SCHWANTZ

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 12425319.1.0000.5593

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - FUNIARP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.299.337

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Não há riscos

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

sem comentarios

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão de acordo com as exigências

**Recomendações:**

nao ha

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

aprovado

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1326297.pdf	11/04/2019 12:54:39		Aceito
Outros	DECLARACAO.pdf	11/04/2019 12:53:50	ADENES SABINO SCHWANTZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/04/2019 12:52:49	ADENES SABINO SCHWANTZ	Aceito

**Endereço:** Rua.Victor Baptista Adami, 800

**Bairro:** Centro

**CEP:** 89.500-000

**UF:** SC

**Município:** CACADOR

**Telefone:** (49)3561-8288

**E-mail:** pesquisa@uniarp.edu.br



UNIVERSIDADE ALTO VALE  
DO RIO DO PEIXE - UNIARP



Continuação do Parecer: 3.299.337

Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	11/04/2019 12:52:17	ADENES SABINO SCHWANTZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CEP_Adenes.pdf	01/04/2019 16:29:12	ADENES SABINO SCHWANTZ	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CACADOR, 02 de Maio de 2019

---

**Assinado por:**  
**Sônia de Fátima Gonçalves**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: Rua.Victor Baptista Adami, 800

Bairro: Centro

CEP: 89.500-000

UF: SC

Município: CACADOR

Telefone: (49)3561-6288

E-mail: pesquisa@uniarp.edu.br

## Anexo B – Autorização de Execução da Pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

PARECER Nº 1761 / 2019 - PROPI/REIT (11.01.18.05)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Blumenau-SC, 22 de maio de 2019.

À ADENES SABINO SCHWANTZ,

Docente EBTT - IFC

Considerando os documentos acostados ao Processo 23352.000905/2019-11, em especial, a **DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS**, emitida em 04/04/2019 e assinada pela Reitora Substitua em exercício do IFC, professora JOSEFA SUREK DE SOUZA, e a aprovação do projeto por meio do Parecer nº. 3.299.337, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - UNIARP, a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFC manifesta ciência e autoriza a continuidade da pesquisa a ser operacionalizada via CÉCOM da instituição.

Este é o parecer.

Cladecir Alberto Schenkel

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Portaria 283, de 26/01/2016

DOU de 27/01/2016

*(Assinado digitalmente em 22/05/2019 18:06 )*  
CLADECIR ALBERTO SCHENKEL  
PRO REITOR PES PRO GRAD/PROPPG - TITULAR  
Matricula: 2095330

Processo Associado: 23352.000905/2019-11

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/> informando seu número: 1761, ano: 2019, tipo: PARECER, data de emissão: 22/05/2019 e o código de verificação: b9dbf859f4